

ENTREVISTA DA 2ª Ailton Krenak Não quero salvar índios, mas evitar extinção

"Estou dando um toque de que, se a gente não se cuidar, vamos todos para a metástase", diz o escritor e líder indígena. Cotado para o prometido Ministério dos Povos Originários, ele encerra, com "Futuro Ancestral", sua trilogia de livros com ideias para adiar o fim do mundo. **A14**

Ilustrada C1 Além do arrasta-pé

Xand Avião comemora 20 anos de carreira iniciada com os Aviões do Forró, grupo que revolucionou não só o gênero mas as formas de promoção na indústria musical do país.

Ciência B5 Orion, cápsula da Nasa, conclui missão preparatória para nova viagem à Lua

Fila para o Auxílio Brasil ressurge depois da eleição

128 mil famílias entraram na lista; pasta da Cidadania não explica pendências

Encerrado o segundo turno da eleição presidencial, o programa social Auxílio Brasil — criado pelo governo Jair Bolsonaro (PL) como versão ampliada do Bolsa Família — voltou a registrar fila de espera, algo que não ocorria desde agosto, quando a campanha ganhou mais força.

Segundo dados obtidos pela Folha, 128 mil famílias entraram na lista em novembro. Elas já tiveram seu cadastro aprovado pelo Ministério da Cidadania, responsável pelo programa, mas ainda não foram atendidas. A pasta não informou os motivos do represamento.

A fila começou zerada neste ano, mas, por falta de verbas, cresceu até atingir em julho a marca de 1,569 milhão de famílias. Mirando a reeleição, Bolsonaro se empenhou em elevar o orçamento do Auxílio Brasil e conseguiu manter o pleno atendimento entre agosto e outubro.

O número de beneficiários superou os 21 milhões, recorde que se repetiu neste mês. No formato atual, o programa já representa um gasto de R\$ 13 bilhões mensais para os cofres públicos, o que reduz o espaço para eliminar a fila ou impedir que ela aumente. **Mercado A15**



Cápsula Orion se aproxima da Terra ao retornar da Lua ontem; viagem é parte da missão Artemis, que levará homem de volta ao satélite **Jose Romero/Nasa TV/AFP**

PEC elevará recursos para saúde e MEC no Orçamento

O relator do Orçamento de 2023, senador Marcelo Castro (MDB-PI), disse que o espaço de R\$ 105 bilhões aberto com a PEC da Transição permitirá principalmente mais gastos em educação e saúde.

O parlamentar também mencionou outras áreas que serão contempladas, como o programa Minha Casa, Minha Vida e o DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes). **Mercado A16**

Transição atrela diálogo com Aras a saída da vice-PGR

Pessoas próximas ao presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) veem a saída de Lindora Araújo, ligada ao bolsonarismo, como condição para diálogo entre o novo governo e o procurador-geral da República, Augusto Aras, que tem mandato até setembro de 2023. **Política A4**

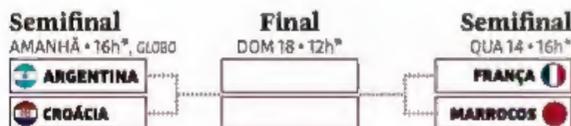
copa 2022

Nas semis, França enfrentará retranca, e Messi, inteligência

Na tentativa de retornar ao confronto final, a França, defensora do título, e a Croácia, atual vice-campeã, terão pela frente, respectivamente, Marrocos e Argentina. Marroquinos e croatas tentam surpreender os favoritos. **p.1**

Eliminação do time de Tite causa debandada de brasileiros no Qatar **p.3**

Luís Curro Ataque ineficaz foi falha principal da seleção **p.5**



*Horário de Brasília

Ao menos dois morrem em protestos no Peru Dois jovens morreram ontem durante os atos contra o novo governo que tomam país desde quarta (7), após golpe abortado. **Mundo A12**

Busca por renda esvazia comunidade quilombola Vila Santo Isidoro (MG) fica deserta entre abril e novembro, quando cerca de 40% de seus 750 moradores migram. **Cotidiano B1**

Republicano radicaliza em disputa por liderar Câmara dos EUA **A10**

Com expansão do EAD, escolas ocupam prédios vazios de faculdades **B2**



Gabriela Bilo/Folhapress

DEPOIS DO FUTEBOL, QATAR TERÁ COPA DE FALCOARIA

Tratador cuida de falcão em hospital especializado antes do Marmi Festival, evento que anualmente atrai a Doha milhares de pessoas; clínicas recebem treinadores preocupados com a saúde das aves de caça, que podem alcançar valor milionário e são símbolo do país **p.6**

Bancos perdem 1º lugar na formação do índice da Bolsa

As instituições bancárias perderam em novembro o posto de segmento com maior participação na composição do Ibovespa, no qual se mantinham desde 2013, segundo levantamento do TradeMap. Os papéis ligados à mineração pularam para o primeiro lugar. **Mercado A19**

EDITORIAIS A2

Mais ICMS e preços Sobre tributação de combustíveis e eletricidade.

Paraisópolis, 3 anos Acerca de impunidade em operação policial trágica.

ATMOSFERA

São Paulo hoje
31°
20°
0h 6h 12h 18h 24h

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartzman,

Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano,

Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos,

Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA-EXECUTIVA Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais),

Antonio Cavalcanti Junior (financeiro, planejamento e novos negócios),

Everton Fonseca (tecnologia) e Marcelo Benex (comercial)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Mais ICMS e preços

Conflitos sobre tributação de combustíveis e energia mostram urgência de reforma do imposto

Num passo importante para dirimir a controvérsia que se estabeleceu entre os estados e a União após a aprovação de duas leis que impõem limites à cobrança do ICMS sobre produtos essenciais, as partes chegaram a um acordo parcial na Comissão de Conciliação criada no Supremo Tribunal Federal.

As legislações, aprovadas em junho com motivações eleitoreiras, estabeleceram que combustíveis, GLP, gás natural, eletricidade, transportes e telecomunicações são itens essenciais — e limitaram a alíquota do ICMS (um tributo estadual) incidente sobre eles em 17% ou 18%.

Nos casos de gasolina, etanol e diesel, além disso, foi proibida a cobrança como percentual do preço em favor de um valor fixo por litro, entre outras restrições. Foi ainda definindo um critério de compensação pela União neste ano, limitado a 5% das perdas de receitas ante o verificado em 2021.

De fato, vários estados impunham cobrança excessiva sobre combustíveis, às vezes acima de 30%. A legislação foi efetiva em reduzir os preços na bomba, mas resultou em redução de arrecadação, que segundo o Comsefaz (órgão que reúne os secretários das fazendas estaduais) pode chegar a R\$ 124 bilhões anuais. Daí a reação dos governadores, que foram ao STF em busca de apoio.

Seria inoportuno que a corte in-

tervesse em desfavor da legislação aprovada, porém a busca de um acordo que reduza o conflito federativo é positiva.

Após meses de negociações, parece haver alinhamento para restaurar a autonomia na definição das alíquotas de todos os combustíveis, com exceção da gasolina, desde que respeitado o teto legal para a cobrança.

Na prática, poderá haver volta da cobrança percentual, o que pode levar a novos aumentos para o consumidor. A gasolina será objeto de acordo à parte, o que sugere que talvez deixe de ser considerada item essencial, e assim não mais sujeita aos limites de cobrança.

Ainda não há definição sobre as compensações da União e o prazo para uma conciliação foi estendido por mais 120 dias.

Enquanto isso, vários estados se movimentam para buscar recursos. O Comsefaz estimou que a alíquota padrão do ICMS em todo o país precisaria subir de 17,5% para 21,5% para restaurar a arrecadação.

O episódio demonstra a urgência de uma reforma tributária para a criação de um imposto único sobre valor agregado cobrado no local de consumo dos produtos.

Além da pacificação federativa, seria o passo definitivo para o fim da guerra fiscal por investimentos e da miríade de regras estaduais que criam burocracia para as empresas e ineficiência na economia.

Paraisópolis, 3 anos

Operação policial que resultou em pisoteamento e mortes segue sem punição dos responsáveis

No dia 1º de dezembro de 2019, uma ação policial de repressão a um baile funk terminou com nove pessoas mortas por pisoteamento e outras sete feridas, na favela de Paraisópolis, zona sul de São Paulo.

A tradicional festa de rua intitulada Baile da DZ7 contava com mais de 5.000 pessoas. Imagens e relatos expõem o encurralamento da multidão em vielas e abusos por parte dos agentes da lei.

A falta de planejamento da operação precipitada, com rotas de dispersão insuficientes, contribuiu para as mortes. A justificativa de combate ao crime organizado ou ao distúrbio da ordem não deve servir de cheque em branco para que a Polícia Militar atue de forma a causar mortes de civis.

Em 2020, a Corregedoria da PM considerou a ação como legítima defesa e pediu o arquivamento do caso. A Polícia Civil e o Ministério Público discordaram, contudo. Em 2021, 12 dos 31 policiais envolvidos foram indiciados por homicídio com dolo eventual (quando se assume o risco de matar).

Mas o caso segue sem julgamento, com injustificada morosidade.

Estudo do Núcleo de Justiça Racial e Direito da Fundação Getúlio Vargas, noticiado pela Folha, mostrou que o Estado falha ao tratar

de casos como o de Paraisópolis e outros envolvendo, sobretudo, jovens negros e pobres.

É fácil classificar episódios dessa magnitude como tragédias. No entanto o termo esconde, de um lado, a responsabilidade de agentes policiais e, de outro, o dever de comandantes e dirigentes políticos de planejar operações que não resultem em mortes.

No dia seguinte ao ocorrido, após lamentar as vítimas, o então governador João Doria elogiou a polícia paulista, segundo ele "preparada, equipada e bem informada".

Publicado neste mês, o relatório "O Massacre no Baile da DZ7, Paraisópolis", da Unifesp e da Defensoria Pública de São Paulo, analisou as justificativas da Polícia Militar, entre elas resistência, pisoteamento e socorro pelos policiais.

Evidências como imagens, áudios, fotografias e exames do corpo das vítimas apontam para um cenário menos compatível com a versão policial de autodefesa.

Paraisópolis expõe a lentidão da Justiça em punir responsáveis, compensar as famílias das vítimas e instigar a reformulação de políticas de segurança ineficazes e custosas. Por baixo das teias jurídicas, jazem as vítimas que demandam respostas do poder público.



Legislando o útero

Lygia Maria

Uma juíza do estado de São Paulo rejeitou o pedido de acesso ao aborto a uma mulher grávida de um feto sem possibilidade de vida após o parto. O laudo médico atesta que o feto não possui rins, tem os pulmões comprometidos, e recomenda a interrupção por causa dos riscos gestacionais e para minimizar danos à saúde mental da mulher e dos familiares.

Não se sabe se a juíza acha que é possível viver sem rins, mas, em sua decisão hedionda, alegou que não há provas de que o feto não sentirá dor. Ela se refere à decisão do STF que autorizou o aborto em casos de anencefalia. Sem cérebro, de fato, é impossível sentir dor, mas isso não é argumento válido. Se fosse, o aborto em casos de estupro não seria permitido. O que o legislador privilegia é a saúde física e mental de quem gesta.

O pano de fundo é a ideia reificadora de que o útero é um mero receptáculo que abriga um ser vivo autônomo. Não. Não somos vasos de plantas. Somos seres humanos que merecem ser tratados em nossa complexidade física e mental, como

sujeitos, não como objetos.

No livro "O embrião é um ser vivo?", o filósofo francês Francis Kaplan mostra que não é o embrião que se desenvolve no útero, é o corpo da mãe que o desenvolve. O feto faz parte do corpo da mulher.

Claro que a argumentação de Kaplan pode não ser suficiente para apoiar a legalização indiscriminada da prática, mas, com certeza, expõe a falta de lógica e de humanidade no discurso que suporta a proibição em casos de estupro — inclusive de crianças —, de risco para a vida da gestante ou de impossibilidade de vida extrauterina.

O mais curioso, para não dizer absurdo, é ver pessoas de direita que apoiam a luta por liberdade das mulheres em países islâmicos (como ocorre atualmente no Irã) e que, ao mesmo tempo, não veem problema em obrigar uma mulher a gestar um natimorto ou uma criança a ter o filho do pai que a estuprou.

Não há ideologia, política ou religiosa, que justifique tratar mulheres com tamanha indignidade.

Mistura pacífica?

Ana Cristina Rosa

Uma inquietação acrescida de desconforto costuma se apossar de mim toda vez que uma sentença supostamente proferida com a melhor das intenções soa fora de contexto.

Foi assim quando ouvi um futuro ministro de Estado falar sobre pobreza e exclusão social e afirmar que "somos uma mistura pacífica", mas ele tem "medo que esse tempo de paz esteja se esvaindo".

O fato de o racismo no Brasil por muito tempo ter sido velado não significa que a convivência interracial tenha sido pacífica em algum momento da nossa história. Da abolição (quando os ex-escravizados começaram a viver na mendicância), passando pela Lei da Vadiagem (que incriminou "negros desocupados"), até a oposição às cotas raciais, sobram exemplos de violência, opressão e desrespeito a direitos dos afrodescendentes.

Para além das implicações psíquicas, inúmeros indicadores dão provas de que a cor da pele nos distingue no dia a dia. Tanto que, em solo nacional, um negro tem 2,6 vezes mais risco de ser assassinado

do que um não negro.

Talvez a evidência mais escandalosa do racismo à brasileira esteja nos resquícios escravocratas revelados pelos números ligados ao dito trabalho análogo à escravidão. Na análise do componente racial, 80% das pessoas encontradas nessas condições são autodeclaradas pretas ou pardas.

Pelas estatísticas do Ministério do Trabalho e Previdência, em 2021 foi registrada alta de 106% nos casos de flagrante dessa prática criminoso em comparação a 2020.

Em pleno DF, na semana passada 14 trabalhadores foram resgatados em condições insalubres, em alojamentos superlotados, sem água potável. Sem falar na senhora de 82 anos que o Ministério Público do Trabalho libertou no interior de SP após 17 anos de "escravidão doméstica".

Infelizmente, a realidade nacional é prova de que nós, brasileiros, sempre vivemos geográfica, social e economicamente segregados por raça. O que parece estar se esgotando é o tempo da submissão.

Liberdade consentida

Ruy Castro

Ouvi essa história em primeira mão. Em 1971, um colega matando aula na praia de Ipanema tocava em sua flautinha doce, moda na época, uma música que estava estudando: o Hino Nacional. As primeiras notas, uma sombra surgiu ao seu lado. Era um homem de certa idade, óculos Ray-Ban, cabelo à escovinha e cara fechada. "Por que está tocando o Hino, garoto?", rugiu. "Está querendo provocar?". Militar, claro. Em plenos anos Médici, o Hino Nacional, tocado obrigatoriamente nas escolas e repartições, era sagrado. Um garoto ensaiando-o baixinho na praia só podia ser provocação.

Enquanto isso, a poucos metros dali, em meio às dunas formadas pela areia despejada na praia para a construção de um emissário submarino, a turma do cinema, teatro, poesia, música popular e agregados fazia a sua revolução de sexo, drogas, rock 'n roll, cabelo, comida natural, astrologia e demais itens da contracultura. Era a "república independente do Pier", que existiu

de 1970 a 1973 e teve como musa sua mais ilustre frequentadora: Gal Costa. Daí, as "dunas da Gal".

Há pouco, a morte de Gal trouxe de volta a memória daquele tempo e não faltaram artigos românticos na imprensa falando das dunas como "um oásis de liberdade", um eterno verão, em que era proibido proibir. Só não perguntaram como foi possível toda aquela liberdade na fase mais dura da ditadura.

É uma pergunta a se fazer aos militares daqueles anos. Pelo visto, ocupados com censurar, prender, torturar, matar e sumir com os que os combatiam de arma na mão, eles achavam besteira perder tempo com um pessoal só a fim de queimar um fuminho e que pregava fazer amor, não guerra — muito menos guerrilha.

Por acaso, na mesma época, os militares estavam dando toda espécie de apoio, assessoria e até financiamento a uma nova mania: os motéis. Com o povo na horizontal ou no maior barato, era mais fácil passar a boiada.

Mudanças nos partidos

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

No auge de sua fase mais jacobina, o moderado Joaquim Nabuco referiu-se aos partidos políticos como "sociedades cooperativas de colocação ou de seguro contra a miséria" ("O Abolicionismo", 1883).

Os mais pessimistas dirão que pouco ou quase nada mudou; há sim mudanças, mas em outras dimensões. Uma delas acaba de ocorrer: uma reversão da hiperfragmentação que está presente há duas décadas.

Produto da reforma de 2017, ela se manifesta em vários níveis. Em primeiro lugar, na redução no número de partidos representados na Câmara de Deputados. O número efetivo de partidos políticos (métrica que leva em conta a dispersão das cadeiras) caiu 40%, de 16,4 — o escore mais elevado já observado nas democracias — para 9,9. Queda esperada considerando as novas regras adotadas em 2017 quanto às cláusulas de desempenho. Em 2022, 23 partidos elegeram ao menos um deputado federal, mas só 16 superaram a cláusula; ocorreu sete fusões ou incorporações partidárias.

Todas as agremiações partidárias no Brasil continuam pequenas ou médias: não há partidos grandes. O PL, o maior partido, detém 19% das cadeiras da Câmara. O segundo maior — o PT — conquistou apenas 10% do Parlamento (a Federação partidária, 13%). Há dez partidos médios com algo entre 7%-11% das cadeiras. Mas, de qualquer maneira, o número de partidos — descontadas as federações — caiu de 30 para 19.

O segundo efeito da reforma foi a queda abrupta das bancadas de um só representante. Na Câmara atual todos os atuais deputados de AL, RO, AP, ES, RR, RN e SE provêm de partidos diferentes. Na bancada eleita o quadro é radicalmente diferente.

Em Alagoas, o PP acaba de eleger quatro deputados federais, o MDB dois; em Rondônia, a União Brasil elegeu a metade da bancada de oito deputados; no Amapá, o PDT e o PL, detêm juntos 75% da bancada estadual; no Espírito Santo, Podemos, PP e PT agora possuem dois deputados cada. Em Roraima, o Republicanos elegeu três deputados, equivalente a quase 40% dos representantes; etc. Nos demais estados, onde a fragmentação não era tão radical, o quadro também mudou. No Piauí, o maior partido da bancada tinha dois representantes; na eleita pulou para quatro.

O enxugamento no número de partidos foi acompanhado de um aumento gigantesco no volume de recursos públicos que recebem. Os incentivos a apoiar quem detém o poder continuam muito fortes, mas não apoiar o governo não significa ficar na rua da amargura.

Nabuco acertou: nunca os partidos estiveram tão longe da miséria! Mas se os partidos e o Legislativo se fortalecerem neste movimento, o enraizamento social dos partidos continua pífio.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias_debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

O que o governo Lula deve saber sobre violência sexual infantil

Há questões urgentes, como riscos da educação domiciliar e direito ao aborto

Luciana Temer

Advogada, professora da Faculdade de Direito da PUC-SP e diretora-presidente do Instituto Liberta

O início de um novo governo representa uma chance enorme de pensar estrategicamente questões importantes para o país. Algumas são urgentes, outras de construção a médio e longo prazo. Na condição de diretora-presidente do Instituto Liberta de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes, gostaria de ajudar a jogar luz em questões urgentes que conversam diretamente com essa temática, apesar de às vezes não parecer.

Vamos começar com a que nós consideramos a mais importante delas: uma eventual aprovação da lei que permite a educação domiciliar. Já tivemos a oportunidade de falar sobre isso aqui neste espaço, quando o projeto de lei ainda estava em tramitação na Câmara dos Deputados. Infelizmente, a nossa voz e de tantas outras organizações não foi ouvida, e o PL 1.388/2022 foi aprovado pela Câmara em 19 de maio (como PL 3.179/2012) e está hoje na Comissão de Educação do Senado.

Nosso argumento contra a aprovação da possibilidade de os pais não mandarem os filhos e filhas para a escola é bem objetivo: a violência contra crianças e adolescentes é preponderantemente intrafamiliar. Se fizermos o recorte só dos dados de violência sexual publicados no Anuário Brasileiro de Segurança 2022, veremos que mais de 61% dos estupros registrados em 2021 foram contra menores de 13 anos de idade, sendo que 40,8% dos estupradores eram pais e padrastos; 37,2% irmãos, primos, tios e outros parentes; e 8,7% avós. Acho que são dados autoexplicativos. Se a criança não vai para a escola, a chance de ela poder contar sobre uma violência intrafa-

miliar, ou alguém perceber, diminui muito. A escola não é só um espaço de aprendizado formal, mas um espaço de proteção da criança.

Ainda na ótica da escola como espaço de proteção, o atual presidente, no apagar das luzes, editou a medida provisória 1.140, que visa impedir que qualquer questão ligada à sexualidade seja discutida no ambiente escolar, o que impede, inclusive, falas sobre violência sexual. Sob o disfarce de um Programa de Prevenção e Combate ao Assédio Sexual no âmbito dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e distrital, o que essa MP na verdade faz é colocar uma mordaca nas institui-

ções públicas e privadas de ensino, impedindo que educadores abordem questões relacionadas ao tema. Basta ler com atenção para entender do que se trata.

Uma terceira questão diz respeito aos impedimentos criados pelo Ministério da Saúde para o exercício do direito legal ao aborto decorrente de estupro — isso num país em que mais de quatro meninas com menos de 13 anos de idade são estupradas por hora. Essa questão já está sendo discutida na ADPF (arguição de descumprimento de preceito fundamental) 989, mas pode facilmente perder o objeto caso medidas simples sejam tomadas pelo novo governo. Algo bem objetivo a ser feito é a revisão do informe "Atenção técnica para prevenção, avaliação e conduta nos casos de abortamento", publicado pelo Ministério da Saúde em 2022, bem como a determinação de que os serviços referenciados pelo Ministério da Saúde forneçam informações adequadas a mulheres e meninas.

Por fim, lembrando que temos pouco espaço aqui e estamos falando só das ações emergenciais, é preciso discutir com seriedade a Lei da Alienação Parental (lei 12.318/2010), que tem feito com que muitas mães que denunciam abusos sexuais praticados pelos pais percam a guarda dos filhos para o abusador. Independentemente de a denúncia ser verdadeira ou não, os processos de retirada da guarda têm sido extremamente traumáticos para as crianças e precisam ser repensados.

Proteger crianças e adolescentes de qualquer forma de violência não é uma opção do governante, é uma imposição da Constituição.

[...]

A violência contra crianças e adolescentes é preponderantemente intrafamiliar. (...) Se a criança não vai para a escola, a chance de ela poder contar sobre uma violência intrafamiliar, ou alguém perceber, diminui muito. A escola não é só um espaço de aprendizado formal, mas um espaço de proteção da criança

Tecnologia, trabalho e exclusão

Hiperconectividade produz alijamento econômico e também digital

Luiz Guilherme Piva

Economista, mestre (UFMG) e doutor (USP) em ciência política e autor de 'Ladrilheiros e Semeadores' (Editora 34) e 'A Miséria da Economia e da Política' (Manole)

A relação do ser humano com a tecnologia é complexa. Ao mesmo tempo em que as inovações geram riqueza e melhores condições de vida para mais pessoas, elas trazem perdas e exclusão. Para Joseph Schumpeter, em "Capitalismo, Socialismo e Democracia" (1942), a busca das empresas por maiores ganhos faz com que elas inovem — trata-se da dinâmica do avanço capitalista, que forma vencedores e perdedores continuamente ("destruição criativa").

Mas há outra camada nessa relação, que é a do ser humano com o trabalho e o ócio.

Trabalho vem do latim "tripalium", instrumento de tortura aplicado a escravos nas sociedades grega e romana. Trabalho era um valor negativo; e ócio, apanágio das elites, positivo. É recente (calvinismo, século 16) sua valorização positiva: a disciplina religiosa seria a principal engrenagem econômica, segundo Max Weber ("A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", de 1904).

O marxismo valoriza o trabalho por forjar a classe revolucionária, mas o condena por ser o instrumento de dominação dos trabalhadores. Em "A Ideologia Alemã" (1847), Marx e Engels propugnam que o comunismo extingiria o trabalho e, assim, libertaria o ser humano, que poderia caçar, pescar ou ser crítico de arte quando quisesse. Daí vem "O Direito à Preguiça" (1880), de Paul Lafargue, para quem os avanços mecânicos diminuiriam a jornada, e "O Ócio Criativo" (2000), de Domenico

De Masi, que vislumbra a combinação ótima entre trabalho, estudos e lazer propiciada pela tecnologia.

Mas, diferentemente, frente a grandes inovações, como nas Revoluções Industriais, os trabalhadores reagiram mal, justamente pela perda de trabalho e renda. São famosos movimentos como o ludismo, quando operários ingleses quebravam os novos maquinários na 1ª Revolução Industrial. Há até quem ache que a palavra "sabotagem" decorra de tamancos ("sabots"), que trabalhadores atiravam contra as máquinas.

[...]

Tudo é oferecido na linguagem informacional, sejam serviços públicos, sejam bens privados — e ela é requisito para qualquer emprego. Há uma grande facilidade nisso, mas ergue-se uma barreira, para muitos grupos, para atender seus desejos e necessidades

Eles não queriam o ócio, como nas utopias citadas. Porque ócio significava desemprego, miséria e morte. Lutavam pelo trabalho.

Hoje, a complexidade dessas relações se mantém. Todos parecem estar integrados e desfrutando das novas tecnologias. Mas não. A hiperconectividade, além de exclusão econômica (como em todos os momentos de transformação), produz exclusão digital, que agrava aquela. Ela advém da diferenciação de acesso a equipamentos e programas e do desnível de treinamento para a utilização das ferramentas.

Esse desnível, além da renda, tem um componente geracional e educacional. Há grupos com habilidades "antigas" (os destruídos, ou perdedores), misturados aos hipertreinados (os criadores, ou vencedores), mas tratados todos como "clientes" proficientes em redes e aplicativos.

Tudo é oferecido na linguagem informacional, sejam serviços públicos, sejam bens privados — e ela é requisito para qualquer emprego. Há uma grande facilidade nisso, mas ergue-se uma barreira, para muitos grupos, para atender seus desejos e necessidades. Não é uma situação irrelevante, ainda mais conjugada à desigualdade econômica e social — o que, no limite, gera empregos e ócios ótimos para alguns e desempregos e ócios letais para outros.

Mas ainda não se veem excluídos digitais quebrando smartphones com tamancadas. Embora, confesse, às vezes dê vontade.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para a: Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço



O atacante Neymar chora após a seleção brasileira ser eliminada da Copa do Mundo do Qatar Gabriela Blió - 9. dez. 22 / Folhapress

Futuro no futebol

"Sem brilho, Neymar pode ter encerrado sua trajetória em Copas" (Esporte, 10/12). Neymar foi bem na Copa! Deve-se analisar o técnico e suas convocações! Deve-se analisar o buraco que teve a defesa no gol de empate. Isso, para quem entende de futebol, é falta de treinamento específico.

Neli de Faria (São Paulo, SP)

Esse não vai deixar saudades, e leva junto esse arrogante Daniel Alves. São símbolos de uma geração perdedora, muito dinheiro, tatuagens, manicure, cabeleireiro, dancinhas, mas pouca bola e zero de futebol.

Claudyr Montagnoli (Campinas, SP)

Sem brilho? Com certeza fez o gol mais bonito da Copa, gol de craque. O comentarista se esquece que Neymar veio de contusão séria? Só não vai ser o craque da Copa porque o Brasil saiu, e de forma injusta.

Joaquim Carlos Fares

(Rio de Janeiro, RJ)

Seria ótimo se Neymar estivesse na próxima Copa. No entanto sem coraça! Não precisa provar mais nada! Seu nome já está inscrito na galeria dos maiores do nosso futebol.

Jane Medeiros

(Rio de Janeiro, RJ)

Benefício

"Fila do Auxílio Brasil ressurgiu após eleição e já tem 128 mil famílias" (Mercado, 11/12). É preciso fazer um rigoroso controle de quem recebe. Há muita madame que não trabalha e não precisa do dinheiro porque o marido é bem empregado e está recebendo o auxílio, utilizando o valor para pagar diarista ou compra de supérfluo.

Maria Izabel Costa (Curitiba, PR)

Até agora não mexeram uma palha para tirar o trabalhador da pobreza. As propostas até agora são só para levar milhares para debaixo das pontes. Só distribuição de auxílios sem nenhum projeto de desenvolvimento econômico para gerar riquezas e empregos.

João Leite Leite (Osasco, SP)

Este é o Brasil que só se importa com o futebol e o hexa. Escolheram o seu destino que é ser uma nação sempre fracassada.

Paolo Valério Caporuscio

(São Paulo, SP)

Reconhecimento

"Isabel Cristina, assassinada há 40 anos em MG, é beatificada pela Igreja Católica" (Cotidiano, 10/12). Parabéns à Igreja Católica que exaltou um ser humano honesto. Ela sim é uma heroína.

Douglas Garcia (São Caetano do Sul, SP)

A virtude de Isabel Cristina está na forma como viveu. A morte trágica veio como coramento.

Filipe Moura Lima (Amparo, SP)

Monarquia

"O autoproclamado reino que não reconhece a Alemanha" (Mundo, 10/12). Foi com gente irrelevante como esta que a última grande guerra foi disseminada. O ser humano não se cansa de retroceder.

Luciani Aubin Kehl

(Porto Alegre, RS)

Revolta felina

"ONG de proteção animal entra com ação contra a CBF por maus-tratos de gato" (F5, 11/12). Perderam a chance de ganhar sete vidas de apoio. Teriam precisado contra a Croácia.

Wilson Barbosa Soares

(Rio de Janeiro, RJ)

Excelente! Que exemplo nojento de como tratar um gato amigável enquanto o mundo está assistindo.

Maurren Santana (Salvador, BA)

Um gatinho simpático ao vivo na entrevista da seleção... A sorte foi expulsa naquele momento. Não eram merecedores.

André Ramos (Feira de Santana, BA)

Cerimônia no TSE

"Diplomação consolida vitória eleitoral de Lula em meio a atos antidemocráticos de bolsonaristas" (Política, 10/12). Para os atos antidemocráticos, a lei. E para o novo presidente eleito, a diplomação e posse. Simples.

João Pedro Sousa (São Paulo, SP)

Lamentavelmente há décadas a população brasileira vem sendo submetida a um processo de emburrecimento, pão, circo, bebida, fumo e orgias. Quando a evolução espiritual da humanidade se tornar a prioridade da vida, a democracia alcançará grau de aperfeiçoamento nunca visto.

Benedicto Ismael Dutra (São Paulo, SP)

Estratégia

"Lula quer alardear 'cenário caótico' para evitar cobrança por erros de Bolsonaro" (Política, 10/12). Típico de governos tupiniquins: criam dificuldades para vender facilidades. Qualquer observador atento sabe que esse futuro governo tem pouca chance de dar certo.

Paulo Rivaíl Andrade

Andrade (Ituiutaba, MG)

Inadimplência generalizada, calote nos precatórios, tarifa elétrica com passivo bilionário, verbas de pesquisa inexistentes, milhares de militares em cabide de empregos, a disciplina fraturada nos quartéis. Caos? Exagero, segundo os autores.

Berenice Gaspar de Gouveia

(Rio de Janeiro, RJ)

Decisão judicial

"Júri americano condena motorista bêbado a pagar US\$ 353 milhões por morte de ciclista" (Ciclocosmo, 11/12). E o réu tem condições de pagar isso? Está parecendo uma condenação inútil.

Carlos Victor Muzzi Filho

(Belo Horizonte, MG)

A condenação ao pagamento de quantia tão exorbitante só serve mesmo para gerar manchetes chamativas, pois é óbvio que o motorista, se pagar algo, será uma infima fração daquele montante.

Barbara Maidel (São Paulo, SP)

Vida real

"Gloria Perez ataca fã e volta a sugerir apoio a Bolsonaro contra Lula e o PT" (Ilustrada, 11/12). Que pena que essa senhora não tenha aprendido nada com todo o drama que viveu.

Geraldina Aparecida Dias

(Várzea Paulista, SP)

Ano 1 de Mendonça no STF é marcado por casos paralisados

Ministro suspendeu ações ligadas ao desmatamento da Amazônia e caso Dirceu

José Marques

BRASÍLIA Próximo de completar um ano como ministro do STF (Supremo Tribunal Federal), André Mendonça suspendeu em 2022 mais processos do que qualquer outro integrante da corte por meio de pedidos de vista (mais tempo para análise).

Parte das paralisações serviu estrategicamente para o ministro forçar uma solução processual diferente para determinados casos e, em algumas situações, provocou incômodo de colegas.

De acordo com dados do próprio Supremo, Mendonça pediu vista de 49 processos julgados em plenário, pelos 11 ministros, de forma virtual ou presencial.

Em comparação, foram 11 pedidos de vista de Alexandre de Moraes, um de Cármen Lúcia, 11 de Dias Toffoli, 1 de Edson Fachin, 29 de Gilmar Mendes, 4 de Luiz Fux, 12 de Kassio Nunes Marques, 16 de Ricardo Lewandowski, 2 de Luís Roberto Barroso e nenhum de Rosa Weber.

Na Segunda Turma, composta por Mendonça e mais quatro ministros, ele também foi o que mais pediu vista: 62 vezes, contra 23 do segundo lugar, Gilmar Mendes. Nenhum dos ministros da Primeira Turma fez tantos pedidos de vista.

Alguns desses processos já



O ministro André Mendonça, indicado para o Supremo pelo presidente Bolsonaro em 2021

Rosinei Coutinho/STF

foram devolvidos para votação, a exemplo de duas ações que podem levar à revogação do último mandato de prisão em vigor contra o ex-governador Sérgio Cabral, do Rio.

Cabral é o único acusado ainda em regime fechado em razão das apurações da Lava Jato —Mendonça votou a favor da soltura.

Desde março, porém, o ministro mantém suspensa uma ação em que o ex-ministro José Dirceu (PT) tenta extinguir, sob o argumento de prescrição, uma pena de oito anos a que

foi condenado na Lava Jato.

Mendonça foi o ministro mais recente a ser empossado no Supremo, em 16 de dezembro do ano passado. Pastor presbiteriano, é o segundo indicado ao posto pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), que havia afirmado querer alguém "terrivelmente evangélico" no tribunal.

Antes de ingressar na corte, ele foi advogado-geral da União e ministro da Justiça da gestão Bolsonaro.

Embora tenha uma atuação menos alinhada ao gover-

49

processos tiveram pedido de vista apresentado por Mendonça nos plenários virtual e presencial do STF, o que o torna recordista entre os 11 ministros

2

ministros foram indicados para o STF por Bolsonaro durante seu mandato: André Mendonça, que foi empossado em 16 de dezembro de 2021, e Kassio Nunes Marques, que assumiu a vaga em 5 de novembro de 2020

no do que Kassio Nunes Marques, primeiro integrante do Supremo indicado por Bolsonaro, alguns dos pedidos de vista de Mendonça foram benéficos tanto à gestão quanto a aliados do presidente.

Em abril, ele interrompeu duas ações da chamada "pauta ambiental" do Supremo, após um longo e duro voto da relatora, a ministra Cármen Lúcia.

Como é o novato do STF, Mendonça é responsável por votar nos processos do plenário físico logo após o relator. Cármen havia votado por

determinar ao governo federal que apresentasse em 60 dias um plano de execução "efetiva e satisfatória" para a redução do desmatamento na Amazônia e o resguardo do direito dos indígenas que vivem na região.

Mendonça pediu vista e disse que, enquanto esteve à frente do Ministério da Justiça, tentou colaborar com "a preservação não só da floresta como de situações que ponham em risco comunidades indígenas do local".

No entanto, afirmou que é relator de outras ações que também falam sobre prejuízo à Constituição em ações na Amazônia e no Pantanal.

A ação sobre a Amazônia, no caso dele, também inclui os estados, além da União, e o ministro disse que queria analisar a situação em conjunto. Os processos, porém, não voltaram à pauta do Supremo até o momento.

Meses depois, em junho, ele pediu vista nos primeiros segundos de um julgamento virtual que pretendia rever decisão de Kassio que restituiu o mandato do deputado estadual Fernando Francischini (União Brasil-PR), apoiador de Bolsonaro.

O pedido de vista permitiu que o próprio Kassio levasse sua decisão para apreciação da Segunda Turma.

Em agosto, ele suspendeu o julgamento de 20 recursos que seriam analisados pelos ministros da corte em inquéritos como o das fake news e dos atos antidemocráticos do 7 de Setembro do ano passado.

Esses recursos são referentes a decisões que o ministro Alexandre de Moraes tomou nessas investigações.

A maioria deles está sob sigilo e foi levada para avaliação dos 11 integrantes do tribunal. Foram colocados em

análise recursos dos empresários Luciano Hang e Otávio Fakhoury, dos deputados Bia Kicis (PL-DF), Daniel Silveira (PTB-RJ) e Otoni de Paula (MDB-RJ), além do Facebook.

Em 10 de novembro, houve o pedido de vista de maior repercussão do ministro.

Ele suspendeu um processo criminal e colocou em risco a possibilidade de prescrição de uma eventual pena ao deputado Silas Câmara (Republicanos-AM), ex-líder da bancada evangélica.

Ao ser aprovado pelo Senado para o STF no fim do ano passado, Mendonça disse que o parlamentar foi "essencial" e um "ombro amigo que Deus enviou" para que pudesse integrar a corte.

Apoiador de Bolsonaro nas eleições deste ano, Câmara foi reeleito com 125 mil votos.

A justificativa de Mendonça para o pedido de vista foi a de que o deputado poderia ter a chance de firmar um acordo com a PGR.

Na ocasião, ele foi alertado pelos colegas. "Esse processo nós incluímos em pauta em função de não deixarmos ocorrer a prescrição sem julgamento", disse a presidente do Supremo, Rosa Weber.

"[A pena proposta] estaria prescrita a partir do dia 2 de dezembro", afirmou Barroso.

Porém, a um dia da prescrição, o ministro validou um acordo com a PGR (Procuradoria-Geral da República) em que Silas Câmara confessou ter cometido racha-dinha em seu gabinete e se compromete ao pagamento, em 30 dias, de multa de R\$ 242 mil para ter a ação contra ele encerrada.

O acordo foi firmado só depois do pedido de vista de Mendonça. Antes, a defesa do deputado negava que ele tivesse cometido qualquer irregularidade.

PLANOS DE PREVIDÊNCIA BRADESCO.

Viver mais é planejar

O FUTURO

Faça até **29/12/2022** um PGBL Bradesco e deduz a até **12%** da sua renda bruta anual tributável no **IR 2023**.

Fale com um dos nossos Especialistas do Bradesco.



bradesco
vida e previdência

Com Você. Sempre.



Central de Relacionamento: 4002 0022 / 0800 570 0022, de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 18h, horário de Brasília | SAC: 0800 727 9966 / 0800 701 7877 para Deficiência Auditiva ou de Fala, de segunda a sexta-feira, 24 horas por dia. Ouvidoria: 0800 701 7000 / 0800 701 7877 para Deficiência Auditiva ou de Fala, de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h, horário de Brasília | Especialistas de Investimentos: 4020 1414 / 0800 704 1414, de segunda a sexta-feira, das 8h às 20h, horário de Brasília.

Bradesco Vida e Previdência S.A. CNPJ 51.990.695/0001-37. A aprovação do plano pela SUSEP não implica, por parte da Autarquia, incentivo ou recomendação à sua comercialização. Possibilidade de opção pelo critério de tributação por alíquotas decrescentes (regime regressivo). Informamos os tributos incidentes sobre Prêmios ao Seguro de Vida com Cobertura por Sobrevivência: PIS: 0,65% (*), COFINS: 4,00% (*), IOF: entre 0% e 7,38% (*), sobre as Contribuições à Previdência Privada e ao FAP: PIS: 0,65% (*) e COFINS: 4,00% (*) e sobre a Taxa de Administração: PIS: 0,65% (*), COFINS: 4,00% (*) e ISS: de 2% a 5% (*). (*) Apurados e recolhidos nos termos da legislação aplicável. O regulamento poderá ser consultado no portal da SUSEP, na rede mundial de computadores. Os direitos e as obrigações das partes estão definidos na Proposta e no Regulamento do plano contratado. Na modalidade PGBL, possibilidade de dedução de até 12% da renda bruta anual tributável. Válido somente para quem faz declaração no modelo completo e ser contribuinte no Regime Geral de Previdência Social ou Regime Próprio de Previdência Social. Os beneficiários de aposentadoria ou pensão dos regimes mencionados ficam dispensados da regra de recolhimento de contribuição no Regime Geral ou Próprio de Previdência Social para fins de dedução das contribuições do PGBL.



política

Haddad pode dar certo

Vida do futuro ministro deve piorar, mas a do Brasil talvez melhore

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

Não entendo a resistência de setores do mercado à indicação de Fernando Haddad para o Ministério da Fazenda. Escrevi um livro sobre a história do PT e não faço ideia do que, na biografia do ex-prefeito, indique que o novo ministro seja gastador, populista, o que seja.

Não foi assim quando trabalhou na gestão de Marta Suplicy na Prefeitura de São Paulo, não foi assim quando foi prefeito. Se fosse populista, Haddad provavelmente teria entregado tudo que os diversos

e conflitantes movimentos de 2013 queriam e teria sido reeleito prefeito de uma cidade quebrada em 2016.

Além do mais, a indicação do outro grande nome petista no ministério de Lula, o ex-governador Rui Costa na Casa Civil, claramente sugere a predominância da ala moderada do Partido dos Trabalhadores do governo. Costa fez uma gestão bastante responsável na Bahia, ao mesmo tempo em que o PT no Congresso Nacional se opunha a reformas de

caráter "fiscalista".

A presença da dupla de petistas moderados no Planalto sugere que os projetos de investimento devem ser feitos com parcerias com o setor privado, algo com que Haddad tampouco jamais sinalizou ter qualquer problema.

Em suas primeiras manifestações como ministro, Haddad sinalizou um início de gestão focado em três principais áreas: a reforma tributária, a construção da nova regra fiscal e a retomada das negociações co-

merciais internacionais.

A nova regra fiscal é fundamental para reequilibrar as expectativas econômicas após a proposição da PEC que autoriza maiores gastos públicos. O governo Bolsonaro foi do tipo que ninguém quer suceder: gastou demais e deixou um legado social terrível.

Se ao menos tivesse resolvido um dos problemas, o novo governo poderia se concentrar no outro. Não resolveu, o que exige que Lula coloque a casa em ordem com a regra fiscal ao

mesmo tempo em que tenta aliviar o drama social com a PEC. Se falta dinheiro, é preciso encontrar maneiras de aumentar o crescimento que não dependam inteiramente de gasto público.

A reforma tributária e as negociações comerciais são boas saídas para isso. São temas dentro dos quais a esquerda pode dialogar com os economistas "ortodoxos" sobre crescimento, e não apenas sobre ajuste.

A reforma tributária proposta pelo economista Bernard Appy —provável membro da equipe de Haddad— já foi apresentada no Congresso pelo deputado Baleia Rossi, presidente do MDB.

Jair Bolsonaro não tentou aprová-la porque ninguém conseguiu lhe explicar como tornar nossos impostos mais eficientes ajudaria a dar golpe de Estado. A expectativa é

que a aprovação da reforma tributária aumente o potencial de crescimento brasileiro de forma permanente.

Isso também é verdade sobre as negociações comerciais. Ninguém acha que essas negociações serão fáceis ou que não haverá perdedores —certamente os houve na China e no Vietnã—, mas não há ninguém no mundo crescendo sem se integrar nas cadeias globais de produção.

Enfim, a situação do Brasil após o pior governo do mundo é ruim, tudo ainda pode dar errado, mas os sinais emitidos pelo novo ministro da Fazenda são bons. Podem se tornar melhores com a indicação de alguns dos nomes mais cotados para seu secretariado.

A vida de Fernando Haddad deve piorar muito nos próximos anos, mas a do Brasil talvez melhore.

DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | TER. Joel R. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso | SÁB. Demétrio Magnoli



Fernando Henrique Cardoso e Marco Maciel na cerimônia de diplomação

Luiz Inácio Lula da Silva na diplomação no TSE, ao lado do ex-ministro do STF Nelson Jobim

Michel Temer e Dilma Rousseff durante diplomação no TSE

Ministra do STF Rosa Weber e Jair Bolsonaro na diplomação no TSE

terá esse direito após a posse. "O candidato já pode se comportar como presidente eleito na comunidade internacional, na representação perante o Parlamento e no pedido de informações", diz Eliana.

A data marca o fim do processo eleitoral?

Sim. A partir da diplomação o processo eleitoral é considerado encerrado. O Tribunal Eleitoral atesta que a eleição foi válida depois que todas as etapas foram avaliadas.

Após a entrega do certificado, no Executivo, há a transmissão de cargos. No Legislativo, a posse de parlamentares eleitos e suplentes.

O que deixa de valer? O que muda?

Nada para o presidente em exercício. Ele continua atuando como chefe do Executivo até 31 de dezembro.

O eleito já pode indicar seus ministros, secretários e cargos de segundo e terceiro escalões, que são nomeados pelo chefe do Executivo. Mas não é uma regra esperar a diplomação.

Lula disse em 2 de dezembro que tem 80% do ministério "na cabeça", mas que só iria anunciar os nomes após ser diplomado. No entanto, nesta sexta (9), o presidente eleito anunciou cinco nomes de ministros que vão compor o seu governo a partir de janeiro.

A diplomação põe fim às contestações das eleições?

Não. As contestações ainda podem ser feitas, mas precisam ser avaliadas pela Justiça Eleitoral. Para isso, é preciso haver elementos que indiquem a violação do direito eleitoral.

Segundo Cristiano Rodrigues, professor de ciência política da UFMG, esta eleição foi atípica, porque manifestantes têm ocupado espaços alegando a ilegitimidade do processo eleitoral. Inclusive, propondo ações armadas para impedir que o presidente eleito Lula seja diplomado.

"Para além da dimensão legal da diplomação, ela implica também garantir que as instituições do Estado entenderam que o processo eleitoral foi legítimo. Portanto, houve um candidato vencedor, e o processo de transmissão de cargo ocorrerá", diz Rodrigues.

Onde e quando acontece a diplomação? Quem entrega o certificado aos eleitos?

A cerimônia do presidente Lula e seu vice, Geraldo Alckmin, será realizada nesta segunda (12), às 14h, na sede do TSE, em Brasília.

Ambos vão receber diplomas assinados pelo presidente da corte, o ministro Alexandre de Moraes.

Nos estados, as diplomações vão até dia 19, data limite para a cerimônia.

Diplomação de Lula pelo TSE marca fim do processo eleitoral; entenda

Cerimônia que será realizada nesta segunda-feira em Brasília formaliza a escolha dos eleitos

Priscila Camazano

SÃO PAULO A diplomação do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e de seu vice, Geraldo Alckmin (PSB), será realizada nesta segunda-feira (12) em Brasília. A cerimônia formaliza a escolha dos eleitos e marca o fim do processo eleitoral.

No evento, ambos receberão um certificado atestando que as eleições foram legítimas. Portanto, eles estarão aptos a tomar posse no dia 1º de janeiro.

A cerimônia de diplomação, que está prevista no Código Eleitoral, é sempre realizada após a Justiça Eleitoral apurar todos os votos.

Além disso, o tribunal analisa a prestação de contas dos partidos, para checar se estão dentro da legalidade. Também avaliam os recursos de questionamento do resultado das eleições.

Depois de todas as etapas, o TSE (Tribunal Superior Elei-

toral) confirma o resultado do pleito e certifica os eleitos.

*

O que é a diplomação?

É a cerimônia de entrega de um certificado ao candidato eleito atestando que ele está apto a tomar posse. O evento é a confirmação da Justiça Eleitoral de que o pleito foi legítimo. Com isso, os eleitos podem exercer suas funções a partir do próximo ano.

Segundo o Código Eleitoral, no diploma deve constar o nome do candidato, o partido e o cargo para o qual foi eleito.

A cerimônia de diplomação está prevista no art. 215 da lei eleitoral. Segundo Daniel Damásio Borges, coordenador do curso de direito da Unesp, é importante ter um órgão independente para atestar a regularidade do pleito e indicar quem venceu.

"Durante a República Velha, as eleições eram caracterizadas por fraudes por não ha-

ver Justiça Eleitoral."

A cerimônia de diplomação só acontece após a Justiça Eleitoral analisar todas as etapas do pleito.

Quais são essas etapas?

O Tribunal Superior Eleitoral faz a apuração das urnas e avalia a prestação de contas dos partidos, além dos recursos de questionamento do resultado das eleições.

Na prestação de contas, são analisados se o uso dos recursos de campanha —fundos eleitoral e partidário— estão dentro da legalidade.

Os valores referentes às doações de pessoas físicas também são avaliados.

A data da diplomação é sempre próxima à posse, porque após a eleição os partidos têm cerca de um mês para fazer a prestação de contas. Depois, há um período para analisar esses recursos.

Além disso, há um tempo para que os partidos ou cidadãos contestem o resulta-

do das urnas.

Foi o caso do PL, partido do presidente Jair Bolsonaro, que entrou com uma ação pedindo para invalidar os votos depositados em parte das urnas no segundo turno das eleições.

O presidente do TSE, Alexandre de Moraes, negou a ação. Ele também condenou o partido ao pagamento de multa de quase R\$ 23 milhões por litigância de má-fé e determinou o bloqueio do fundo partidário da legenda até o pagamento da penalidade imposta.

O que a diplomação significa na prática?

Que o presidente eleito e seu vice estão aptos a tomar posse em 1º de janeiro.

Segundo Eliana Franco Neme, professora de direito da USP, a diplomação para o presidente da República tem mais efeito moral do que jurídico. Para os parlamentares eleitos, é um ato importante, porque eles passam a ter imunidade parlamentar. O presidente só

Petista relembra choro de 2002 e fala em nova emoção

O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) relembrou sua diplomação pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) em 2002 na véspera da nova cerimônia, que acontece nesta segunda-feira (12). "Eu me emocionei muito na minha primeira diplomação como presidente em 2002", publicou ele, nas redes sociais, junto ao vídeo em que aparece chorando na ocasião. "Amanhã viveremos juntos essa emoção mais uma vez." A cerimônia desta segunda reforça a vitória eleitoral em meio a atos antidemocráticos de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL)

EXPEDIÇÃO 2022



Rio Doce



Da nascente ao litoral, de Minas Gerais ao Espírito Santo, somos muitos no mesmo barco pela recuperação do rio Doce.

A **Expedição Rio Doce 2022** é o maior mapeamento já realizado em uma bacia hidrográfica brasileira, dando transparência às ações de reparação e compensação realizadas pela Fundação Renova. Nessa segunda edição, a expedição realizou o percurso no período seco, com o rio mais vazio, para comparar as imagens com o período chuvoso da edição anterior. E você pode visualizar mais projetos implementados, contados por quem faz parte deles.

Sabemos que este é um trabalho contínuo, de grandes proporções. Muitas soluções foram desenvolvidas do zero, com a parceria de milhares de pessoas, instituições, ONGs, universidades e pesquisadores. São entregas com resultados reais e visíveis para todos.

“**Nós damos um empurrãozinho** para o próprio rio acelerar a sua recuperação, implementando estruturas de madeira no leito do rio que fazem o papel que seria feito por uma mata ciliar, por exemplo”.

Tatiana Furley, bióloga do Instituto Aplysia (IES), coordenadora do ReNaturalize, projeto para recuperação do rio Gualaxo do Norte, afluente do rio Doce, que foi premiado dentro e fora do Brasil



“A ideia é capacitar as pessoas da comunidade, ribeirinhos, alunos do segundo grau para conhecer a água do rio, e assim poder gerenciar, **monitorar essa água**”.

Vera Lúcia Guarda, consultora UNESCO para a coordenação pedagógica do curso de agente ambiental, feito em cooperação entre a Fundação Renova, a UNESCO e o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce



“**O Parque Estadual do Rio Doce** pode se transformar num dos mais bem equipados parques brasileiros”.

José Carlos Carvalho, engenheiro florestal e um dos maiores nomes na área de gestão ambiental do Brasil, sobre os mais de R\$ 90 milhões que a Renova está destinando para a estruturação do parque

Navegue pela rota da reparação.
Acesse expedicaoriodoce.org

 **FUNDAÇÃO
renova**

política

Leia discurso dúbio de Bolsonaro após silêncio

Entenda trechos da mais longa fala pública do presidente após derrota eleitoral, sem citações a Lula e atizando base

Joelmir Tavares
e Matheus Tupina

SÃO PAULO O presidente Jair Bolsonaro (PL) quebrou um silêncio de 40 dias na sexta-feira (9) com um discurso dúbio que atizou seus apoiadores.

Foram cerca de 15 minutos de pronunciamento a simpaticantes, na área externa do Palácio da Alvorada, na sua fala pública mais longa desde a derrota eleitoral para Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no segundo turno das eleições.

Bolsonaro fez nova aparição para um grupo em frente ao palácio neste domingo (11), mas ficou calado.

Ele apenas acenou para o público e participou de uma oração conduzida por um pastor levado ao local por sua equipe. A cena foi transmitida em redes sociais do presidente.

O discurso na sexta foi salpicado de referências às Forças Armadas e dispensou menções explícitas a Lula, que será diplomado nesta segunda (12).

Ele repetiu a retórica de campanha e estimulou indiretamente manifestações antidemocráticas dos seguidores que contestam a vitória do petista. Bolsonaro adotou ar messiânico, misturando temas como socialismo, religião, ditadura e sacrifício pelo país, e emitiu sinais ambíguos, com expressões que insuflam a militância a manter atos em frente a quartéis militares. Ao mesmo tempo, evitou termos que pudessem comprometer-lo legalmente.

Leia a seguir trechos comentados do discurso:

Eu falei que viria aqui ouvi-los. Se estou aqui, é porque, primeiro, acredito em Deus. Segundo lugar, devo lealdade ao povo brasileiro. [...]

A missão de cada um de nós aqui não é criticar, é unir. Muitas vezes vocês têm informações que não procedem e, pelo cansaço, pela angústia, pelo momento, passam a criticar.

O trecho soou como um pedido de paciência a manifestantes que desde o segundo turno, em 30 de outubro, estão acampados em frente a quartéis militares. A onda de protestos antidemocráticos começou com fechamentos de rodovias pelo país, movimento depois dissolvido por ações da Justiça e de estados.

Apegados a teorias conspiratórias e distorções sobre os pilares da Constituição, os apoiadores se frustraram com a demora para uma suposta reação de Bolsonaro e das Forças Armadas.

Tenho certeza, entre as minhas funções garantidas na Constituição, é ser o chefe supremo das Forças Armadas. As Forças Armadas são essenciais em qualquer país do mundo. Sempre disse, ao longo desses quatro anos, que as Forças Armadas são o último obstáculo para o socialismo. As Forças Armadas, tenham certeza, estão unidas. Devem, assim como eu, lealdade ao nosso povo, respeito à Constituição, e são um dos grandes responsáveis pela nossa liberdade. Quantas vezes eu disse, ao longo desses quatro anos, que temos



Bolsonaro durante o pronunciamento para apoiadores na frente do Palácio da Alvorada na sexta-feira (9). Sérgio Lima - 9.doz.22/Poder360/AFIP



O presidente na aparição deste domingo; ele participou de oração, mas não discursou. Reprodução/@JairMessiasBolsonaro no Facebook

algo mais importante que a própria vida, que é a nossa liberdade?

A ideia de que militares funcionam como anteparo contra a ideologia socialista é repetida por ele com frequência e passou a ser usada para se contrapor a Lula e à esquerda.

As decisões, quando são exclusivamente nossas, são menos difíceis e menos dolorosas, mas, quando elas passam por outros setores da sociedade, elas são mais difíceis e devem ser trabalhadas. Se algo der errado é porque eu perdi a minha liderança. Eu me responsabilizo pelos meus erros, mas peço a vocês: não critiquem sem ter certeza absoluta do que está acontecendo.

O presidente deu a entender que depende de ações de terceiros e chamou para si a responsabilidade sobre eventuais falhas, sem se aprofundar. Novamente, repudiou críticas levemente, sugerindo algum obstáculo momentâneo.

Nós estamos lutando —quando eu falo nós, sou eu e vocês— pela liberdade até daqueles que nos criticam. O Brasil não precisa de mais leis, o Brasil precisa que suas leis sejam efetivamente cumpridas. Nós temos assistido, dia após dia, absurdos

acontecerem aqui em nossa pátria.

A bandeira da liberdade de expressão foi apropriada pelo bolsonarismo para sustentar a ideia de que a direita sofre censura. O conflito se ampliou após ações e processos no TSE e no Supremo Tribunal Federal, conduzidos, na maioria, pelo ministro Alexandre de Moraes. O cerco se fundamenta no combate aos discursos de ódio e de intolerância, além da punição a crimes previstos na legislação.

Nada é por acaso. Cada um de nós tem uma missão aqui na Terra dada pelo nosso Deus. Quantas vezes eu, após a minha oração matinal, eu pergunto: "Meu Deus, o que eu fiz para merecer essa cadeira presidencial? Qual foi o meu pecado?" [...]. Todos nós temos um ponto final aqui nessa Terra. E dá para a gente, cada vez mais, trazer pessoas que fiquem ao nosso lado, até aqueles que pensam completamente diferente de nós. Nós defendemos o direito dessa pessoa falar o que bem entender, mas devemos trazê-las para o nosso lado, o lado da verdade, da honestidade, do respeito, da família, da liberdade de expressão e religiosa.

A ideia de sacrifício atrelada à cadeira de presidente já foi lançada em outros momentos. Em junho deste ano, ele

disse que "não tinha nada para estar aqui [na Presidência]" e "nem leva jeito", porque nasceu "para ser militar".

E hoje estamos vivendo um momento crucial, uma encruzilhada, um destino que o povo tem que tomar. Quem decide o meu futuro e para onde eu vou são vocês. Quem decide para onde vai a Câmara, o Senado, são vocês também. Se temos críticas, erramos, não tivemos o devido cuidado para escolher a pessoa certa, mas as coisas vão mudando. Nada como o tempo para fazer cada um de nós melhor.

A fala contém a mensagem recorrente de Bolsonaro de que "o povo" —uma definição vaga e que por vezes parece incluir apenas os seus apoiadores— goza de poder maior do que as instituições, que deveriam se submeter à vontade popular, mesmo quando expressa fora dos mecanismos constitucionais e eleitorais.

Eu só posso ser feliz se vocês também forem felizes, e devemos pensar exatamente dessa maneira: qual o futuro do Brasil? Não vou falar do outro lado político, mas qual o futuro do Brasil? O que aconteceu? Por que chegamos a esse ponto? Demoramos a acordar? Nunca é tarde para acordarmos e sabermos da verdade. Logicamente, quanto mais tarde você acorda, mais difícil é a lição. Não é "eu autorizo", não. É o que eu posso fazer pela minha pátria. Não é jogar a responsabilidade para uma pessoa. Eu sou exatamente igual a cada um de vocês que está aqui. Temos sangue, carne, osso, sentimentos, não somos um amontoado de

moléculas ou átomos, que temos alma, temos sentimento. Estamos aqui por algo divino, não tem outra explicação. Estamos sendo provados aqui na Terra. E esse momento de provação não é fácil.

O presidente citou a expressão "eu autorizo", dita pelos apoiadores radicais como senha para intervenção das Forças Armadas, o que é inconstitucional, ou para um "autogolpe", com a permanência de Bolsonaro no cargo e o desrespeito ao resultado da eleição vencida por Lula, outra situação de afronta à Carta Magna. O mandatário, no entanto, deu a entender que o clamor é inútil sem uma ação coletiva.

Estou há praticamente 40 dias calado. Dói, dói na alma. Sempre fui uma pessoa feliz, no meio de vocês, mesmo arriscando a minha vida no meio do povo, como arrisquei em Juiz de Fora, em setembro de 2018. [...] Nunca vi no mundo o povo ir à rua para

➤ Tarcísio fala em eterna gratidão a Bolsonaro após ser alvo de críticas

O governador eleito Tarcísio de Freitas (Republicanos) publicou neste domingo (11) em redes sociais agradecimentos ao presidente Jair Bolsonaro (PL), após ser alvo de críticas da militância bolsonarista por aparecer sorrindo ao lado do ministro do STF Alexandre de Moraes e por ter dito que não era bolsonarista raiz. Em um post com uma foto ao lado de Bolsonaro, Tarcísio se disse grato pelo que chamou de "privilegio" de conhecer "o coração do cara por trás do presidente". "Se estou hoje aqui, é porque Jair Bolsonaro confiou em mim e no trabalho de um técnico que em 2018 ninguém conhecia. Ele tem minha eterna admiração e gratidão."

um presidente ficar. Eu vi ao longo de 67 anos o povo ir às ruas para tirar presidente, nunca vi para ficar.

A lembrança do atentado sofrido durante ato da campanha eleitoral de 2018 é sempre evocada por Bolsonaro para exaltar uma suposta predestinação ou iluminação divina para ele ter chegado ao cargo.

Já disse muitas vezes a vocês. Eu perguntava: o poder emana do povo? Depende de quem o povo escolhe para representar. Se o poder emanasse do povo, somente pelo povo, Cuba não seria uma ditadura, nem a Venezuela. Nós devemos ver o que aconteceu em outros países, para que nós não venhamos a cometer exatamente os mesmos erros. Nada está perdido. Ponto final, somente com a morte. Nunca saí dentro das quatro linhas da Constituição, e acredito que a vitória será também dessa maneira. Dou a minha vida pela minha pátria; a vida física, se preciso for. Nós temos como mudar o futuro da nossa nação.

Bolsonaro rebate as críticas por seus desmandos com a afirmação de que atua "dentro das quatro linhas da Constituição", mas acumulou ao longo do mandato sucessivos atos e discursos contrários aos princípios constitucionais.

Com o mesmo ingrediente, ninguém pode fazer um bolo diferente. Desse ingrediente que temos agora pela frente, nós já sabemos lá atrás o que aconteceu. [...] Não podemos esperar chegar lá na frente e olhar para trás e dizer: o que eu não fiz lá atrás para chegarmos a essa situação de hoje em dia?

Bolsonaro usou a metáfora do ingrediente para se referir indiretamente ao presidente eleito Lula, que será diplomado nesta segunda-feira (12) e tomará posse em 1º de janeiro.

Sabemos que o tempo voa, cada minuto é um minuto a menos. Vamos fazer a coisa certa, diferentemente de outras pessoas, vamos vencer. Se manifestando de acordo com as nossas leis, vocês são cidadãos de verdade, e está na hora de parar de ser tratado como outra coisa aqui no Brasil. Acredito em vocês, e vamos acreditar no nosso país. Se Deus quiser, tudo dará certo no momento oportuno.

A fala sobre expectativa de vitória não deixou claro se a referência era a alguma expectativa em curto prazo ou a uma eventual nova candidatura, por exemplo. Ele fez um pedido indireto para que atos de rua ocorram de acordo com a legislação, uma forma de assegurar a manutenção das mobilizações e de se desvincular de eventual responsabilização ou punição judicial.

cielo APRESENTA

Estúdio**FOLHA** ***

Em todo o ano, juntos pelo seu negócio

Líder em pagamentos eletrônicos na América Latina, a Cielo oferece soluções para melhorar vendas, finanças e a gestão de negócios de todos os tamanhos, nos 365 dias do ano

Líder em pagamentos eletrônicos no Brasil e na América Latina, a marca Cielo costuma ser associada às operações com maquininhas de pagamento. É natural que isso aconteça. Afinal, as maquininhas da Cielo estão presentes em 99% das cidades brasileiras e realizaram, só no ano passado, 6,8 bilhões de transações, com um movimento de R\$ 713,4 bilhões em volume financeiro, ou quase 9% do PIB brasileiro.

Com capacidade para realizar 12 mil transações por segundo, a maior entre as empresas que atuam nesse mercado, a Cielo é ainda a marca campeã da categoria Maquininha de Pagamento, na pesquisa Folha Top of Mind 2022, o mais abrangente levantamento sobre reconhecimento de marcas do país.

Mas a Cielo vai muito além de uma maquininha de pagamento. A empresa oferece uma série de soluções de tecnologia, produtos e serviços que atendem desde o empreendedor individual e o microempreendedor até os grandes varejistas, em uma parceria que move os negócios do varejo nos 365 dias do ano.

Com mais de 1,1 milhão de clientes ativos em cerca de 300 segmentos da economia, a Cielo atua como parceira para impulsionar as vendas e melhorar as finanças e a gestão de quem faz um negócio acontecer no país.

MELHORAR VENDAS E FINANÇAS

Para as empresas de um setor que opera com muita concorrência e margens apertadas, como o varejo, vender mais e manter as finanças em ordem podem significar a diferença entre crescer e ser competitivo ou ficar para trás.

Ao organizar as finanças e melhorar o fluxo de caixa, as empresas conseguem enxergar com mais clareza os recursos que entram e saem, planejar prazos de pagamentos, assumir novos compromissos e criar ações estratégicas. Além disso, uma gestão eficiente das finanças permite estabelecer o momento adequado para repor estoques e realizar promoções de vendas.

Com a infraestrutura da Cielo, tudo isso é possível. A empresa atua em várias frentes para impulsionar os negócios, permitindo aos clientes, por exemplo, antecipar recursos de vendas,

consolidar dados das movimentações e ter informações para a tomada de decisões de negócios.

A Cielo possibilita aos clientes receber mais rapidamente o saldo das vendas, com o pagamento dos valores antes do prazo padrão, de geralmente 30 dias. Com o produto chamado de Receba Rápido, um empreendedor ou grande varejista que faça uma venda parcelada, por exemplo, pode receber o valor total líquido dessa venda em até dois dias úteis, sem esperar o prazo padrão de 30 dias ou mais. Independentemente do número de parcelas. Com isso, o dinheiro não fica parado, o fluxo de caixa melhora e o varejista ganha mais poder de negociação com os fornecedores.

Além de melhorar as finanças, o serviço oferecido pela Cielo ajuda o cliente a se preparar para datas especiais de vendas, como o Natal e o Dia das Mães, que exigem organização, controle de estoque, compra de mercadorias e o pagamento antecipado a fornecedores.

O aumento das vendas e a melhora das finanças passam também pela exclusão de todas as barreiras que eventualmente impeçam os consumidores de pagar como preferem. Daí a importância de aceitar cartões de débito e crédito do maior número possível de bandeiras e receber usando PIX, QR Code ou aproximação por NFC (Near Field Communication). A Cielo aceita cartões de mais de 80 bandeiras e oferece todos esses meios de pagamento.

GESTÃO MAIS EFICIENTE

Uma das formas de melhorar a gestão de um negócio é ter à mão dados que permitam entender a operação, o mercado e o comportamento do consumidor. Comparar seus resultados com outros negócios do mesmo porte, setor e região ajuda empreendedores e varejistas de todos os tamanhos a tomar melhores decisões.

Sistemas de tecnologia para análise de dados, como o Cielo Farol, possibilitam essa visão ampliada do negócio. O varejista pode conhecer o perfil de renda e o comportamento de compra dos consumidores, comparar suas vendas com a média de negócios parecidos e estabelecer metas de crescimento.

Analisando os dados, o cliente Cielo entende ainda a

frequência de compra dos consumidores, o tipo e o formato de pagamento utilizado (crédito, débito, à vista ou parcelado) e o perfil de consumo por região. O acompanhamento dessas informações pode ser feito por acessos diários, semanais e mensais, de acordo com a necessidade, e ainda possibilita a criação de ações de vendas e de programas de fidelidade.

MAIS VENDAS ONLINE

Ter presença online é fundamental hoje para todo tipo de negócio. Mas nem sempre é fácil para um pequeno empreendedor gerenciar uma operação de e-commerce. Para ajudar clientes de todos os tamanhos, todos os dias do ano, a Cielo criou várias soluções para o digital.

Hoje, mais de 50% dos negócios online do país já possuem solução de e-commerce da Cielo. Líder desse mercado, a empresa tem capacidade para suportar oito vezes o volume de transações do comércio eletrônico brasileiro.

Empresas que já têm um site em operação ou estão criando suas páginas precisam oferecer pagamento integrado, usando vários formatos, como cartões, boleto e PIX. Com as ferramentas da Cielo, é possível integrar, de forma simples e segura, um site ou aplicativo com essas formas de pagamento, facilitando assim a experiência de compra.

As operações de e-commerce podem ainda contar com a parceria da Cielo para impulsionar e otimizar a conversão de vendas, usando recursos como compra com um clique, validação rápida dos dados do cartão e cobranças periódicas e automáticas de serviços e assinaturas sem que o consumidor precise informar novamente os dados do cartão. É possível também aumentar a segurança das transações, evitando, por exemplo, contestações de compras com cartões por causa de fraude.

Para o empreendedor que quer vender online sem precisar criar um site, a Cielo oferece uma ferramenta que permite usar redes sociais, email ou WhatsApp com segurança. O sistema cria um link de pagamento customizado, com logo e cor do negócio do cliente, em formato responsivo e com antifraude integrado e cálculo de frete. Usando a opção pagamento recorrente, é possível também oferecer assinaturas de serviços.



Gettyimages

CONHEÇA A HISTÓRIA DA CIELO
Há 27 anos, empresa inova no mercado de pagamentos

1995

Nasce como Visanet

2007

Chega a 1 milhão de máquinas (POS) em operação

2009

Muda o nome para Cielo, abre o capital e chega a 99% do território nacional

2016

Lança a máquina inteligente LIO e o serviço Cielo Farol, ferramenta de inteligência de dados para apoiar decisões

2018

Lança QR Code Pay, para apoiar a digitalização e a formalização dos empreendedores brasileiros

2020

Reposiciona a marca, aumenta o portfólio de produtos e faz parceria com Facebook para lançar pagamentos e transações pelo WhatsApp

2021

Consolida o posicionamento de melhor parceira para estimular vendas, melhorar a gestão e as finanças dos clientes, todos os dias do ano

2022

Vence o Folha Top of Mind 2022 na categoria Maquininha de Pagamento

A CIELO EM NÚMEROS

Presente em 99% do território nacional

99%

1995

Nasce como Visanet

2007

Chega a 1 milhão de máquinas (POS) em operação

2009

Muda o nome para Cielo, abre o capital e chega a 99% do território nacional

2016

Lança a máquina inteligente LIO e o serviço Cielo Farol, ferramenta de inteligência de dados para apoiar decisões

2018

Lança QR Code Pay, para apoiar a digitalização e a formalização dos empreendedores brasileiros

2020

Reposiciona a marca, aumenta o portfólio de produtos e faz parceria com Facebook para lançar pagamentos e transações pelo WhatsApp

2021

Consolida o posicionamento de melhor parceira para estimular vendas, melhorar a gestão e as finanças dos clientes, todos os dias do ano

2022

Vence o Folha Top of Mind 2022 na categoria Maquininha de Pagamento

Mais de **1,1 milhão** de clientes em 300 segmentos da economia

Responsável por **6,8 bilhões** de transações em 2021

Movimentou em 2021 **R\$ 713,4 bilhões** em volume financeiro

Capacidade para realizar **12.000** transações por segundo

Mais de **50% dos negócios online** têm solução Cielo

Capacidade para suportar **8x** o volume do e-commerce do país

Acelta mais de **80 bandeiras** no débito, crédito e vouchers

Fonte: Cielo



O deputado republicano Kevin McCarthy discursa em evento judaico em Las Vegas Scott Olson - 19.nov.22/Getty Images/AFP

Republicano radicaliza discurso para tentar garantir presidência da Câmara

Deputado americano Kevin McCarthy promete complicar vida de Biden, mas enfrenta resistência

Thiago Amâncio

WASHINGTON O novo Congresso que toma posse em 2023 promete complicar a vida do Executivo, combatendo o que acredita ser doutrinação nas escolas e o que chama de "ideologia de gênero", ameaçando apurar a permissividade com o crime organizado e fazendo críticas a supostos planos de restringir a liberdade de expressão nas redes sociais em conluio com as big techs.

Poderia ser o Brasil, mas essas são indicações dadas pelo deputado americano Kevin McCarthy, republicano da Califórnia, caso seja eleito presidente da Câmara dos Representantes em janeiro — como tudo indica que será.

Para chegar lá, ele tem radicalizado o discurso em nome de conquistar as alas mais conservadoras da própria legenda, abrindo uma crise com os mais moderados que, no limite, pode até lhe tirar o cargo.

O Partido Republicano obteve maioria na Câmara nas eleições de novembro e retomará o controle da Casa a partir de janeiro. Mas a vitória, que garantiu 222 das 435 cadeiras, foi mais apertada do que o previsto — são só quatro assentos além dos 218 necessários.

McCarthy, 57, é hoje o líder da legenda, o que, em situações normais, garantiria a ele a presidência da Câmara a partir de 3 de janeiro, quando o novo Congresso toma posse. Mas o estado de ânimos da política americana tem dificultado o alcance de consensos, sobretudo entre os republicanos, divididos entre radicais devotos de Donald Trump e quem defende deixar o ex-presidente para trás.

Nascido na Califórnia, o deputado foi eleito pela primeira vez em 2006 e rapidamente galgou espaço na política interna da legenda. No começo

da carreira era tido como representante da ala jovem moderada, os "young guns" (armas jovens), e chegou a lançar um livro com esse título clamando por mais consenso bipartidário para avançar pautas importantes para o país.

No governo Trump, porém, foi se aproximando da agenda conservadora e se transformou em forte aliado do presidente. Dias após a eleição de 2020, ainda durante a apuração, chegou a dizer à Fox News que o republicano havia vencido, antes de o resultado oficial apontar o democrata Joe Biden como vencedor.

A maré virou na sequência da invasão do Capitólio, quando uma multidão insuflada por Trump tentou impedir à força a confirmação da vitória de Biden. McCarthy se voltou contra o então presidente e, em conversas privadas que vazaram à imprensa, chegou a pedir sua renúncia. Esse é um dos principais motivos para a bancada radicalizada do partido temer que ele não seja fiel aos ideais trumpistas.

Habilidoso politicamente, porém, o líder soube ler o cenário e se reaproximou do ex-presidente, inclusive jogando na fogueira seu antigo braço direito, Liz Cheney — que votou pelo impeachment do republicano e integra a comissão que investiga o 6 de janeiro.

Mas agora, como precisa de 218 votos para ser eleito presidente da Casa e os republicanos serão 222, ele tem margem mínima de dissenso. Estimativas da imprensa americana apontam que lhe faltam cinco apoios, e recentemente ele passou por um susto: na eleição da liderança republicana na Câmara, Andy Biggs o desafiou e, ainda que não tenha ameaçado a vitória, conquistou 31 votos — o eleito teve 188.

Segundo o grupo do deputado do Arizona, há cerca de

Investigações que McCarthy quer propor na Câmara

- Crise nas fronteiras e atuação do secretário de Segurança Interna, Alejandro Mayorkas
- Liberdade de expressão nas redes sociais
- Influência da China nos EUA
- Origens da Covid-19
- Ações de Hunter Biden, filho do presidente dos EUA
- Retirada de tropas americanas do Afeganistão
- Gastos do governo federal
- Abusos em investigações do Departamento de Justiça e do FBI
- Teoria racial e "ideologia de gênero" nas escolas

A ELEIÇÃO PARA A PRESIDÊNCIA

- É necessária a maioria dos deputados presentes na sessão; a Câmara tem 435 parlamentares
- Deputados votam quantas vezes forem necessárias até que um nome chegue à maioria

COMPOSIÇÃO DA CASA*

222 republicanos

213 democratas
*a partir de 2023

20 republicanos contrários a uma presidência McCarthy, o que fatalmente o tiraria da disputa, considerando que democratas não devem votar nele.

Por isso, McCarthy tem cortejado o Freedom Caucus (bancada da liberdade), grupo de cerca de 40 parlamentares ultraconservadores e próximos de Trump. Um dos acenos mais simbólicos foi feito em uma visita ao Texas no fim de novembro; na fronteira com México, ele disse que abriria apurações contra o secretário de Segurança Interna, Alejandro Mayorkas. É um antigo pleito do grupo radical, insatisfeito com as políticas migratórias do governo Biden.

"Se Mayorkas não renunciar, os republicanos da Câmara investigarão cada ordem, cada ação e cada falha para determinar se podemos iniciar investigações de impeachment", disse, em El Paso. Na última semana, ele divulgou a lista de prioridades das apurações que promete abrir, e no topo da lista está a que mira Mayorkas. Entre os motivos, ele inclui desde o impacto do tráfico de drogas na região até o que afirma serem "falsas alegações de que policiais 'chicotearam' imigrantes em Del Rio". Em setembro do ano passado, imagens de agentes de fronteira a cavalo, com as rédeas na mão, perseguindo imigrantes haitianos rodaram o mundo e abriram uma crise no governo — a Casa Branca condenou a ação.

Mas a lista de investigações que ele promete patrocinar se estende: vai de influência da China nos EUA e as origens do coronavírus à caótica retirada de tropas americanas do Afeganistão e um dos filhos do presidente, Hunter Biden. Também empresas de tecnologia que, "em coordenação e conluio com o governo e oficiais de inteligência", preten-

dem "silenciar a liberdade de expressão". E o que ele chama de doutrinação nas escolas.

McCarthy já disse que salas de aula "se tornaram um campo de batalha no qual ideologias políticas concorrentes, teorias de gênero e ciência lixo estão em guerra contra o bem-estar das crianças", citando "políticas prejudiciais promovidas por sindicatos de professores de ultraesquerda" que "envenenam as mentes das crianças".

O acenos à base radicalizada, porém, têm incomodado parlamentares moderados, e fala-se até em um acordo com democratas para tentar eleger um republicano centrista — a empreitada, porém, demandaria chegar a algo próximo da unanimidade entre os 213 deputados do partido de Biden para se juntarem a 20 republicanos dissidentes de forma a alcançar 218 apoios.

Também existe a possibilidade de desafetos não comparecerem à votação. Como o número de votos necessários está ligado à maioria dos presentes, se houver 426 dos 435 deputados, a maioria exigida passa a ser de 213, justamente o número do Partido Democrata. Isso permitiria que Hakeem Jeffries, recém-indicado à liderança da legenda, fosse eleito — é improvável, no entanto, que os republicanos abram mão da presidência.

A falta de consenso na escolha do líder da Casa trava a pauta na Câmara, e os deputados precisam votar quantas vezes for necessário até que o presidente seja escolhido. A última vez que um impasse grande aconteceu foi há cem anos, em 1923, quando a eleição de um republicano demandou nove votações. Em 1849, foram 60 rodadas até o consenso e em 1856 a Câmara parou por dois meses porque ninguém conseguia maioria.

EUA recebem custódia de acusado por atentado de Lockerbie

LONDRES | AFP E REUTERS Um líbio acusado pelos Estados Unidos de produzir e programar a bomba que explodiu um avião sobre a cidade escocesa de Lockerbie em 1988, matando 270 pessoas, foi entregue à custódia de autoridades americanas neste domingo (11).

O atentado foi o mais mortal já ocorrido em solo britânico e resultou ainda no pior desastre aéreo na história do Reino Unido. A ação, em 21 de dezembro de 1988, derrubou o voo 103 da Pan Am, que ia de Londres a Nova York. Todos os 259 a bordo do Boeing 747 morreram, de 21 nacionalidades, além de 11 pessoas em solo na cidade escocesa.

Abu Agila Mohammad Masoud Kheir Al-Marimi foi entregue aos EUA dois anos depois de o país anunciar seu indiciamento. Um funcionário do Departamento de Justiça disse que as audiências envolvendo o líbio ocorrerão em um tribunal federal em Washington.

Segundo o jornal The New York Times, há dois anos Masoud estava detido na Líbia por crimes não relacionados ao atentado. Não está claro, porém, como os EUA conseguiram obter sua custódia. Uma fonte militar na Líbia disse à agência Reuters que o suspeito foi levado pelo aeroporto da cidade Misrata.

Em 1991, dois agentes de inteligência líbia foram acusados pelo atentado: Abdel Baset Ali al-Megrahi e Lamen Khalifa Fhimah. O regime líbio se recusou a extraditá-los, mas concordou com um julgamento na Holanda sob a lei escocesa.

Megrahi foi condenado em 2001, mas, com câncer, acabou libertado em 2009 e morreu em 2012, em Trípoli. Fhimah foi absolvido, mas os promotores sempre afirmaram que Megrahi não havia agido sozinho.

Em 2020, então, Washington abriu uma denúncia formal contra Masoud, destacando o fato de ele ter trabalhado com a fabricação de explosivos. Segundo as autoridades americanas, um dia antes do atentado, ele viajou para Malta, onde teria entregado aos outros suspeitos a mala com a bomba usada no ataque e ajustado o cronômetro.

Anos depois, o FBI obteve uma cópia de um depoimento dado pelo líbio à Justiça local, em 2012. Na ocasião, segundo a versão da polícia federal americana, ele admitiu ter fabricado a bomba que derrubou o voo da Pan Am e ter trabalhado com Megrahi e Fhimah na execução do atentado.

Ele também teria dito que seguiu ordens dos serviços de inteligência do país e contado que o ditador Muammar Gaddafi — assassinado em 2011 num levante popular — o agradeceu por ter atacado os EUA.

Um agente do FBI informou à Reuters que a investigação americana encontrou evidências que enossaram essas confissões.

De acordo com a BBC, cinco anos atrás Masoud passou a cumprir pena de prisão por fabricação de bombas. No mês passado, houve relatos de que ele tinha sido sequestrado por um grupo de milícias, levando a especulações de que seria entregue aos EUA.

O regime de Trípoli reconheceu oficialmente sua responsabilidade pelo atentado em 2003 e pagou US\$ 2,7 bilhões de indenização a familiares das vítimas.

mundo

Da Covid zero ao fim da Covid

Reabertura da China é um alívio global

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

Nada como um cavalo de pau numa política pública para entender como um Estado se comunica com a sociedade. Nas últimas duas semanas, o regime chinês promoveu uma campanha de libertação contra si próprio.

Ele indicou a descontinuação dos temidos centros de quarentena, das campanhas de testes invasivos e dos megacofinamentos. Propagandas mostram homens e mulheres arrancando suas máscaras num gesto de alívio. Os comunicadores alertam o número cada vez menor de pacientes graves. Dirigentes do Partido Comunista aparecem publicamente sem máscara e sem distanciamento social.

O monstro das restrições sanitárias, alimentado durante três anos pela tecnocracia obcecada com o controle social e pela vontade de mostrar a superioridade global do modelo de governança chinês, foi

enterrado nos primeiros sete dias deste mês de dezembro.

A relação entre o crescimento dos protestos recentes e a abolição das restrições sanitárias está longe de ser estabelecida. A multiplicação de histórias trágicas do cotidiano, nem todas verificáveis, certamente desgastaram a imagem do regime. O próprio Xi Jinping teria reconhecido que as manifestações eram resultado da "frustração" de três

anos de política de Covid zero.

No entanto, a sociedade chinesa viveu as restrições sanitárias de forma muito dinâmica e heterogênea, o que impede grandes generalizações.

A evolução da comunicação oficial do regime sugere que as dificuldades econômicas pesaram mais na decisão final do que a insatisfação popular. O buró político do Partido Comunista se reúne duas vezes por ano para fazer o balanço da si-

tuação econômica. Em julho, seu comunicado insistiu na política de Covid zero; no encontro de 7 de dezembro, por sua vez, a expressão foi abolida e a prioridade passou a ser a busca pelo equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e o controle da epidemia.

Uma mudança tornada inevitável pelos dados da economia. O índice de crescimento caiu de 8% para 3% e as exportações despencaram quase 9% entre o ano passado e este. Enquanto o desemprego jovem explodiu, a classe média perdeu grande parte da sua renda arcando com os custos da política sanitária. A saída da Apple e de outras empresas, que começaram a deslocar parte das atividades para Índia e Vietnã, ligou a luz de alerta.

Agora o regime aposta na eu-

fora econômica para compensar o choque com o eventual fim da política de Covid zero. Agências de turismo já estão sendo invadidas por novos clientes e exportadores voltaram a rodar o mundo para retomar contratos. A crise no setor da habitação parece sob controle e as previsões do PIB voltaram a ultrapassar a barra dos 5%.

A retomada também se dá na frente diplomática. Depois da última cúpula do G20, Pequim e Washington voltaram a trabalhar juntos em temas essenciais como a Guerra da Ucrânia, a crise climática e a geopolítica da energia. Ainda é cedo para medir como o impacto da política de Covid zero mudou a relação dos chineses com o regime. Mas a reabertura da China é uma boa notícia para o mundo inteiro.

seg. Mathias Alencastro | Qui. Lúcia Guimarães | Sáb. Tatiana Prazeres, Jaime Spritzcovsky

Mortes em ato voltam a elevar tensão no Peru

Protestos contra a nova presidente e o Parlamento tomam ruas da capital e do sul; deputado leva soco de colega

LIMA | APP Um dia depois de a nova presidente Dina Bolu arte indicar seu gabinete, como forma de tentar aplacar tensões no Legislativo e nas ruas, a temperatura nesses dois âmbitos voltou a subir no Peru neste domingo (11). Nas manifestações, concentradas no sul do país e na capital, Lima, ao menos duas mortes foram registradas; no Congresso, uma confusão terminou com um deputado agredido.

Desde quarta-feira (7), milhares de peruanos têm saído às ruas para protestar contra a prisão de agora ex-presidente do país, Pedro Castillo, destituído pelo Parlamento e detido após fracassar em uma tentativa de golpe de Estado.

Segundo a Defensoria do Povo, uma das vítimas é um adolescente na cidade de Andahuaylas, a 775 quilômetros de Lima. Na mesma cidade, um jovem de 18 anos teria morrido após sofrer um traumatismo craniano aparentemente causado por um objeto contundente. A informação foi divulgada pelo jornal peruano La República, com base no comunicado de um hospital local.

As duas mortes teriam ligação com um confronto nas proximidades do aeroporto entre manifestantes e policiais — outras cinco pessoas ficaram feridas, incluindo um agente. No sábado, protestos na região já haviam deixado 16 civis e 4 policiais feridos.

Dina lamentou o caso. "A vida de nenhum peruano merece ser sacrificada por interesses políticos. Reitero meu ape-



Manifestantes fogem de gás lacrimogêneo lançado por policiais para dispersar ato em Lima neste domingo. Alessandro Cinque/Reuters

lo ao diálogo e ao fim da violência", escreveu no Twitter.

Segundo a agência de notícias AFP, as manifestações aumentaram consideravelmente no interior do país neste fim de semana. Militantes convocaram uma paralisação nacional exigindo a renúncia da nova presidente, a quem consideram uma traidora, e a convocação de novas eleições.

Atos ocorreram em cidades como Cajamarca, Arequipa, Tacna, Andahuaylas, Huancayo, Cusco, Puno e Lima.

Sindicatos agrários e organizações camponesas e indígenas anunciaram uma paralisação por tempo indeterminado a partir da próxima terça (13). Assim como a grande maioria dos outros manifestantes, eles pedem o fecha-

mento do Congresso, eleições antecipadas, nova Constituição e a libertação de Castillo.

O Parlamento unicameral, dominado pela oposição, se reuniu para analisar a situação. A sessão, porém, precisou ser suspensa em meio a

discussões acaloradas. Na sequência, o deputado esquerdista Pasión Dávila agrediu o colega Juan Burgos, de direita — ele tentou revidar, mas foi controlado pelos demais.

Parece improvável que o Congresso consiga conter a onda de protestos; a Casa tem avaliação pior do que a que Castillo apresentava antes de ser destituído. Pesquisas do mês passado indicam que 86% dos peruanos desaprovam o trabalho do Legislativo.

Se a gestão do ex-presidente foi conturbada devido às relações com o Congresso, analistas apontam que a maior resistência ao novo governo pode vir das ruas. Na sexta, Dina tentou apaziguar as manifestações, dizendo que dialogaria com a sociedade sobre eventual antecipação das eleições. Um dia antes, por outro lado, descartou por ora disparar mudanças na Constituição e demanda de partidos de esquerda e bandeira de Castillo.

Paralelamente, no sábado, ela apresentou os nomes de seu gabinete, mais técnico e centrado, pedindo calma e diálogo à classe política. O êxito político da presidente será testado nos próximos dias, quando o novo gabinete terá que receber um voto de confiança no Legislativo.

"Até agora, a presidente não foi clara sobre a grande questão: estamos em um governo de transição ou estamos diante de uma autoridade que pretende ficar até 2026?", disse à AFP a analista política Giovanna Peñaflores.

Filme debate caminhos para legalizar aborto na América Latina

Angela Boldrini

BRASÍLIA O consultório simples tem uma maca e paredes com a pintura gasta. De pé, o médico de jaleco branco e máscara faz perguntas a uma jovem. Usa anticoncepcional? "Sim". Quando foi a última menstruação? "7 de maio".

Poderia ser uma consulta ginecológica em um hospital público de qualquer país da América Latina, inclusive o Brasil, não fosse a conclusão. "Vou te pedir alguns exames urgentes para que a gente possa realizar a interrupção de forma segura", diz o médico, em espanhol, e explica os passos para um aborto legal.

Hoje, essa conversa só seria possível em três países sul-americanos: Colômbia, Uruguai e Argentina. Neste último foi filmada a cena do documentário "Verde-Esperanza - Aborto Legal na América Latina", produzido por Género

e Número e Filmes da Fonte. Lançado no segundo semestre, ele teve exibições em São Paulo, Rio e Florianópolis no mês passado, e um financiamento coletivo foi criado para levá-lo a outras capitais.

"Na cena do atendimento fica nítida a dignidade com que as mulheres são atendidas, a naturalidade com que os médicos as recebem para o procedimento, como se fosse qualquer outro", diz a diretora, Maria Lutterbach.

"Verde-Esperanza" escolhe mostrar dois casos mais recentes de descriminalização do aborto sem condicionantes. Na América do Sul, o procedimento é legal desde 2012 no Uruguai e, no Chile, houve avanço na legislação — até 2017, ele era proibido inclusive em casos de estupro e risco para a vida da gestante —, mas ainda há condicionantes.

Na Argentina e na Colômbia, mulheres não precisam

dar motivo para interromper a gravidez. Na cena em que o médico explica à porteira que ela pode escolher entre a aspiração uterina e um medicamento abortivo seguro, em nenhum momento ele pergunta o porquê da decisão.

As vias que levaram os dois países à descriminalização da prática, porém, são distintas. Na Argentina, a "maré verde", referência à cor dos lenços-símbolo do grupo, pressionou o Congresso pela aprovação, em dezembro de 2020, de uma

lei que autoriza a interrupção até 14 semanas de gestação.

Na Colômbia, o caminho foi a Suprema Corte. Em fevereiro deste ano, decisão do tribunal passou a permitir o procedimento até 24 semanas.

É um caminho similar a este que ativistas brasileiras vislumbram. "A gente já viveu outras promessas de possíveis avanços. Tivemos a apresentação de um projeto de lei [pela descriminalização], mas o aumento do conservadorismo sobretudo no Congresso o tor-

nou inviável", diz Laura Molinari, coordenadora da campanha Nem Presa Nem Morta.

A avaliação é que, hoje, o cenário mais provável de uma descriminalização passaria pelo Supremo Tribunal Federal, onde tramita uma ação de 2017 que pede a descriminalização do aborto durante o primeiro trimestre de gestação.

Para Molinari, porém, um dos acertos de "Verde-Esperanza" é não apresentar uma fórmula pronta universal.

A diretora olha ainda para o estigma sobre o aborto — mesmo o legalizado. "Na Colômbia a gente ouve relatos de que há hospitais e clínicas que não querem se ver relacionados com a questão, apesar de estar claro na lei", afirma.

Uma das diferenças do filme é o enfoque em avanços na descriminalização. Documentários recentes sobre o tema, como o americano "Roe x Wade: Direitos das Mulheres

nos EUA" (2018), disponível na Netflix, costumam focar as ameaças ao direito; segundo Lutterbach, a ideia de fazer o contrário foi consciente.

"A discussão sobre o aborto foi muito capturada pela ultradireita. O movimento feminista e as pessoas envolvidas nessa causa tiveram basicamente que lutar contra retrocessos", diz. "Era estratégico mostrar países onde a lei tinha conseguido avançar, para servir de inspiração para a luta."

Se os EUA enfrentam batalhas em âmbito estadual depois da reversão da jurisprudência Roe vs. Wade pela Suprema Corte, a América Latina tem caminhando rumo à flexibilização. Além de Argentina e Colômbia, o México descriminalizou o procedimento em 2021, via Suprema Corte.

Verde-Esperanza - Aborto Legal na América Latina
Dir. Maria Lutterbach. 40 min.
Vaquinha em catarse.me/generonumero

56

A discussão sobre o aborto foi muito capturada pela ultradireita. Era estratégico mostrar países onde a lei tinha conseguido avançar, para servir de inspiração para a luta

Maria Lutterbach
diretora de "Verde-Esperanza"

HOJE às 9h

SEMINÁRIO ESTÚDIO FOLHA

DESAFIOS DA MOBILIDADE NO ESTADO DE SÃO PAULO

O transporte sobre trilhos tem um papel fundamental na mobilidade dentro das cidades e também entre os municípios. E o estado de São Paulo vive uma revolução nesse setor. Quais os investimentos e as obras em andamento? Quais os desafios sociais e de engenharia? Que benefícios trarão para as pessoas e os negócios? Assista ao seminário e veja as discussões que responderão a essas e a outras perguntas.



ABERTURA
Rodrigo Garcia
Governador do Estado
de São Paulo

MESA 1

Como avançar em obras do Metrô e da CPTM?



Eduardo Trani
subsecretário de Meio
Ambiente do Governo do
Estado de São Paulo, especialista em
transporte, habitação e
planejamento ambiental



Pedro Tegoza Moro
diretor-presidente da
Companhia Paulista de Trens
Metropolitanos (CPTM)



Rovena Maria Negreiros
doutora em economia do setor
público, mestre em ciência
política e ex-diretora de
Empresas

Como assistir:
folha.com.br
[youtube.com/fohah](https://www.youtube.com/fohah)



Aponte a câmera do
celular para o QR
code e se inscreva
para ser lembrado
minutos antes do
início do evento

MESA 2

O futuro das linhas intermunicipais



Ciro Biderman
professor de administração
pública e governo da Fundação
Getúlio Vargas (FGV)

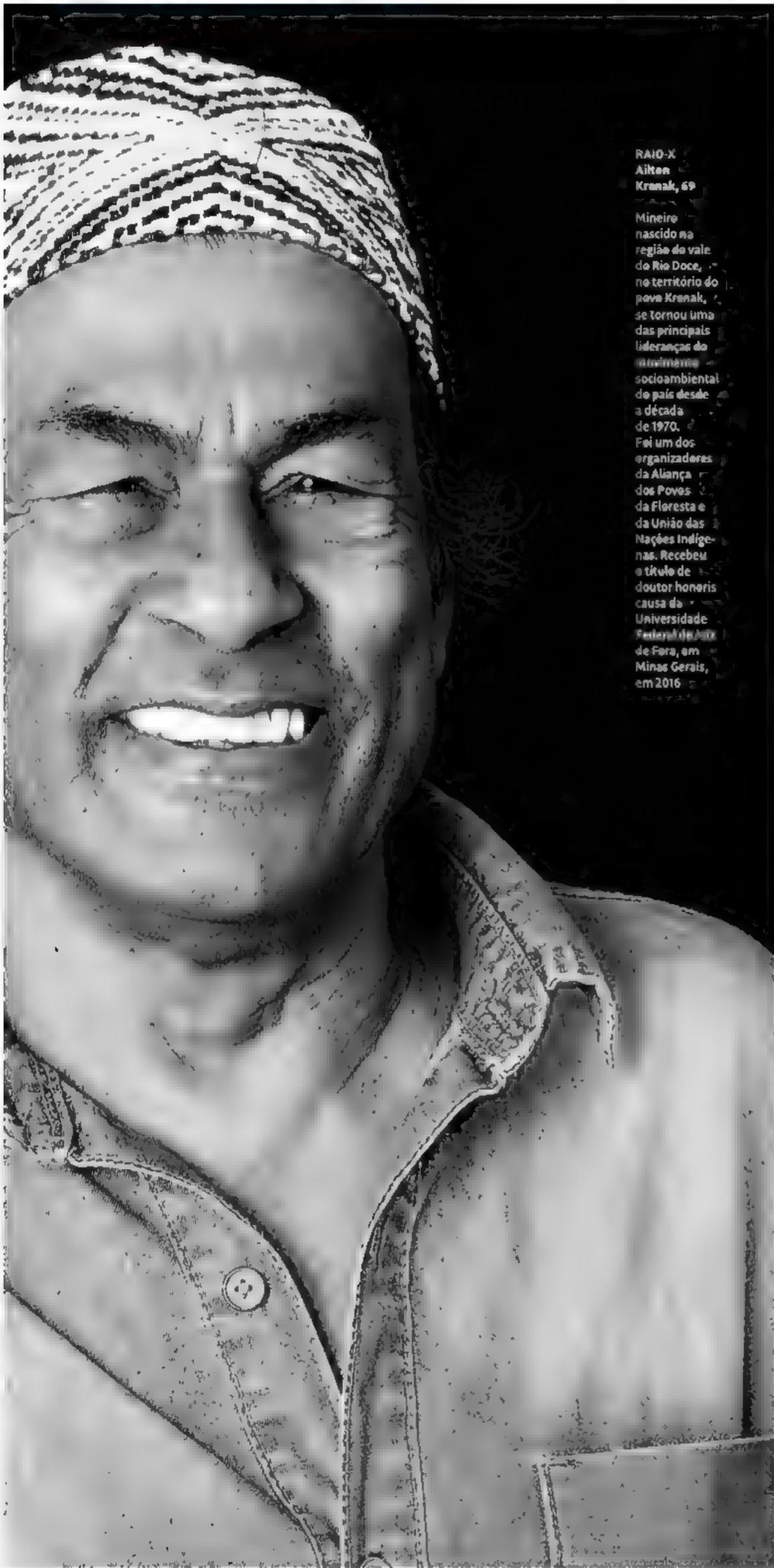


Isadora Chansky Cohen
secretária-executiva da
STM, sócia licenciada da ICO
Consultoria, fundadora e
apresentadora do Infrecast e
presidente do Infra Women
Brazil



Joubert Flores
presidente da Associação
Nacional das Transportadoras
sobre Trilhos (ANPTrilhos)

entrevista da 2ª



RAIO-X
Ailton
Krenak, 69

Mineiro nascido na região do vale do Rio Doce, no território do povo Krenak, se tornou uma das principais lideranças do movimento socioambiental do país desde a década de 1970. Fez um dos organizadores da Aliança dos Povos da Floresta e da União das Nações Indígenas. Recebeu o título de doutor honoris causa da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais, em 2016.

ILUSTRADA

Walter Porto

SÃO PAULO "Olha que lindo é aqui", diz Ailton Krenak enquanto filma pelo celular as árvores do lugar onde se sentou para dar esta entrevista. É uma parada prosaica de beira de estrada, onde ele estacionou em meio à viagem que fazia de Minas Gerais até o Rio de Janeiro. Dali partiria para a Holanda, em sua primeira viagem internacional após a pandemia, no começo do mês.

Krenak apresentaria aos europeus suas ideias para adiar o fim do mundo, expressão popularizada pelo título de seu primeiro livro na Companhia das Letras, lançado em 2019.

De lá para cá, a coletânea viu uma febre comercial, rendendo duas edições reimpressas 16 vezes, e continuou com "A Vida Não É Útil". As obras ampliaram o alcance de uma liderança indígena já reconhecida por articulações nacionais desde os anos 1970.

Agora o tríptico se encerra com "Futuro Ancestral", que reúne reflexões sobre a educação de crianças, o colonialismo e o planejamento urbano, sempre partindo de cosmogonias indígenas tornadas acessíveis aos leitores brancos.

Nesta entrevista, Krenak discute por que prefere pensar no presente que no futuro e pensa a efetividade da política institucional — ele foi um dos nomes lembrados para o prometido Ministério dos Povos Originários no governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

*

'Futuro Ancestral' diz que a ideia de futuro é uma ilusão branca, mas expressa com frequência a ideia de 'adiar o fim do mundo'. Pode explicar melhor como enxerga o conceito de futuro? A ideia de fazer uma comunicação aberta com outra cultura, outros sujeitos, obriga você a criar recursos narrativos que alcancem o outro. Se eu ficar enfiado em uma cosmovisão na qual o futuro é uma balela, não vou conversar com ninguém. Todo mundo ao meu redor acredita no futuro.

Se você não fizer sua auto-descrição quando vai dar uma palestra, o cego não vê. Como eu vou falar com você sobre o futuro se eu suprimir a palavra futuro? Não quer dizer que eu acredito nele, mas que questiono a razão que instituiu uma narrativa global, ampla, em que há o mesmo futuro para mim, para você e para o chinês. Isso é uma besteira.

Se tem alguma coisa que pode corresponder a essa ideia de futuro instituída socialmente, temos que considerar que ele é ancestral, porque só pode ter concretude a partir do que já foi. A materialidade dele é o ontem, não é o agora — e quando o agora for ontem, fechamos a parábola de um futuro ancestral.

Pode parecer especulação filosófica, mas é também a afirmação de um lugar de pensar o mundo aqui e agora. Igual à canção de Gilberto Gil.

Isso embute uma proposta de salvar o meio ambiente e preservar os povos originários priorizando ações imediatas acima de planos para um futuro que talvez não se concretize? Do ponto de vista climático, muito mais do que a ideia de salvar qualquer coisa é a ideia de evitar nossa extinção. O *Homo sapiens*, a espécie está entrando em extinção. Não são os índios, eu não estou salvando os índios. Estou dando um toque de que, se a gente não se cuidar, vamos todos para a metástase.

Com relação ao clima, ou a gente para tudo agora ou a gente torra. O secretário das Nações Unidas, Antônio Guterres, disse na COP27 que estava decepcionado porque, a considerar a posição dos governos que foram para Sharm el-Sheikh, no Egito, nós vamos marchar a passos largos para o inferno. Parece letra de rock 'n' roll brabo.

Não é brincadeira, não. Ele só não jogou a toalha, mas o que está dizendo é que não tem mais prazo para conversa mole. É aqui e agora.

Você diz no livro que não acredita mais na atuação em partidos ou sindicatos, afirma que quando se começa a cobrar impostos, alguma coisa já deu errado. Instituições como essas não podem ajudar a organizar a mobilização por uma causa? Partido é um organismo com configurações implícitas. Eu nunca tive relação com partido, organizei o movimento indígena, antipartido. Em 1995, renunciei à coordenação para que não virasse partido. Eu e o Batman temos um dispositivo que, quando tudo fica muito ruim, a gente aperta o botão.

Na COP27, Lula foi saudado como uma estrela, alguém com potencial de ter uma atuação positiva em termos ambientais diante de um mundo preocupado com a Amazônia. O próximo governo tem uma boa oportunidade de levar o Brasil a uma posição melhor nesse aspecto? Seria uma injustiça atribuir essa responsabilidade ao Brasil. Estamos saindo de uma tragédia política tão grande que cuidar das nossas feridas já seria heroico.

Lula foi saudado lá porque o mundo está pelado com a mão no bolso. É como se ele fosse a aspirina do momento, mas isso só mostra que o mundo está realmente uma merda.

Lula também aventa a ideia de um ministério específico voltado aos povos originários. Isso vai ser efetivo para organizar as políticas dessa área? Foi muito corajoso ele ter feito esse anúncio, inclusive num momento em que a vitória dele ainda não estava decidida. De lá para cá, ele radicalizou, está criando o ministério e isso é um sinal muito amplo para todo mundo.

Quando você diz que vai empoderar os povos originários, diz que vai limitar o genocídio e a ação deliberada de destruir florestas e ecossistemas que se implantou no Brasil nos últimos anos. Significa também um comprometimento pessoal do presidente de que ele não vai mais cometer Belo Monte.

Então você não desistiu completamente da política institucional. A política institucional é a única maneira de assegurar que a gente não vire uma barbárie total, com pirataria e invasões feito o que Donald Trump promoveu no Congresso dos Estados Unidos e o que os sujeitos que tomaram a política brasileira tentaram fazer levando tanques militares para dar rolezinho em volta do Congresso.

As instituições precisam ser responsáveis, o que não quer dizer que todo mundo tem que se meter na política. Não é por isso que você e o Ailton têm que se meter em política e criar um partido. Sair por aí com o apelido de centrinho.

Em outro trecho dos seus textos, você diz que 'o colonialismo causou um dano quase irreparável ao afirmar que nós somos todos iguais'. Pode explicar o que quer dizer? Somos 8 bilhões de pessoas no planeta hoje. Se continuarmos todos fiéis ao propósito "somos todos iguais", vamos ter que dar um carro para cada pessoa, um apartamento, uma casa no campo, férias em outro país. Não tem sentido dizer que somos iguais quando príncipes sauditas embarcam carros de luxo em aviões para passear na Europa.

Enquanto eles escravizam povos no mundo inteiro, as declarações de igualdade só cresciam. No século 20, a propaganda de igualdade é descarada. É um plasma que cobre tudo, as injustiças, o sexismo, o racismo. Todo tipo de segregação e sacanagem acontece sob o manto tacanho da igualdade. Somos radicalmente diferentes. É uma tremenda embromação.

Ailton Krenak

Eu não tento salvar os índios, e sim evitar a extinção dos humanos

Líder indígena diz que crise do clima nos levará à metástase e que Lula foi saudado na COP27 porque 'o mundo está pelado com a mão no bolso'

mercado

Fila do Auxílio Brasil ressurgiu após eleição e já tem 128 mil famílias

Barreira a novos beneficiários é mais uma pressão ao programa na gestão de Lula

Thiago Resende

BRASÍLIA Encerrado o segundo turno da eleição para a Presidência, o programa de benefícios Auxílio Brasil, do governo do presidente Jair Bolsonaro (PL), voltou a registrar fila de espera, algo que não acontecia desde agosto, quando a campanha eleitoral ganhou força.

Segundo dados obtidos pela Folha, 128 mil famílias entraram na lista em novembro. Isso significa que elas já tiveram seu cadastro aprovado pelo Ministério da Cidadania, responsável pelo programa, mas ainda não foram atendidas. Procurado, o Ministério da Cidadania não respondeu sobre o motivo da represamento nas concessões.

A fila de espera começou o ano de 2022 zerada. Sem orçamento suficiente no programa, porém, a fila foi crescendo mês após mês e, em julho, atingiu a marca de 1,569 milhão de famílias.

De olho na reeleição, Bolsonaro se empenhou para ampliar o orçamento do Auxílio Brasil no segundo semestre, e conseguiu manter as filas zeradas em agosto, setembro e outubro, meses de campanha eleitoral, além de expandir o número de famílias no programa de transferência de renda.

Em outubro, o número de

beneficiários superou os 21 milhões, um recorde que se repetiu neste mês.

Ao turbinar o Auxílio Brasil, a campanha do presidente Bolsonaro esperava melhorar o desempenho eleitoral do presidente em regiões do país e camadas da população mais carentes, nas quais Luiz Inácio Lula da Silva (PT) mostrava maior intenção de voto.

Bolsonaristas reconheciam que a medida era uma das principais apostas eleitorais da campanha. Também lamentavam que a ampliação do programa social tivesse sido adotada num período muito próximo à eleição, o que dificultou o objetivo de colher os dividendos eleitorais — o efeito político desse tipo de ação não é imediato.

Nova fila de espera eleva pressão sobre governo eleito

O represamento de famílias de baixa renda que se enquadram no perfil do Auxílio Brasil gera ainda mais pressão para o programa no início da gestão do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que planeja retomar a marca Bolsa Família.

A equipe de transição estima um gasto de R\$ 175 bilhões no próximo ano com o programa social. Isso inclui R\$ 157 bilhões para o bene-

fício mínimo de R\$ 600 por família e R\$ 18 bilhões para a promessa de campanha de conceder R\$ 150 por criança de até seis anos.

No formato atual, o Auxílio Brasil representa um gasto de R\$ 13 bilhões por mês para os cofres públicos — cálculo com base nos dados de novembro, quando o programa atendeu 21,53 milhões de famílias e registrou a fila de 128 mil.

Nesse nível mensal, o custo já consome todo o orçamento de R\$ 157 bilhões estimado pelo PT. Ou seja, não há espaço para zerar a fila de espera nem para evitar que ela cresça.

Membros da equipe de transição de Lula dizem que não deve ser possível atender a todos da fila imediatamente, mas que ele assumirá a prioridade será redesenhar as regras do programa ainda no primeiro trimestre e fazer uma análise mais criteriosa dos cadastros já a partir de janeiro, para evitar que sejam incluídos no programa pessoas sem o perfil social para receber o benefício.

Por causa dos critérios adotados na gestão Bolsonaro, houve um grande aumento do número de beneficiários do Auxílio Brasil enquadrados como família pobre ou extremamente pobre com apenas um integrante.

Fila de espera do Auxílio Brasil ficou zerada na eleição, mas agora voltou a subir

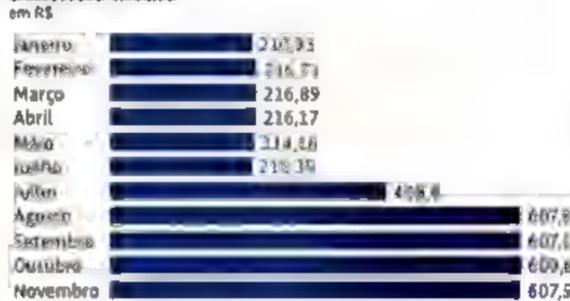
Fila



Número de famílias atendidas



Benefício médio em R\$



Fonte: Ministério da Cidadania

Novos critérios podem abrir espaço para 2 milhões de famílias

Douglas Gavras

SÃO PAULO A melhora no desenho do Auxílio Brasil pelo próximo governo poderá aumentar o benefício para crianças menores de seis anos ou incluir mais de 2 milhões de lares no futuro Bolsa Família, segundo especialistas.

O Auxílio Brasil, programa que substituiu o Bolsa Família no fim de 2021 e que estabeleceu um piso de benefício sem considerar a composição das famílias, tem levado a um aumento artificial do número de lares cadastrados com apenas uma pessoa.

As chamadas famílias unipessoais subiram de 2,23 milhões em dezembro do ano passado para 5,32 milhões em setembro deste ano. Os cálculos são da pesquisadora Letícia Bartholo, ex-secretária Nacional Adjunta de Renda de Cidadania, a partir de dados do Ministério da Cidadania.

Os 5,32 milhões de famílias com uma só pessoa representam 25,7% do universo de 20,353 milhões de beneficiários. Antes, em dezembro, elas eram cerca de 15%, já em um patamar superestimado.

Uma projeção cautelosa aponta que o número atual deveria ser de 3,1 milhões de domicílios unipessoais — 2,2 milhões a menos que em setembro. Se considerado o benefício de R\$ 600 recebidos por 12 meses, são cerca de R\$ 16 bilhões ao ano gastos com pagamentos duplos.

Com o mesmo valor, o auxílio poderia ser dado para mais 2,2 milhões de famílias — ou pagar um benefício adicional de R\$ 150 para cada criança de até seis anos que esteja no programa, como propõe a equipe do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

"Houve um movimento, que acontece mais entre homens a partir dos 25 anos. Um homem em situação de extrema pobreza tem direito ao benefício, mas a situação de pobreza e extrema pobreza é avaliada a partir da condição per capita familiar. Isso indica que tem famílias recebendo dupla-



Fila em agência da Caixa na zona leste de São Paulo, em dia de pagamento do Auxílio Brasil. Rivaldo Gomes - 11.09.2022/Folhapress

mente, enquanto outras que poderiam entrar estão sem o benefício", diz Bartholo.

Em entrevista recente à Folha, a ex-ministra Tereza Campello confirmou que a maior parte das divisões artificiais tem seu dado entre homens, o que prejudica as mães solo que dependem do benefício.

Bartholo explica que o número de domicílios unipessoais já crescia antes, primordialmente a partir de 2017, e é preciso avaliar o quanto disso é efeito da recessão econômica, os jovens vão crescendo e se cadastram no programa para garantir o mínimo de renda.

Mas não houve um salto semelhante no número de domicílios com apenas uma pessoa entre os brasileiros de baixa renda, segundo o IBGE (Insti-

tuto Brasileiro de Geografia e Estatística), que eram de 7,7% em 2021. "Só que é preciso forçar que o erro não é das famílias que estão tentando sobreviver, mas da formulação equivocada da política pública", diz.

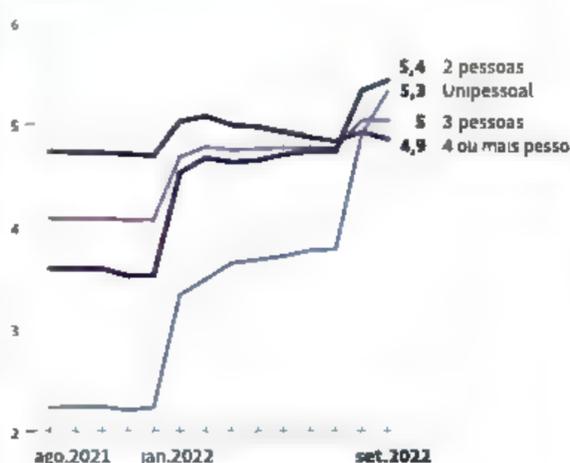
A maior procura pelo programa de transferência de renda tem explicação. Na sexta-feira (2), o IBGE divulgou que pobreza e extrema pobreza atingiram patamares recorde no país em 2021.

62,5 milhões de pessoas eram consideradas pobres no país — ou 29,4% da população total. Dessas, 17,9 milhões viviam em situação de extrema pobreza.

Em agosto, o Auxílio Brasil passou de R\$ 400 para R\$ 600, até dezembro. O governo Jair Bolsonaro (PL), no entan-

Famílias integrantes do Auxílio Brasil, dados por número de pessoas em cada lar

Em milhões



Fonte: Letícia Bartholo, com dados do Ministério da Cidadania

Esse perfil de beneficiário mais que dobrou em um ano, passando de 2,2 milhões, em novembro do ano passado, para 5,5 milhões atualmente.

Essa é uma das principais críticas feitas pelo governo ao programa da atual gestão: ele não distingue entre famílias com muitas crianças, que precisariam de mais recursos, e beneficiários individuais. Todos recebem o mesmo valor.

Em novembro, por exemplo, o benefício médio transferido ficou próximo de R\$ 608, sendo que o valor mínimo é de R\$ 600.

No Bolsa Família, cuja estrutura o governo Lula pretende retomar, o valor transferido dependia do número de filhos e faixa de renda de cada família cadastrada.

Apesar do inchaço no número de beneficiários individuais, apenas no mês passado, após o período eleitoral, o Ministério da Cidadania iniciou um processo para apurar possíveis irregularidades.

Por enquanto, contudo, os bloqueios de benefícios ainda não registraram um comportamento fora do comum.

O objetivo da equipe do presidente eleito é que famílias com um "perfil claro" para o Bolsa Família — mulheres com filhos — sejam prioridade no atendimento da fila.

A expectativa é que, com a verificação de irregularidades, haja mais espaço para colocar novas famílias no programa.

As mudanças nas regras e a volta do nome Bolsa Família devem ser feitas por medida provisória (MP) a ser elaborada nos primeiros dois ou três meses de governo, segundo integrantes da equipe de transição na área de assistência social.

to, não garantiu a continuidade do benefício de R\$ 600 a partir de 2023, o que também foi considerado à época como uma medida eleitoral.

A continuidade do benefício em R\$ 600 é uma das metas mais importantes da equipe petista, que para isso negocia a chamada PEC (proposta de emenda à Constituição) da Transição.

Segundo o Ministério da Cidadania, a pasta iniciou uma ação específica para tratamento das famílias unipessoais em setembro deste ano, antes das eleições. "Conforme Instrução Operacional nº 1/2022, o processo de focalização do Programa Auxílio Brasil incluiu dois novos públicos, compostos por famílias unipessoais que, em sua maioria, apresentaram data de ingresso recente no Cadastro Único", informa.

Sobre a atualização do Cadastro Único, a nota do ministério também aponta que a pasta priorizou, junto à Dataprev, um processo para tratamento de todo o público do Cadastro Único.

Redesenho do programa é urgente, dizem especialistas

A avaliação dos especialistas é a de que o futuro governo do presidente Lula terá de redesenhar as regras do programa, que voltará a se chamar Bolsa Família.

Na visão deles, o novo governo não precisa reconstruir o programa, não apenas mudando seu nome, mas refazer as regras e reforçar o que tinha dado certo antes.

A mudança no Bolsa Família gerou uma perda de qualidade do Cadastro Único (CadÚnico), a nota do cadastramento apressado do Auxílio Emergencial durante a pandemia, avalia Marcelo Neri, da FGV Social.

A equipe de Neri estima que a ineficiência do Auxílio Brasil leva a um desperdício de até 55% dos recursos. "Redesenhando o programa dando mais para quem tem menos torna possível fazer até duas vezes mais", afirma.

Continua na pag. A16

mercado

PAINEL S.A.

Julio Wiziack (interview)
painelsa@grupofolha.com.br

Deu zebra

O prazo para que Bolsonaro regulamente o negócio das apostas esportivas vence nesta segunda-feira. As chances de que assine a medida provisória aguardada pelo setor são consideradas nulas e ele foi advertido pela Casa Civil de que cometerá crime se não o fizer. Caso isso se confirme, gigantes como PixBet, Sportingbet, 1xBet e Betsson preveem o caos. A atuação delas no país dependerá da Justiça. Cada juiz decidirá com regras que valem para uns e não para outros.

APOIO Essas empresas des-pontaram como um dos principais anunciantes das emissoras de TV e patrocinadores relevantes de eventos esportivos e times — grupos que defendem a regulamentação. "Somos grandes anunciantes hoje e todo mundo está trazendo esse assunto à luz do dia porque quer segurança jurídica", disse Andre Gelfi, sócio-diretor da sueca Betsson.

QUATRO ANOS A lei que liberou o mercado de apostas no Brasil foi assinada pelo ex-presidente Michel Temer, em 2018. Seria necessária a criação de uma agência reguladora. O prazo dado para que isso ocorresse foi de dois anos, prorrogáveis por mais dois — que vence nesta segunda.

AVAL AMP tinha passado pelo crivo do Ministério da Economia e da Casa Civil. Em junho, a bancada evangélica na Câmara conseguiu pressionar Bolsonaro e engavetá-la. Os religiosos defenderam que isso abriria uma porta para os cassinos e jogos de azar, considerados imorais, afugentando eleitores do presidente. Bolsonaro, então, recuou.

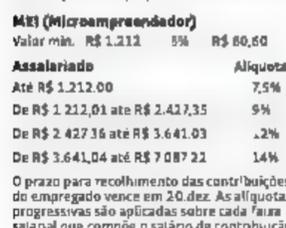
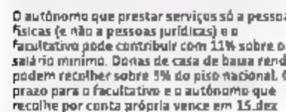
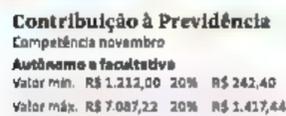
REVANCHE As empresas do setor consideram que, derrotado por Lula, Bolsonaro agora não deve ter interesse em deixar para o presidente eleito a regulamentação de um setor que pode arrecadar pelo menos R\$ 6 bilhões por ano — entre impostos e outorgas.

IMPASSE À revelia do presidente da Fiesp, a maioria dos sindicatos ligados à federação das indústrias de SP convocou uma assembleia para o dia 21. Querem votar a destituição de Josué Gomes da Silva, que comanda a instituição. A coluna ouviu alguns dirigentes. Uns afirmam que por trás da briga está a tentativa do ex-presidente Paulo Skaf retomar o poder. Outros dizem que Josué não aparece para trabalhar e resolver problemas.

MAMATA Quando deixou o comando, em 2021, Skaf apolou Josué. No entanto, ele fez uma gestão que contrariou os 86 sindicatos ligados ao ex-dirigente. Alguns afirmam que Josué deixou de oferecer salas na Fiesp e outras benesses com dinheiro da federação.

com Paulo Ricardo Martins e Diego Felix

INDICADORES



PLANO Ainda segundo relatos, essa base sempre foi "bem tratada" por Skaf, garantindo, em troca, apoio para que ele tivesse comandado a entidade por cerca de duas décadas após sucessivas mudanças estatutárias. É esse grupo que, no momento, busca uma nova eleição caso Josué não aceite dialogar. Alguns cogitam lançar Skaf em uma futura eleição. Até lá, Rafael Cervone assumiria o comando. Ele também é ligado ao ex-dirigente. Assinam o edital de convocação 86 dos 120 sindicatos.

ATAQUES O edital foi publicado neste domingo (11) e faz insinuações de que o atual presidente praticou atos sem previsão no estatuto que, supostamente, são "incompatíveis com os interesses dos sindicatos filiados e com os anseios das categorias industriais representadas".

DISSE... Em 16 de novembro, Josué recebeu o pedido de convocação da assembleia para decidir sobre sua destituição. Os dirigentes sindicais afirmam que, em 29 de novembro, o presidente da Fiesp disse que marcaria em 30 dias — prazo que venceria dia 20 de dezembro com obrigação de publicação do edital de convocação até 10 de dezembro.

...QUE DISSE No entanto, interlocutores ligados a Josué afirmaram ao Painel S.A. que ele se recusou a fazer a convocação devido a falhas no pedido. A decisão foi tomada após um parecer jurídico externo demonstrar que ele não respeitava cláusulas do estatuto. Josué recomendou que o pedido fosse refeito o que, ainda segundo interlocutores, não ocorreu. Os sindicatos, no entanto, têm outra versão: dizem que protocolaram novo pedido, mas ele não foi acatado. Por isso, a autoconvocação ocorreu à revelia.

LONGE Amigos afirmam que Josué está de férias e deve retornar no início de janeiro, quando pretende analisar o assunto. Consideram ainda que a publicação do edital, à revelia do presidente, fere o estatuto. Caso não apareça à assembleia, possivelmente, será destituído. Procurados, Josué não respondeu e a Fiesp não quis comentar.

Imposto de Renda

Em R\$	Alíquota, em %	Deduzir, em R\$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

Empregados domésticos
Considerando o piso na capital e Grande SP

R\$ 1.433,73	Valor, em R\$
Empregado	110,85
Empregador	286,71

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 7 dez. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto de INSS.

Novos critérios podem abrir espaço para 2 milhões de famílias

Continuação da pag. A15

"O programa Bolsa Família não tinha 'família' no nome por acaso, houve um desvirtuamento. O adicional de R\$ 150 para crianças de 0 a 6 anos proposto por Lula melhora bastante a focalização, mas não tira o incentivo de fragmentar as famílias", afirma Marcelo Neri.

O programa trouxe benefícios auxiliares, de iniciação científica, auxílio esporte e inclusão produtiva rural ou urbana, criticados por alguns especialistas.

"Dado que alguns desses auxílios atendem a um percentual pouco expressivo da população, seria muito mais adequado fazer uma previsão orçamentária, mantendo características do Bolsa Família: considerando a composição familiar", diz Bartholo.

É preciso valorizar a atualização de cadastro e o acompanhamento via Cras (Centro de Referência de Assistência Social), diz Tatiana Roque, vice-presidente da Rede Brasileira de Renda Básica e professora da UFRJ (Universidade Fe-



O programa Bolsa Família não tinha 'família' no nome por acaso, houve um desvirtuamento. O adicional de R\$ 150 para crianças de 0 a 6 anos proposto por Lula melhora bastante a focalização, mas não tira o incentivo de fragmentar as famílias

Marcelo Neri
pesquisador da FGV Social

deral do Rio de Janeiro).

"Os programas auxiliares também têm de ser revistos. O de iniciação científica para os jovens pode ser interessante, mas não é transferência de renda. O governo atual juntou várias coisas que não faziam sentido com o programa original."

Ela diz que o próximo governo Lula começa com o desafio de melhorar a infraestrutura dos Cras, que foram praticamente desmontados nos últimos anos. "O governo atual optou por um cadastramento virtual, o que até poderia fazer sentido durante a pandemia, mas não agora. O Cras precisa de investimento, por ser a ponta da política social em relação à população vulnerável."

Nos últimos meses, a imprensa tem noticiado o aumento da dificuldade de atendimento e de novos cadastros de beneficiários, levando cerca de 20 dias para que o agente digitalize uma inscrição no Cadastro Único, conforme estimativa da Rede Brasileira de Renda Básica.

Ainda que manter o benefício em R\$ 600 tenha sido uma das principais promessas da campanha petista, também é preciso retomar o acompanhamento de presença escolar e vacinação infantil, dizem os especialistas.

Na última semana, o jornal "O Globo" teve acesso a um parecer do TCU (Tribunal de Contas da União) que aponta falhas no ingresso de 3,5 milhões de famílias no programa em agosto, dois meses antes das eleições, sob o pretexto de zerar a fila.

A conclusão dos auditores foi que o programa não contribuiu para a redução da pobreza, privilegia as famílias unipessoais e prejudica as que têm crianças. Eles também devem recomendar que o futuro governo redesenhe o programa e regularize o Cadastro Único.

Segundo a Folha apurou, o assunto tem relatoria do ministro Augusto Sherman. "Até o momento, não há decisão do Tribunal e os documentos não estão públicos", diz a Secom do TCU.

Saúde, educação e Minha Casa, Minha Vida terão mais recursos com PEC

O relator do Orçamento, senador Marcelo Castro, disse que saúde será área prioritária e terá R\$ 22,7 bilhões a mais que o previsto

Raquel Lopes e Victoria Azevedo

BRASÍLIA O relator-geral do Orçamento de 2023, senador Marcelo Castro (MDB-PI), disse que o espaço aberto de R\$ 105 bilhões no Orçamento de 2023 será ocupado principalmente para saúde e educação.

O parlamentar também citou outras áreas que serão contempladas, como o programa Minha Casa Minha Vida e o DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes).

O senador disse que a maior fatia irá para a saúde, prometendo que vai conseguir atender o valor pedido pela equipe da área no governo de transição, de R\$ 22,7 bilhões.

O grupo tem afirmado que o cenário é de caos na saúde e cita esse valor para investimentos em medicamentos, vacinas e garantir o funcionamento do SUS (Sistema Único de Saúde).

"A área mais priorizada é a saúde porque o orçamento da saúde deste ano [2023] está R\$ 16,6 bilhões menor do que o de 2022. E ainda tem fila do SUS para cirurgias eletivas, principalmente por causa da Covid, que precisa de aporte adicional para fazer mutirões para vencer essas filas. Em segundo lugar, a educação, porque as universidades, a merenda escolar, os IFs [Institutos Federais], vocês estão acompanhando e vendo que não têm recursos", disse.

Castro planeja entregar o orçamento nesta segunda-feira (12). A previsão do parlamentar é que o projeto possa ser votado na quinta-feira (15) na Comissão Mista do Orçamento do Congresso, e, na semana seguinte, ir a plenário.

Castro se reuniu na tarde deste domingo (11) com o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o vice-presidente eleito, Geraldo Alckmin (PSB), o ex-governador do Piauí e senador eleito Wellington Dias, a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, o coordenador dos grupos técnicos do governo de transição, ex-minis-



O relator do Orçamento, Marcelo Castro (MDB-PI) | Roque de Sá/1. set. 2022/Agência Senado



A área mais priorizada é a saúde porque o orçamento da saúde deste ano [2023] está R\$ 16,6 bilhões menor do que o de 2022. E ainda tem fila do SUS para cirurgias eletivas, principalmente por causa da Covid, que precisa de aporte adicional para fazer mutirões para vencer essas filas. Em segundo lugar a educação, porque vocês estão acompanhando e vendo que não têm recursos

senador
Marcelo Castro
(MDB-PI)
Relator-geral do Orçamento

tro Aloizio Mercadante (PT), e o futuro ministro da Casa Civil, Rui Costa (PT), e o futuro ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT)

"Como está sendo criado um espaço orçamentário com a aprovação da PEC, então fomos mostrar como esse espaço seria apresentado, recomposto. Estamos seguindo a sugestão, a iniciativa da equipe de transição e apresentamos as modificações que julgávamos necessárias", disse, na saída da reunião.

O relator do Orçamento acredita que não precisará fazer mais modificações, porque a PEC (Proposta de Emenda à Constituição) da Transição não deve ser alterada na Câmara. É o texto que abre mais espaço para o Orçamento de 2023.

O plenário do Senado aprovou na quarta-feira (7) a PEC da Transição. Em mais um teste para o governo eleito, o Senado manteve o texto da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça), em meio à pressão da oposição para reduzir o impacto e o prazo de duração.

O placar para a aprovação foi de 64 a 16 no primeiro turno e de 64 a 13 no segundo turno. A proposta agora precisa passar pela Câmara dos Deputados, onde precisará do aval de 308 parlamentares.

Lira uma PEC a texto mais avançado para acelerar tramitação

BRASÍLIA A PEC (Proposta de Emenda à Constituição) da Transição foi pensada a outra proposta na sexta-feira (9). Com isso, o texto não precisa passar por nenhuma comissão e será analisado diretamente em plenário.

A manobra legislativa ocorreu após determinação do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e foi combinada com parlamentares do PT. A previsão é que o texto seja votado na quarta-feira (14).

A PEC é a principal aposta do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para cumprir promessas de campanha, como a manutenção do Bolsa Família em R\$ 600 e o adicional de R\$ 150 por criança até seis anos. O valor reservado para o programa sem a PEC é suficiente para o pagamento de R\$ 405 por família.

A PEC amplia o teto de gastos em R\$ 145 bilhões em 2023 e 2024 para o pagamento do Auxílio Brasil (que voltará a se chamar Bolsa Família) e libera outros R\$ 23 bilhões para investimentos fora do teto em caso de arrecadação de receitas extraordinárias.

Por que a sigla MMT provocou estresse no debate fiscal

Teoria citada em parecer da PEC da Transição assusta economistas ortodoxos

Alexa Salomão

BRASÍLIA Cheia de detalhes técnicos e controversa até para iniciados. Assim é a Teoria Monetária Moderna, normalmente identificada pela sigla em inglês, MMT. Dada a sua complexidade, o debate sobre seus conceitos costuma ficar restrito à academia.

De forma bem simplista, ela sustenta que o Estado pode ter déficit, dívida e emitir moeda nacional o quanto quiser —enfim, gastar sem quebrar. Uma afirmação que se contrapõe ao pensamento econômico convencional, chamado ortodoxo, que sustenta a necessidade de controlar dívida e gastos públicos, para manter a saúde financeira do Estado e do país.

Na semana passada, a MMT virou notícia ao aparecer justamente num dos textos mais aguardados e observados: o parecer do senador Alexandre Silveira (PSD-MG) para embasar a aprovação da PEC da Transição —medida que libera o governo eleito para elevar o gasto de 2023.

O estresse intelectual se instalou entre economistas ao ver a sigla no texto.

No grupo de transição da economia do governo eleito, o economista Persio Arida avisou que a menção poderia criar ruído na avaliação da PEC.

Fernando Haddad, que ainda não havia sido nomeado como futuro ministro da Fazenda, fez contato com o senador Alexandre Silveira ponderando sobre se seria realmente necessário manter a citação, numa sinalização de que seria melhor suprimi-la.

O trecho foi extraído. Mas a polêmica já estava instalada.

Pipocaram comentários, publicações nas redes sociais e reportagens preconizando que o PT havia encontrado um dogma econômico certo para explodir de vez o teto de gastos, ainda que o texto tenha sido apresentado por um parlamentar do PSD.

Segundo a assessoria do senador, o trecho foi redigido pela Consultoria do Orçamento, que dá apoio técnico aos parlamentares. A área informou à Folha não ter autorização para divulgar nomes de técnicos, pois a autoria é atribuída ao parlamentar que encomenda o texto.

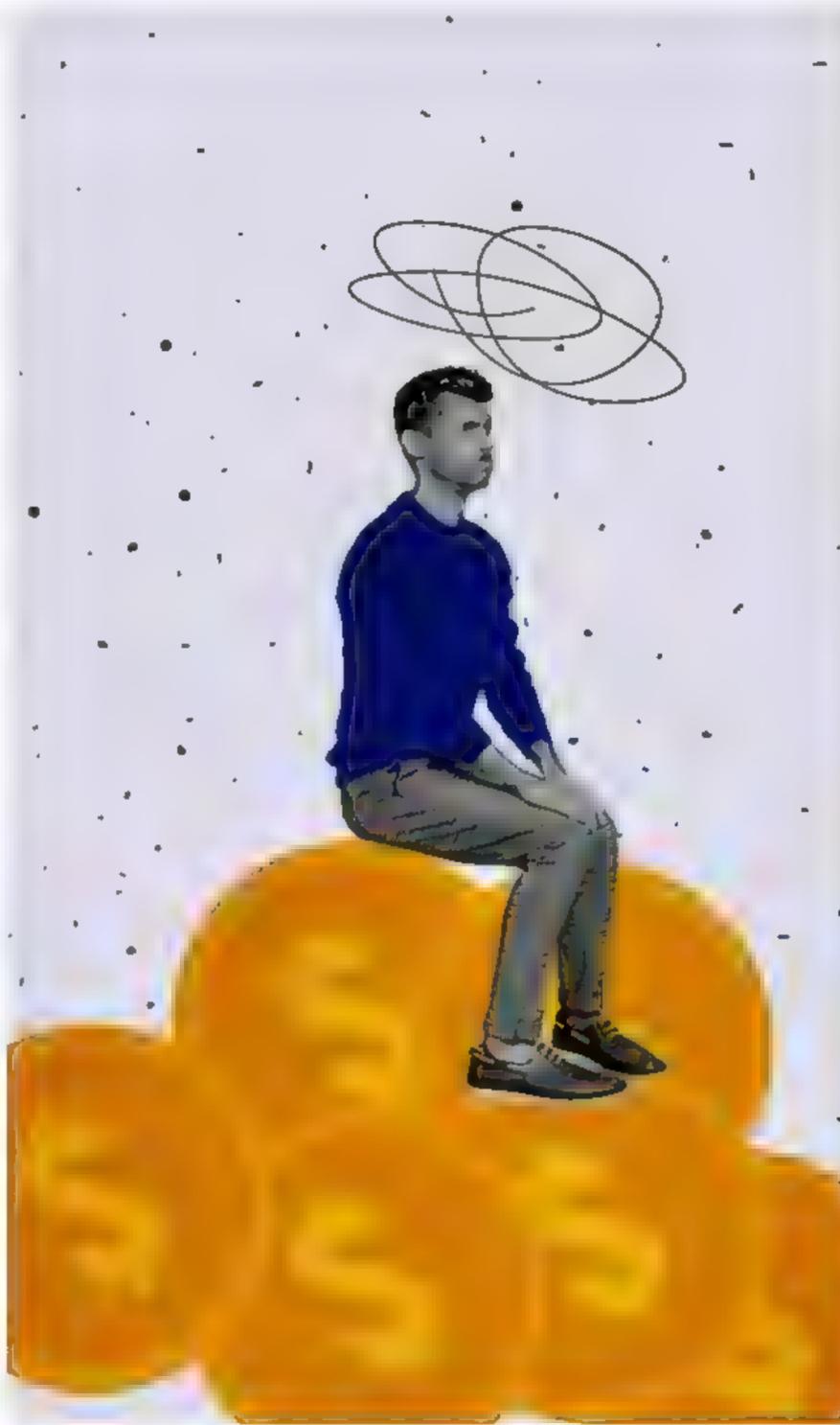
Existe uma nova geração de estudiosos da MMT, e alguns circulam no Congresso. Uma referência é o economista David Deccache, assessor econômico na Câmara e autor do livro "Teoria Monetária Moderna: A chave para uma economia a serviço das pessoas".

O economista petista Guilherme Mello, outro que está no grupo da transição e é cotado para o governo, leciona MMT na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

O maior expoente da teoria no Brasil é o economista André Lara Resende. Integrante do grupo de transição e também cotado para ocupar cargo no governo, ele disse à Folha que não viu sentido na citação.

"Considerarei a menção primária e desnecessária. Uma ingenuidade política surpreendente", afirmou. "MMT é fonte de muita confusão. Seus detratores e mesmo grande parte de seus defensores não a entendem."

André Lara é um estudioso dos fenômenos associados à moeda. Foi formulador, junto com Persio, dos princípios que levaram à criação da URV, a moeda escritural e paralela do Plano Real. Por décadas, foi visto como liberal. Após se debruçar sobre os autores reunidos na MMT, publicou artigos argumentando que a



economia do "mainstream" se tornou disfuncional.

O livro "Consenso e Contrassenso: Por uma Economia Não Dogmática" reúne vários desses textos.

"A MMT é apenas uma descrição correta do sistema monetário fiduciário. Seus críticos sustentam que é uma licença para gastar, sem qualquer critério, financiada pela expansão monetária. Não é absolutamente o caso, mas vai explicar. Por isso, nunca mais mencionei. Só provoca confusão", diz ele.

O fato é que a nova sigla entrou de vez no antigo debate entre contracionistas (que, em linha geral, defendem controlar a inflação freando o consumo) e expansionistas (que, de forma ampla, defendem estimular o consumo para trazer crescimento),



Os críticos sustentam que é uma licença para gastar, sem qualquer critério. Não é o caso, mas vai explicar. Por isso, nunca mais mencionei. Só provoca confusão

André Lara Resende
Economista, um dos pais do Plano Real e estudioso da MMT

mas não é uma teoria nem moderna, nem monetária.

Para entender seus princípios é preciso percorrer a história da moeda.

No passado, moeda era algo físico, geralmente de metal precioso. À medida que o dinheiro evoluiu para moedas de metais menos nobres e notas, passou a ter lastro (cada unidade física correspondia a uma quantidade de riqueza concreta). No século 19, adotou-se o padrão-ouro, ou seja, a quantidade de moeda em circulação representava um volume de ouro estocado.

Os países compravam, estocavam e vendiam barras o tempo todo. O câmbio era fixo. Dinheiro, investimentos, exportações e importações dependiam dos estoques de ouro, e mexiam com eles.

Isso começou a mudar em 1914, quando a Inglaterra trocou o padrão-ouro pelo dólar-ouro. A libra foi ancorada na moeda americana, que por sua vez, detinha a reserva em ouro. Outros países fizeram essa migração. Nos anos de 1970, quando os EUA começaram a gastar como se não houvesse amanhã, ficou claro que não havia ouro suficiente. Em 1973, o país desvinculou o dinheiro do metal.

A moeda começou a ser identificada como um registro contábil. Mas o que interessa na MMT é que o Estado ficou livre para emitir. O Estado cria moeda soberana quando liga a máquina de imprimir dinheiro e também quando emite títulos de dívida pública, não apenas para o mer-

cado financeiro mas também para o Banco Central.

Ou seja, a MMT afirma que o Estado pode emitir e se endividar para gastar na moeda nacional de forma ilimitada. Nunca vai quebrar, pois sua capacidade de endividamento não está limitada por sua capacidade de crescimento, como empresas, nem por sua renda, como as famílias.

Dai surgiram questões. O Estado pode criar moeda para gerar crescimento e emprego? Até quanto? Pode deter recessões? Mas se criar muita moeda não vai gerar inflação?

Perguntas como essas foram feitas por gerações de economistas dedicados a estudar a moeda, seu uso e os efeitos sobre crescimento, arrecadação, renda e emprego.

O economista alemão Georg Friedrich Knapp (1842-1926) afirmou que a credibilidade da moeda também está associada à estabilidade político-institucional do Estado. Um país instável sofre com a inflação mesmo que seja rigoroso com o controle da dívida e da emissão de moeda.

O neomarxista polonês Michal Kalecki (1899-1970) defendeu que déficits públicos não importam, pois são inerentes a uma política econômica que atua para manter o pleno emprego.

Abba P. Lerner (1903-1982) fez longos estudos sobre o gasto público. Entre suas conclusões estão que o investimento do Estado é o único que pode ser planejado em benefício do crescimento das nações, pois o privado depende de garantia de lucro para alguns.

Hyman Minsk (1919-1996) afirmou que o volume de crédito oferecido pelo sistema bancário segue a percepção de risco e retorno, refletindo os humores dos empresários, e é a oscilação desse estado de espírito que causa crises recorrentes no capitalismo.

Em 1990, o americano Larry Randall Wray empacotou as teorias desses e outros no livro "Understanding Modern Money". Foi um título irônico: ele sabia que reorganizava conceitos antigos. Mas o nome pegou. Nasceu a MMT.

Os trabalhos de Wray tiveram apoio financeiro do terrâneo Warren Mosler, empresário, gestor de fundos e político independente, o que ampliou a publicidade do tema. Uma de suas alunas, Stephanie Kelton, reverberou o debate com mais clareza em outro livro, "O Mito do Déficit".

Kelton se tornou assessora do senador democrata Bernie Sanders, abrindo uma ponte entre a MMT e a política pública dos EUA —com exageros, reconhecidos até por defensores da MMT, o que alimentou a crítica de que a teoria embasa gasto desordenado.

Ainda que identificada com a esquerda, até heterodoxos têm ressalvas à MMT. O economista Nelson Marconi, que se autodenomina desenvolvimento, diz que alguns instrumentos inspiram cuidados.

"É preciso saber quando usar a emissão de títulos públicos, porque, a depender do nível de atividade, você perde o controle da taxa de juros, por consequência, da taxa de câmbio, e gera inflação."

Para seus defensores, as linhas da MMT, bem aplicadas, geram benefícios.

"As contribuições de pesquisas empíricas, aglutinadas na MMT, mostram que o investimento do Estado gera crescimento, renda e arrecadação, e que contrair gastos reduz PIB e arrecadação", afirma Simone Deos, pesquisadora sênior do Cebri (Centro Brasileiro de Relações Internacionais).

"A MMT descreve um fato: que não há restrição orçamentária para o Estado gastar, mas isso não significa que há mandato para gastar", afirma Leonardo Burlamaqui, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, outro estudioso do tema. "Exatamente porque tenho esse poder é preciso ter uma enorme responsabilidade para gastar."

Compare as teorias em 5 pontos

Mainstream
O que defendem, em linhas gerais, economistas conhecidos como ortodoxos

- 1 O governo tem limitações para emitir moeda e fazer dívidas
- 2 A tributação financia gastos do governo
- 3 O Orçamento é limitado e o seu equilíbrio evita o aumento da taxa de juros e a retração do investimento do setor privado
- 4 O déficit público reduz a poupança nacional, que deveria financiar investimento
- 5 Governos quebram

Teoria Monetária Moderna (MMT)
Principais diferenças desse pensamento considerado heterodoxo

- 1 Governos têm liberdade de emitir moeda e fazer dívida
- 2 A tributação é um incentivo para o uso da moeda soberana
- 3 O Orçamento não tem limite, e o Estado deve investir para incentivar o setor privado e manter o pleno emprego
- 4 O déficit público provocado por gasto se transforma em investimento privado e amplia a poupança
- 5 Governos não quebram

Economia nega Estado 'quebrado' e projeta queda na dívida

SÃO PAULO | REUTERS O Ministério da Economia divulgou nota neste domingo (11) para rebater o que classificou de "declarações infundadas" sobre o cenário econômico nacional, citando que as contas públicas do Estado não estariam "quebradas" e que haverá queda na dívida do país.

Na semana passada, o grupo técnico de Planejamento, Orçamento e Gestão da equipe de transição do governo do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva fez um diagnóstico bastante duro sobre as contas do governo federal.

"O diagnóstico que vai ficando claro para o governo de transição é que governo Bolsonaro quebrou o Estado brasileiro. Serviços essenciais ou já estão paralisados ou correm grande risco de serem totalmente comprometidos", disse o coordenador dos grupos técnicos, o ex-ministro Aloizio Mercadante.

No comunicado deste domingo, o Ministério da Economia procura contrapor críticas feitas e ressalta que a dívida bruta do governo geral deverá terminar o ano representando 74% do PIB (Produto Interno Bruto), com superávit primário de R\$ 23,4 bilhões, o primeiro desde 2013, de acordo com o Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias.

"Será o primeiro governo que encerra o mandato com endividamento em queda: em 2018, a relação dívida/PIB chegou a 75,3%", afirmou o comunicado.

Os compromissos totais devidos pelo Brasil a organismos e instituições financeiras internacionais deverão somar US\$ 1,23 bilhão (R\$ 6,4 bilhões) em 2023. De acordo com o ministério, o valor é quase 20% menor que o total de US\$ 1,52 bilhão devido no ano de 2016.

"Importante considerar que, para 2022, o governo havia reservado no PLOA (Projeto de Lei Orçamentária Anual) o valor de R\$ 2 bilhões para pagamento de compromissos com organismos e instituições financeiras internacionais, mas o valor foi reduzido pelo Congresso Nacional a R\$ 907 milhões, o que impossibilitou maior redução dos passivos", disse a pasta.

O governo destacou o impacto da pandemia da Covid-19 sobre os planos de reajuste salarial dos servidores públicos, cujo pagamento da última parcela ocorreu em 2019.

A pasta disse que as políticas adotadas para manutenção de empregos e auxílio financeiro à população impediram a aprovação de reajustes aos servidores públicos até o fim de 2021.

Para 2023, no entanto, o Projeto de Lei Orçamentária enviado ao Congresso previu R\$ 10,5 bilhões para reajustes dos servidores públicos do Poder Executivo. O montante corresponderia, de forma linear, a cerca de 5% de correção salarial.

Apesar do cenário citado pelo ministério, o relator geral do Orçamento para 2023, senador Marcelo Castro (MDB-PI), e outros apontam a falta de recursos para programas.

O governo eleito tenta aprovar a PEC da Transição no Congresso para expandir por dois anos o teto de gastos em R\$ 145 bilhões para pagamento do Bolsa Família de R\$ 600 e recompor outros pontos do Orçamento de 2023

mercado

Oposição marca reunião que pode destituir Josué da Fiesp

86 dirigentes assinaram pedidos de plenária, agora marcada para dia 21

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO Sindicatos de oposição à gestão de Josué Gomes à frente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) publicaram neste domingo (11) a convocação de uma assembleia extraordinária no dia 21 para discutir a conduta do presidente da entidade — e que poderá resultar em sua destituição.

A plenária foi solicitada pela primeira vez pelos sindicatos em outubro. No início de novembro, Gomes comunicou em reunião da diretoria que não faria a convocação por entender que o pedido não estava detalhado. O grupo ainda fez um novo pedido de assembleia no dia 27 de novembro, depois de ter detalhado a solicitação, mas a convocação não saiu.

A Fiesp diz que não se manifesta publicamente sobre assuntos internos.

Como a Folha mostrou na terça (6), os sindicatos já consideravam a auto-convocação, por entender que isso está previsto no estatuto da entidade, mas entendiam que seria melhor se a assembleia fosse marcada pela direção. Na Fiesp, a perspectiva era de que essa convocação ficasse pa-

ra janeiro.

A liderança da movimentação para destituir Gomes é atribuída ao ex-presidente da Fiesp Paulo Skaf, que ficou 17 anos no comando da entidade da indústria. Josué Gomes foi eleito em chapa única apoiada pelo antecessor.

Dirigentes que compõem o conselho de representantes da Fiesp e que assinaram os pedidos de assembleia dizem considerar natural que os sindicatos procurem Skaf para falar de temas da entidade, mas que a insatisfação com a atual gestão não é um movimento político, tampouco encabezado pelo ex-presidente.

Ainda que a assembleia do dia 21 conclua pela destituição de Josué Gomes, Skaf não poderá voltar a ocupar o posto pelo menos até 2025, quando termina o mandato da atual diretoria. Passaria à cadeira de presidente o primeiro vice da Fiesp, Rafael Cervone Neto, que atualmente comanda o Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo).

Falando sob anonimato, um diretor da Fiesp diz que o conselho de representantes tentou mais de uma vez conversar com o atual presidente e cobrou dele que a relação com os sindicatos melhorasse.



Josué Gomes da Silva, presidente da Fiesp Divulgação

Uma fonte de insatisfação é o funcionamento dos departamentos da federação, considerados esvaziados pelos sindicatos. A Fiesp tem nove departamentos, que tratam de temas como infraestrutura, serviços, agronegócio, construção e questões jurídicas.

Os sindicatos levam a esses departamentos questões do dia a dia das empresas de cada setor, como dúvidas sobre a aplicação de atos normativos e leis, além de reivindicações.

A avaliação de dirigentes que apoiam a assembleia é de que a Fiesp atua como uma interlocução entre os sindi-

catos e empresas menores e o Poder Público, algo que as grandes indústrias (e os sindicatos que as representam) conseguem fazer diretamente em conversas com secretários, governadores e mesmo com o presidente da República. Essa interlocução estaria falhando.

A oposição à gestão de Gomes é majoritária entre os sindicatos ligados à Fiesp. Dos 106 que integram o colégio eleitoral e que têm direito a voto, 80 assinaram os dois documentos recentes enviados à direção da entidade (o detalhamento dos motivos para a

realização da assembleia e o novo pedido de convocação).

No total, assinaram esses comunicados 86 dirigentes. Entre o primeiro pedido, de outubro, e os novos, de novembro, o número subiu. Eram 78 na primeira solicitação.

No edital de convocação publicado neste domingo, os sindicatos dizem que a assembleia do dia 21 discutirá a atuação do presidente da Fiesp no que consideram “desvirtuamento dos fins” estabelecidos nos estatutos e “mediante defesa de ideias incompatíveis com os interesses dos sindicatos filiados e com os anseios das categorias industriais representadas.”

Um presidente de sindicato e um diretor da Fiesp ouvidos pela Folha dizem que esses “ideais incompatíveis” estão relacionados à gestão da entidade e ao que consideram ser a falta de diálogo, especialmente com os sindicatos menores.

Eles consideram que a destituição de Josué não é a única conclusão possível da assembleia, mas, para isso, defendem que o presidente da Fiesp precisaria comparecer à plenária e mostrar disposição de mudar sua relação com os representantes.

Na manhã deste domingo, já circulavam entre dirigentes de sindicatos informações de que a federação poderia acionar o Judiciário para invalidar a assembleia e também a possibilidade de ela ser enquadrada como irregular.

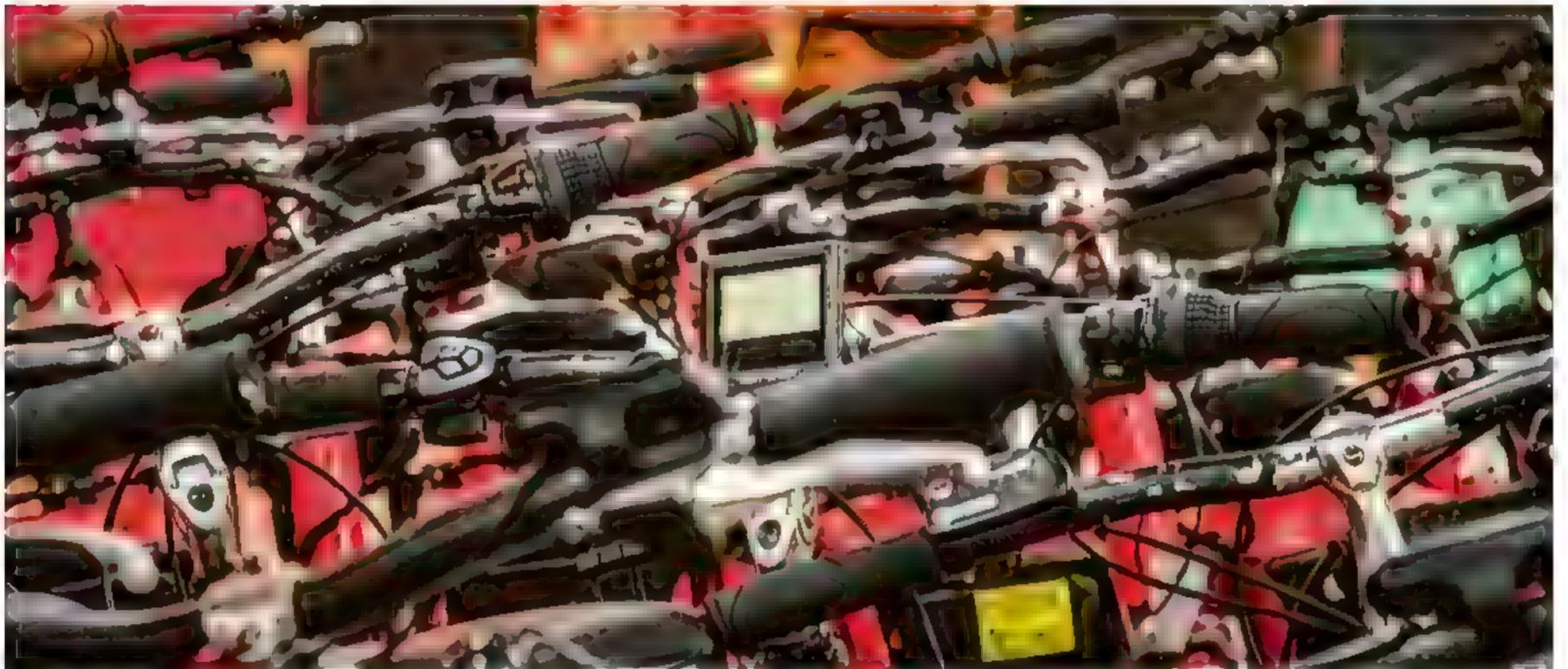
Josué Gomes foi eleito para a presidência da Fiesp em um processo eleitoral também tumultuado. Uma ala liderada pelo presidente da Abiplast

(Associação Brasileira da Indústria do Plástico), José Ricardo Roriz, criticou a conduta das eleições (o processo foi em 2021, já sob a pandemia de Covid-19). Ele perdeu para Cervone a disputa pelo comando do Ciesp.

Roriz, porém, tem se manifestado contra o movimento pela destituição de Josué Gomes. Synésio Batista Costa, do Sindibrinquedos (Sindicato das Indústrias de Brinquedos), que é também presidente da Abrinq (Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos) e que apoiou a chapa de Roriz, disse à Folha no início de novembro que discorda da articulação de oposição e que considera a pressão “rasgar o estatuto.”

A proximidade de Josué Gomes com o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) é vista como um elemento de tensão na relação com os sindicatos. Atualmente, ele é cotado para o comando do Ministério da Indústria no novo governo Lula. O pai dele, José Alencar, foi vice-presidente nas duas gestões de Lula, de 2003 a 2010. Skaf, por outro lado, é ligado ao presidente Jair Bolsonaro (PL) e declarou voto a ele nas eleições deste ano.

A pressão sobre Josué Gomes se intensificou em meados deste ano depois que a Fiesp divulgou suas diretrizes para os presidenciáveis, lido internamente como de oposição a Bolsonaro por defender o respeito ao Estado de Direito. Em agosto, a federação também organizou um manifesto de entidades em defesa da democracia. Apenas 13,7% dos sindicatos filiados referendaram a publicação.



Oficina de manutenção e recarga de bicicletas elétricas mantidas pela iFood e alugadas a entregadores da empresa Karine Xavier / Folhapress

Bikes elétricas ganham força em entregas e frota supera 7.000

Rafael Balago

SÃO PAULO O uso de bicicletas elétricas para entregas no Brasil ganhou força nos últimos dois anos, puxado por iniciativas de duas empresas de perfis distintos: a centenária estatal Correios e o iFood, aplicativo de entregas criado na década passada. O modo em que as bikes são oferecidas aos colaboradores também é bem diferente.

Em novembro deste ano, os Correios fizeram um pregão para comprar 5.946 bicicletas elétricas com baú, que serão entregues a partir de março de 2023. Com isso, a empresa espera ter a maior frota deste tipo de veículo no país.

“O uso da nova bicicleta otimiza o tempo na distribuição, traz conforto e praticidade para os condutores e, sobretudo, colabora para a sustentabilidade das operações”, disseram os Correios, em nota.

A estatal faz testes com as elétricas desde o ano passado. Houve um piloto em Brasília

(DF) e outro em Praia Grande (SP), com cerca de 30 bikes cada um.

Os modelos foram aprimorados a partir das sugestões dos carteiros, que passarão a usá-las para fazer as entregas do dia a dia. Cada unidade tem um baú e consegue levar 20 kg de carga. A autonomia é de 30 km por recarga, podendo chegar a 45 km.

Já no iFood, as bicicletas elétricas são alugadas aos entregadores cadastrados na plataforma, que atende pedidos de comida, compras de supermercado e outros itens.

O programa começou em 2020 e soma 7 milhões de entregas feitas, 18 mil entregadores cadastrados, 2.500 bicicletas e atuação em seis cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Porto Alegre e Brasília.

“Uma boa parte dos pedidos são em raios de entrega curtos, e não faz sentido usar moto”, afirma Fernando Martins, diretor de logística do iFood. As entregas de bicicleta são

feitas em distâncias de até 5 km, dependendo das condições do terreno.

Martins conta que os usuários geralmente são mais jovens que os de moto e têm entre 18 e 24 anos. “Boa parte destes entregadores está usando a plataforma para gerar sua primeira renda. Alguns estudam e fazem um complemento de renda nas horas vagas”, diz.

“Com esta bicicleta aqui, as ladeiras parecem rua reta”, elogia David Anastasia, 40. Ele está no programa desde o início e testou todos os modelos já usados.

Anastasia conversou com a Folha em uma das sedes do projeto, um galpão com centenas de bicicletas na rua Cardeal Arcoverde, em Pinheiros. Ali, os entregadores retiram e devolvem as bikes. Cada empréstimo custa entre R\$ 1,99 e R\$ 3,98, por quatro horas. Também é preciso pagar uma taxa semanal de R\$ 32, no plano completo.

No começo, as bikes usadas pelo programa eram iguais

às do sistema Bike Itaú. “Elas eram boas, mas quando a bateria acabava, ficava muito pesado. Teve entregador que até machucou o tendão, porque ela fica ultrapesada”, lembra.

Depois, veio um modelo mais leve, mas com outras falhas. “Esta solta a corrente toda hora. A gente chegava nos clientes com a mão suja de graxa. E o pneu era fino, estourava. A gente ficava na mão”, diz.

Já a geração atual, adotada há alguns meses, agrada o entregador: é leve, tem pneus robustos e bateria melhor.

Questionado sobre as falhas apontadas, a Tembici, que fornece os veículos para o iFood, disse em nota apenas que o programa considera “todas as necessidades do entregador”.

Cada entrega paga geralmente R\$ 6 para o ciclista. O iFood coloca estímulos, como dar mais R\$ 3 ou R\$ 4 por entrega se o trabalhador bater uma meta ou atuar em momentos de alta demanda. “Eles fazem promoção

quando tá chovendo, quando tá aquele frio de lascar”, conta Anastasia. “Dá para ganhar bem, fazer uma média de R\$ 80 a R\$ 100 por dia. Até R\$ 150 se o cara esticar.”

Questionado sobre o fato de a empresa alugar um equipamento de trabalho aos seus colaboradores, o sindicalista Gilberto Santos disse não ver problema.

“O programa é positivo porque passa a ser uma ferramenta a mais para o trabalhador ter acesso a uma ferramenta de trabalho e de termos mais pessoas no mercado das entregas”, avalia ele, que preside o SindimotoSP (Sindicato dos Mensageiros, Motociclistas, Ciclistas e Moto-Taxistas de São Paulo).

“Falta ainda a gente acertar a remuneração dentro de um acordo coletivo, para que os trabalhadores possam trabalhar de uma maneira mais digna”, prossegue Santos.

Sobre a questão trabalhista, o iFood disse que “todos os entregadores têm autono-

mia e flexibilidade para realização do trabalho e são livres para escolher o modal e o tempo de dedicação a uma ou mais plataformas para geração de ganhos.”

A adoção de bikes elétricas são parte da estratégia de Correios e iFood para reduzir a poluição gerada pelas entregas. Além de não sujar o ar, os modelos também são silenciosos, o que ajuda a reduzir o barulho na cidade. É comum ver motos com escapamento aberto fazendo muito ruído na aceleração.

Daniel Guth, diretor da Aliança Bike (Associação Brasileira do Setor de Bicycles), aponta que o custo das elétricas vem diminuindo nos últimos anos, especialmente por reduções de carga tributária, e que iniciativas empresariais ajudam a baixar os preços.

“Quanto mais tiver demanda, mais barata ela vai ficar. Hoje tem bikes elétricas de entrada, com tecnologia razoável, que partem de R\$ 3.000”, avalia.

folhainvest

Uma espiadinha na economia real, antes de terminar o ano

Há bons sinais para 2023, apesar de abalados com mudanças políticas

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor de Mercado

Acabou a Copa do Mundo. Pelo menos para nós. E antes de o ano acabar — e Bolsonaro e Paulo Guedes cederem suas cadeiras para Lula e Fernando Haddad —, é bom darmos uma espiadela na economia real, para ajustar nossas expectativas e “apostas”.

Já falamos aqui sobre como investimentos em títulos privados em economias emergentes são a bola da vez para grandes bancos e gestoras internacionais. E como a economia bra-

sileira tem espaço para surfar nessa onda, atraindo dinheiro estrangeiro de quem topa correr um pouco mais de risco em busca de ganhos.

O prêmio pelo risco tem aumentado (mais risco, mais retorno, desde que se acerte o alvo, como escrevemos aqui). Como a nomeação oficial de Haddad, nesta sexta (9), mexeu pouco com o Ibovespa, podemos imaginar que a relação “risco x retorno” da Bolsa já estava mais ou menos ca-

brada em relação às mudanças no Planalto. Falta saber o risco em relação à realidade econômica.

A Bolsa, convenhamos, saiu de moda neste ano, quando consultamos a economia real. O número de empresas que foi buscar dinheiro no mercado de ações despencou. Até a contagem de novembro, só tivemos 17 IPOs (ofertas iniciais de ações) e follow-ons (ofertas de ações de empresas que já têm papéis circulando). Ano passa-

do, foram 72. Em 2020, 53. E no ano anterior, 42.

Isso só mostra como a conexão entre Bolsa e empresas fraquejou neste ano. Enquanto tivemos juros nas alturas, deve continuar difícil ter novidades por lá. Como ouvi de um executivo que fez um IPO de centenas de milhões em 2021: “A janela de oportunidade para captar estava lá em 2021. Sabíamos que era cedo demais para nossa empresa entrar no mercado, mas quando chegasse a próxi-

ma oportunidade, já seria tarde demais”.

Então em vez de buscar grandes novidades, é hora para traçarmos possíveis cenários para antever como reagirão as empresas que já estão na Bolsa hoje, bem como as que provavelmente vão emitir títulos de renda fixa nos próximos meses, para captar dinheiro para seus projetos.

É preciso lembrar que as maiores empresas na Bolsa, tirando os bancos, são companhias como Vale (VALE3), Petrobras (PETR4 e PETR3), Ambev (ABEV3), JBS (JBS3) e Klabin (KLBN3).

Uma boa lente para tentar olhar o futuro de empresas desse porte vem da CNI (Confederação Nacional da Indústria). No último dia 2, a CNI divulgou seu último boletim de indicadores industriais, relativos a outubro. O que aparece por lá é um Brasil cuja indústria de transformação se mantém no pata-

mar mais alto da história em seu faturamento real.

O emprego industrial também está perto dos recordes, voltando a subir em outubro após quedas em agosto e setembro. Em comparação com outubro de 2021, a alta é de 1%. Enquanto o rendimento médio dos trabalhadores do setor teve a quinta alta mensal consecutiva, subindo 7,6% em relação ao ano passado.

Ao mesmo tempo, a utilização da capacidade instalada (o quanto as máquinas e esteiras estão ocupadas) sustenta-se em patamar superior ao praticado antes da pandemia, com valores acima dos 80% desde março de 2021.

Em resumo: a economia real manda bons sinais para o novo ano que aí vem, possivelmente ainda pouco abalada pelas anunciadas mudanças políticas, que vêm brincando com nosso Ibovespa como um gato com seu novelo de lá.

DOM. Samuel Passôa | SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecília Machado | QUA. Bernardo Guimarães | SOLANGE SROUR | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Com queda nas ações, bancos perdem espaço no Ibovespa

Segmento deixa de ter a maior presença no índice, como ocorria desde 2013

Clayton Castelani

SÃO PAULO Juros altos podem levar parte da população a ver os bancos como grandes beneficiários da alta do custo do crédito. Essa até pode ser uma verdade sob determinados pontos de vista, mas a realidade é diferente no mercado de ações.

O setor da Bolsa de Valores composto por instituições bancárias perdeu em novembro o posto de segmento com maior participação na composição do Ibovespa, no qual se mantinha desde 2013, segundo levantamento do TradeMap.

No dia 11 do mês passado, dois dias após o maior tomba em duas décadas das ações do Bradesco, os papéis ligados à mineração pularam para o primeiro lugar entre os setores com maior peso no índice de referência do mercado acionário brasileiro, com participação de 19,6%.

Os bancos caíram para a segunda colocação (17,6%). A terceira posição permaneceu com o ramo da exploração e refino de petróleo (14%).

A queda de quase 18% da ação preferencial do Bradesco, motivada pela divulgação de um resultado decepcionante no terceiro trimestre, espalhou pessimismo entre inves-

tidores quanto às ações de todo o setor, mas a perda de espaço desse grupo no Ibovespa é constante desde 2019, ainda no início do governo de Jair Bolsonaro (PL).

É fato que a situação piorou com a chegada da pandemia de Covid-19, mas afundou mesmo a partir de março desse ano, quando o Banco Central iniciou uma agressiva elevação da taxa básica de juros para conter a inflação. A Selic pulou de 2% para 13,75% entre fevereiro e agosto.

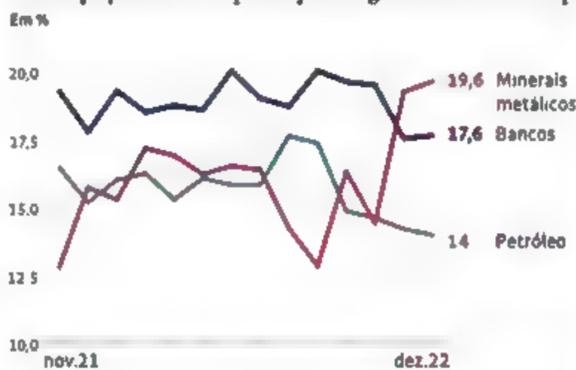
O levantamento de Einar Riveiro, gerente do TradeMap, mostra que o setor de bancos atingiu o pico dos últimos 20 anos em dezembro de 2018, quando representava 31% do Ibovespa.

Em fevereiro de 2020, antes do início da crise sanitária, já havia caído para 24%. Finalmente, em novembro passado, escorregou para 17,85% e, com exceção dos 17,75% registrados em dezembro de 2021, chegou ao menor patamar desde dezembro de 2013, ainda no primeiro mandato da ex-presidente Dilma Rousseff (PT).

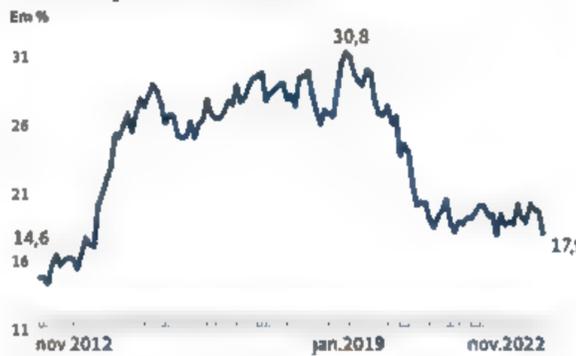
Entre as crises políticas e os solavancos econômicos que enfraqueceram a fé de investidores nas ações dos bancos, a alta dos juros foi o fator determinante para os afugen-

Bancos perdem posto de setor com maior peso na Bolsa do Brasil

Participação dos três principais segmentos no Ibovespa



Participação do setor de bancos no Ibovespa cai ao menor patamar desde 2013



Fonte: TradeMap

Investidores fazem saques recordes de criptomoedas

LONDRES | FINANCIAL TIMES Os investidores estão sacando níveis recordes de bitcoin das exchanges (como são chamadas as corretoras de moedas digitais) de criptomoedas, à medida que o colapso da FTX, a moeda criada pelo investidor Sam Bankman-Fried, despertou temores sobre a segurança de seus ativos.

A FTX, que já foi a queridinha da indústria crypto, entrou com pedido de proteção contra falência em meados de novembro, depois que um burocrata de US\$ 8 bilhões surgiu em seu balanço.

O novo executivo-chefe, John Ray, descreveu a falta de gerenciamento básico de riscos e o fundador da FTX, Bankman-Fried, admitiu fracassos controles internos.

Sua rápida queda alarmou os investidores que mantêm e negociam ativos em outras

cripto exchanges centralizadas, levando a níveis recordes de saques de bitcoin, o token criptográfico mais negociado.

A FTX faliu no mês passado com potencialmente mais de 1 milhão de credores, incluindo muitos que deixaram ativos na bolsa.

No mês passado, os investidores retiraram 91.363 bitcoins, no valor total de quase US\$ 2,5 bilhão, com base no preço médio de novembro de cerca de US\$ 16.400, de exchanges centralizadas, incluindo Binance, Kraken e Coinbase.

Isso marcou a maior saída de bitcoin já registrada, de acordo com dados da CryptoCompare.

Não está claro se as moedas estão sendo vendidas ou movidas para carteiras privadas.

A pressa para sair ocorre quando o preço do bitcoin

caiu 64% este ano e está sendo negociado atualmente em torno de US\$ 17 mil.

Os saques em outubro também foram altos, em 75.294 bitcoins, já que os traders de criptomoedas retiraram seus fundos após um verão carregado de crise que incluiu o colapso dos credores de ativos digitais Celsius e Voyager Digital.

As exchanges rivais correram para se distanciar e a suas práticas do caos dentro da FTX, num esforço para acalmar os nervos dos clientes e limitar o potencial contágio do mercado.

No entanto, as saídas recordes destacam a cautela dos investidores em relação ao bitcoin, enquanto a indústria de ativos digitais enfrenta maior escrutínio dos reguladores globais.

Nos primeiros sete dias de

dezembro, 4.545 bitcoins foram retirados das exchanges centralizadas, em comparação com entradas de 3.846 bitcoins no mesmo período do ano passado, de acordo com a CryptoCompare.

Em um sinal do impacto prejudicial do colapso da FTX em suas bolsas outrora rivais, a agência de classificação de crédito Moody's colocou a nota dos títulos da Coinbase, listada nos Estados Unidos, em revisão para rebaixamento no final de novembro, citando “a probabilidade crescente de declínios sustentados nos volumes de negociação e no envolvimento do cliente, dois geradores de receita essenciais”.

“A queda nos preços dos criptoativos restringirá a capacidade das empresas de levantar fundos e reduzirá a demanda dos clientes”, escreve-

ram os analistas da Moody's esta semana.

Eles acrescentaram que os preços de crypto acentuadamente mais baixos “vão deteriorar a qualidade de crédito das empresas financeiras centralizadas”.

“Enquanto a liquidação do bitcoin desacelera, o estrago já foi feito”, escreveu esta semana Eric Robertsen, chefe global de pesquisa do banco Standard Chartered, com foco na Ásia.

Ele previu que a dificuldade para os investidores em criptomoedas continuará até 2023.

“Cada vez mais empresas e bolsas de crypto se encontram com liquidez insuficiente, levando a mais falências e um colapso na confiança do investidor em ativos digitais”, acrescentou.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Venda da TIM já tem interessados, diz agência

SÃO PAULO A Telecom Italia está explorando o interesse dos investidores em comprar seus ativos e recebeu manifestações também para a subsidiária brasileira TIM, disseram fontes familiarizadas com o assunto à agência Reuters nesta sexta-feira (9).

De acordo com as fontes, pelo menos dois interessados manifestaram interesse para a subsidiária brasileira da Telecom Italia, a TIM. No entanto, na visão do presidente-executivo da Telecom Italia, Pietro Labriola, a venda da unidade responsável por cerca de 30% do Ebitda do grupo pode ser perigosa para a classificação de crédito da Telecom Italia, a menos que possua um prêmio de avaliação, de acordo com as fontes.

O governo da Itália disse no mês passado que buscava identificar “as melhores opções favoráveis ao mercado” até o final do ano para a Telecom Italia, suspendendo uma oferta planejada para a rede do grupo pelo banco estatal CDP. Telecom Italia, KKR, Poste e Iliad se recusaram a comentar. (Reuters)

Air India prepara pedido histórico de até 500 jatos

SÃO PAULO A Air India está perto de fazer pedidos históricos de até 500 jatos no valor de dezenas de bilhões de dólares da Airbus e da Boeing, enquanto realiza um renascimento ambicioso sob o conglomerado Tata Group, disseram fontes do setor neste domingo (11).

Os pedidos incluem até 400 jatos de fuselagem estreita e cem ou mais de fuselagem larga, incluindo dezenas de Airbus A350 e Boeing 787 e 777, disseram as fontes, falando sob condição de anonimato.

Tal acordo pode chegar a US\$ 100 bilhões (R\$ 523,9 bilhões) a preços de tabela, incluindo quaisquer opções, e estar entre os maiores de uma única companhia aérea em termos de volume, ofuscando um pedido combinado de 460 jatos Airbus e Boeing da American Airlines há mais de uma década.

Airbus e Boeing se recusaram a comentar. A Air India, de propriedade do Tata Group, não respondeu imediatamente a um pedido de comentário. (Reuters)

O trabalho de Danilo Doneda

Pai da 'proteção de dados pessoais' na internet morreu no último dia 4

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

O Brasil perdeu no dia 4 de dezembro o professor e advogado Danilo Doneda. Para aqueles que não estão familiarizados com seu trabalho, Danilo pode ser considerado o pai de um dos temas mais importantes relacionados à tecnologia no Brasil: a chamada "proteção de dados pessoais".

Vivemos em uma sociedade em que os dados são muitas vezes chamados de "o novo petróleo". Só que tal como o petróleo, dados também vazam. E quando isso acontece, produzem danos ambientais

de difícil reparação, afetando a vida de inúmeras pessoas.

Por décadas, esse tema era praticamente desconhecido no país. Apesar da chegada da internet comercial nos anos 1990 e seu rápido crescimento nos anos 2000, a questão dos dados pessoais continuava incipiente. Tanto é que, apesar de ter previsão constitucional, o país não tinha nenhuma legislação específica que tratasse do tema, apenas normas esparsas em algumas leis.

Tudo isso começou a mudar a partir de 2006. Foi quando

Danilo lançou seu livro "Da Privacidade à Proteção de Dados Pessoais", pioneiro no debate sobre o tema no Brasil. Atuando em colaboração com a professora Laura Schertel, Danilo aos poucos foi construindo todo um campo de estudos e análises sobre a proteção de dados no Brasil. Seu trabalho culminou na aprovação da Lei Geral de Proteção de Dados em 2018.

Conheci Danilo por intermédio do professor Carlos Affonso, quando dirigimos o Centro de Tecnologia e Sociedade da Fundação Getúlio Vargas. Con-

fesso que quando tomei contato com suas ideias em 2007, não dei a devida atenção. Estávamos todos empenhados na construção do Marco Civil da Internet, que naquele momento se concretizava em uma consulta pública nacional. A proteção de dados parecia um capítulo a ser desenvolvido posteriormente. Ledo engano.

Posso dizer que foi Danilo Doneda quem me ensinou sobre a questão da proteção de dados. Ou melhor, foi com ele que o Brasil todo aprendeu so-

bre esse tema. Graças ao seu empenho, diplomacia e resiliência, esse campo ganhou importância crescente. Em 2010, ainda na FGV, lançamos a primeira consulta pública sobre a construção da Lei Geral de Proteção de Dados, tudo por obra e dedicação dele.

Nossos caminhos continuaram a se cruzar. Trabalhamos juntos como professores no Rio de Janeiro. Danilo integrou o Instituto de Tecnologia e Sociedade no seu início e foi consultor de inúmeros projetos que realizamos. No dia 29 de novembro de 2022 era para nossos caminhos se cruzarem de novo. Estávamos juntos em um grande evento da AB2L, em São Paulo. Fui para o painel esperando revê-lo, mas Danilo não compareceu. Achei estranho, ele jamais faltava a um compromisso.

No dia seguinte fiquei sabendo do estado de saúde delica-

do e que se encontrava em um momento de despedida da família, dos amigos e colegas. Com o coração arrasado e rezando por ele, consegui enviar uma última mensagem através da sua esposa. Danilo foi um jurista, um amigo, um guerreiro e um professor. Como quem tem conhecimento, ensinava. Mas como quem tem sabedoria, sabia também escutar. Temos uma tarefa coletiva de honrar e dar continuidade ao seu legado.

HEADER

Já era Não haver cultura de proteção de dados no Brasil

Já é O Brasil ter uma Lei de Proteção de Dados, graças ao empenho de Danilo Doneda

Já vem Discussões sobre uma lei sobre inteligência artificial no Brasil, da qual Danilo também participou

Ordens de voltar ao escritório caem no vazio

Estudo patrocinado por grandes instituições financeiras do Reino Unido mostra que flexibilidade se impõe no setor

LONDRES FINANCIAL TIMES Os funcionários do setor financeiro estão ignorando com frequência as regras de empresas sobre o número de dias que devem comparecer ao escritório, segundo estudo patrocinado por algumas das maiores instituições financeiras do Reino Unido.

O estudo do grupo sem fins lucrativos WIBF (Women in Banking and Finance, Mulheres nos Bancos e Finanças) e da Escola de Economia de Londres descobriu que os funcionários querem um trabalho mais flexível, pois rejeitam o presenteísmo em favor da produtividade.

Os trabalhadores financeiros consideram a flexibilidade, em vez da necessidade de cumprir uma cota de dias no escritório, algo mais alinhado com a eficiência em nível de equipe, segundo o estudo baseado em entrevistas.

A pandemia levou muitas empresas a considerar novas formas de trabalho, muitas delas adotando abordagens mais flexíveis, mas com um determinado número de dias em que se espera que os funcionários estejam presentes no escritório.

O relatório disse que a mudança para o trabalho "primeiro remoto", no qual o trabalho em casa é a principal opção para a maioria dos funcionários, não teve impacto ou teve um impacto positivo na produtividade.

Acrescentou que isso "destaca que, embora no nível de chefia os executivos de muitas grandes empresas estejam pedindo que os funcionários compareçam ao escritório um número específico de dias por semana, na prática eles estão sendo ignorados, com os gerentes muitas vezes favorecendo o tra-



Trabalhadores cruzam a London Bridge em direção ao distrito financeiro em Londres. Peter Nicholls. 26.set.2022/Reuters

balho remoto como primeira abordagem, desde que satisfaça as necessidades operacionais locais".

O estudo, baseado em entrevistas com 70 mulheres e 30 homens no setor financeiro de Londres e realizado pela LSE, abrangeu negócios bancários, gestões de ativos, fintechs e seguros.

Os pesquisadores entrevistaram funcionários de vários níveis de senioridade em empresas como Bank of America, BlackRock, Citigroup, Credit Suisse, Goldman Sachs, JPMorgan, Morgan Stanley, NatWest, Schroders e UBS.

Grace Lordan, diretora da Iniciativa de Inclusão da LSE e autora do relatório, disse que os trabalhadores estão ficando frustrados ao serem

instruídos a ir ao escritório para simplesmente participar de uma chamada do Zoom.

"As empresas que exigem que seus funcionários estejam no escritório sem motivo perderão diversos grupos de talentos", disse ela. "Essas demandas também são motivadas pelo ego, em vez de levar em consideração os melhores interesses da empresa."

O estudo descobriu que as mulheres, em especial, preferem um modelo mais flexível de trabalho e indicou preocupações de que abordagens excessivamente rígidas para trabalhar no escritório dissuadiriam as funcionárias.

Anna Lane, presidente da WIBF, disse: "Acredito que os gerentes que exigirem que su-

as funcionárias cumpram um cronograma rígido de três, quatro ou cinco dias perderão mulheres para os concorrentes que não o fazem".

O relatório foi realizado com o programa de pesquisa Accelerating Change Together (Acelerando a Mudança Juntas) da WIBF, que busca melhor apoiar e reter mulheres em serviços financeiros.

Assinatura Twitter Blue voltará mais cara para iPhone; tweets pode chegar a 4.000 caracteres

BANGALORE | REUTERS, RIO DE JANEIRO O Twitter relançará uma versão renovada de seu serviço de assinatura, Twitter Blue, na segunda-feira (12), a um preço mais alto para usuários da Apple, disse a empresa em uma postagem no sábado (10).

A empresa afirmou que os usuários podem assinar o serviço renovado que permitirá que editem tuítes, subam vídeos 1080p e recebam o selo azul de verificação, por US\$ 8 por mês no site e US\$ 11 (R\$ 57,6) por mês pelo sistema operacional da Apple.

O Twitter não explicou por que usuários da Apple pagariam mais caro que os outros na internet, mas houve reportagens da imprensa de que a empresa estava procurando maneiras de compensar taxas cobradas pela App Store.

O Twitter havia lançado o Twitter Blue inicialmente no começo de novembro, antes de pausá-lo porque contas falsas começaram a surgir. A empresa marcou um novo lançamento para 29 de novembro, mas ele foi adiado.

Twitter e Apple não responderam de imediato ao pedido



Elon Musk e logotipos do Twitter. Danilo Rêver. 28.abr.2022/Reuters

da Reuters por comentários.

O bilionário Elon Musk confirmou neste domingo (11) que o Twitter deverá aumentar o limite de caracteres de 280 para 4.000.

A afirmação veio em resposta a uma postagem de um internauta na rede social perguntando se era verdade que o Twitter poderia ampliar o limite de caracteres para mensagens na rede.

Musk respondeu apenas "sim", sem trazer informações adicionais, provocando reações bem-humoradas de outros internautas. "Você poderia ter dito isso em duas ou três palavras", afirmou um deles. Outros se manifestaram contrários à medida, dizendo que gostam do Twitter justamente porque seus

textos são breves e suas informações são mais rápidas.

Originalmente, o Twitter tinha 140 caracteres, mas em novembro de 2017 dobrou sua capacidade. A atualização chegou aos poucos aos usuários e o principal argumento foi a busca por facilitar o uso da plataforma, permitindo que usuários postassem mais rapidamente, sem se preocupar tanto com edições para se enquadrar no tamanho permitido.

Procurado pela Folha, o Twitter Brasil afirmou que não há previsão de comunicado oficial sobre a novidade, mas não a negou. afirmou que as informações estão saindo pelo site da companhia e pelo perfil do próprio Elon Musk.



Carolina Dallara

Neuromarketing usa elementos sensoriais para cativar clientes

Técnicas não servem para todo negócio e devem considerar perfil do consumidor

Marina Costa

SÃO PAULO Aplicadas ao marketing, descobertas da neurociência sobre o comportamento do consumidor podem ajudar pequenos e médios empresários a criar estratégias para despertar o interesse de novos clientes e aumentar a identificação do público com o negócio.

Conhecido como neuromarketing, o campo de estudo pesquisa reações do cérebro a estímulos como anúncios, produtos e preços. Os trabalhos contribuem com o desenvolvimento de técnicas multisensoriais de marketing, que incluem desde o posicionamento da logomarca em uma propaganda até o aroma pelo qual o cliente será envolvido quando entrar na loja.

"Não é novidade que uma marca traz valor para um produto, mas conseguimos mostrar que o processo não é

apenas psicológico, também acontece quimicamente no cérebro", diz Giuliana Isabella, professora do Insper e pesquisadora na área de neurociência aplicada ao marketing.

As pesquisas analisam parâmetros como ativação de áreas cerebrais, mudanças de expressão facial, nível de sudorese e direcionamento do olhar para descobrir o estado emocional de uma pessoa, explica a professora. Com esses indicadores, os estudos permitem o aprimoramento de estratégias de marketing.

Robson Gonçalves, coordenador do curso de neuromarketing e neurobranding da FGV (Fundação Getúlio Vargas), explica algumas técnicas que já são implementadas por grandes empresas.

Em redes de supermercado, por exemplo, produtos com desconto são dispostos próximos da entrada da loja física para criar a associa-

ção de que o estabelecimento oferece preços baixos. Os setores de padaria e hortifrútil também ficam perto da porta, para aguçar o olfato e despertar sensação de bem-estar por meio do princípio da biofilia, ou seja, do contato com elementos da natureza — ainda que eles sejam frutas, legumes e verduras colhidos.

Já no e-commerce, os estudos ajudam a perceber a importância de facilitar o processo desde a escolha do produto até o pagamento, o que pode ser feito com a disponibilização de filtros no site, para que o cliente encontre rapidamente o item que busca, e com a redução de etapas até a finalização da compra.

Assim, o cérebro decide de maneira mais automática e gasta menos energia, fator que promove mais conforto com desconto ao consumidor do que quando é preciso executar um número maior de ações, expli-

ca Gonçalves. As explicações são baseadas no modelo de tomada de decisões do psicólogo Daniel Kahneman, vencedor do Nobel de Economia e autor do livro "Rápido e Devagar: Duas Formas de Pensar" (ed. Objetiva, 608 págs.).

Não há, no entanto, técnicas que sejam eficazes para todas as empresas, segundo o professor Billy Nascimento, coordenador do master em neurociência do consumidor da ESPM. Antes de usar conhecimentos do neuromarketing, é preciso considerar o contexto e o perfil dos clientes para testar e selecionar medidas que sejam realmente efetivas.

Para ele, o melhor caminho é se concentrar em demonstrar disponibilidade aos consumidores de forma perceptual e mental. Na primeira, a ideia é fazer com que a marca se destaque a partir da presença em ambientes diversos, como redes sociais. Já a dis-

ponibilidade mental acontece quando o negócio é lembrado pelos clientes.

A conquista de um lugar na lembrança do consumidor pode ser feita de várias formas, por exemplo, com a construção de narrativas para gerar proximidade entre a empresa e o público-alvo e com a criação de memórias associativas positivas por meio de diferenciais que caracterizam a marca, como bom atendimento, explica Nascimento.

"O negócio se torna único quando tem uma bela história, quando se encaixa no interesse das pessoas que quer alcançar e quando está inserido no contexto dos clientes. Nosso cérebro não consegue lidar com informações soltas e quer organizar tudo em formato de histórias, porque elas fazem com que a gente se envolva e se emocione."

Essas técnicas são válidas tanto para cativar consumidores quanto para convencer investidores a apoiar um negócio, diz Gonçalves, da FGV.

"Sempre que quisermos influenciar a decisão de alguém, precisamos mostrar proximidade de alguma forma, porque não existe tomada de decisão em vazio emocional. A emoção participa de todas as decisões e julgamentos."

Uma alternativa para fugir de modelos padronizados, co-

nhecer conceitos de neuromarketing e aplicá-los de modo personalizado é ler artigos acadêmicos publicados em revistas científicas ou em livros que compilam estes estudos, sugere Isabella, do Insper.

"Não existe botão de compras. Não adianta pensar que vai estudar tudo sobre neurociência e vai descobrir uma fórmula mágica para fazer com que todos compreendam."

Segundo a pesquisadora, mesmo que um produto ou serviço ative a região cerebral conhecida como centro de recompensa, a compra não é garantida, porque existem vários outros estímulos acontecendo ao mesmo tempo e outros fatores sendo levados em consideração, como o orçamento do cliente.

Para Nascimento, da ESPM, é primordial que os conhecimentos da neurociência aplicada ao marketing sejam utilizados com ética, para ressaltar apenas os pontos que de fato são diferenciais da marca.

"É preciso tomar cuidado com as consequências da venda a qualquer custo. Uma empresa que quer ser sustentável no mercado deve pensar que é mais interessante manter um relacionamento a longo prazo com o cliente, em que ele compra quando precisa, do que vender de qualquer maneira hoje", diz Isabella.

É cartão empresarial Bradesco, mas é conhecido por cashback.





5% nos principais apps de mobilidade e comida.



3% em compras com moeda estrangeira.



1% nas demais compras com o cartão.

Entre nós, você vem primeiro.



bradesco
empresas e negócios







Trabalhador resgatado em situação análoga à escravidão em Minas Gerais, em junho deste ano. Ministério Público do Trabalho/Divulgação

Quilombo em MG fica vazio com moradores em busca de renda

Comunidade ainda relata péssimas condições de trabalho em outras regiões

Fernando Granato

SÃO PAULO Vila Santo Isidoro é uma comunidade quilombola certificada pela Fundação Cultural Palmares, em 2006, que fica no município de Berilo, norte de Minas Gerais. É conhecida como uma vila deserta entre os meses de abril e novembro, quando cerca de 40% de seus 750 moradores migram para outras localidades para trabalhar nas colheitas de cana e café, sobretudo do sul de Minas e Goiás, por absoluta falta de outra possibilidade de ganho na região. O fim de ano é a época de maior fartura e festa, quando os migrantes — nem todos — voltam para suas casas com um pouco de dinheiro no bolso. Um homem alto, magro, de ascendência africana, contou que, neste ano, passou

sete meses trabalhando longe da família numa usina de produção de álcool em Goiás, em condições próximas àquilo que ele chama de "uma segunda escravidão". Ele prefere não divulgar o nome nem o da usina, porque pode precisar voltar para o mesmo trabalho no ano que vem. "Olha, seu moço, vou dizer pro senhor: não deve ser muito diferente do que meus antepassados escravos passaram em outros tempos", disse ele. "É trabalho por mais de 12 horas por dia, embaixo do sol, com pequenas paradas para beber água, lanche e comer a marmitta. À noite, dormem mais de 40 num único cômodo e às quatro da manhã já tá todo mundo de pé." O morador contou ainda que a remuneração na usina é por produção, o que deixa o

trabalho ainda mais cansativo, já que a produtividade está diretamente ligada ao maior esforço físico. Quem não trabalha exaustivamente, ele diz, fica com média de produção abaixo dos colegas e não ganha o suficiente. Outra moradora de Vila Santo Isidoro, que igualmente não quer ter o nome divulgado, contou que deixou de ir para a colheita de café após ter filho. "Descobri que estava grávida no meio da colheita, mas não contei para ninguém porque se o patrão soubesse me cortava do serviço", disse. "Foi trabalho duro, de sol a sol, mas graças a Deus não afetou minha criança." Agora, apenas o marido viaja para a colheita e fica seis meses por ano longe da família. De acordo com a professora Sandra Aparecida Santos,

que leciona na única escola da Vila Santo Isidoro, a migração em massa afeta a vida de toda a comunidade. "A gente observa a ausência da figura paterna nas famílias, porque, geralmente, os homens que viajam", disse. "A gente sabe que o vínculo é criado no dia a dia. Além disso, tem a questão cultural, os viajantes ficam distantes da sua cultura quilombola, dos nossos valores e costumes e acabam trazendo influências de fora que nem sempre são as mais desejáveis." Vila Santo Isidoro foi fundada nos anos 1950 por descendentes de escravos, que se reuniam em torno de um cruzeiro para fazer orações. Antes disso, no século 19, o local abrigava escravos fugidos de garimpos da região de Diamantina, a 250 quilômetros.

Hoje não temos os grilhões, mas as pessoas são consideradas descartáveis. No tempo da escravidão os senhores preservavam a vida dos cativos pelo interesse patrimonial, hoje nem isso

Alpiniano do Prado Lopes
procurador-chefe do MPT-GO



Isabel Cristina, morta há 40 anos, é a nova beata brasileira

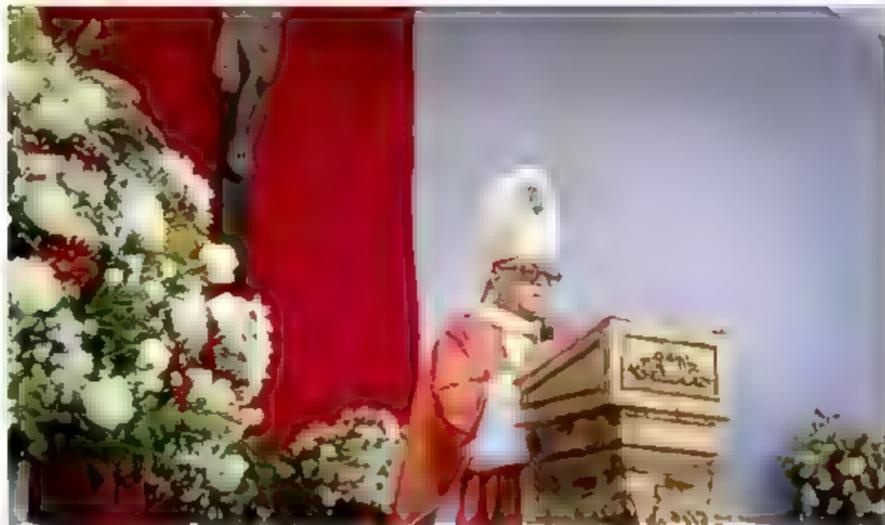
Marcelo Toledo

RIBEIRÃO PRETO (SP) Assassina da de forma brutal quando tinha 20 anos, Isabel Cristina Mraz Campos (1962-1982) é oficialmente a nova beata brasileira. A cerimônia em reconhecimento do martírio da jovem foi realizada neste sábado (10) em Barbacena (MG). Isabel Cristina foi morta há 40 anos, em Juiz de Fora (MG), por um homem que trabalhava na montagem de um guarda-roupas em sua casa e tentou estuprá-la. A leitura da carta apostólica, em que o papa Francisco inscreveu Isabel Cristina entre os beatos, foi feita em latim pelo cardeal Raymundo Damasceno Assis e em português pelo monsenhor Damião Milagres, coordenador geral da cerimônia de beatificação. A data para a celebração litúrgica definida foi a de 1º de setembro, a mesma em que ela foi morta, segundo a Arquidiocese de Mariana. Em 2001, ano em que foi instalado o processo de beatificação, dom Luciano Mendes



Isabel Cristina foi assassinada quando tinha 20 anos, em Juiz de Fora (MG); à dir., dom Raymundo Damasceno Assis preside a cerimônia de beatificação de Isabel, neste sábado (10), em Barbacena (MG). Fotos: Paróquia Nossa Senhora da Piedade e Arquidiocese de Mariana

de Almeida (1930-2006), ex-arcebispo de Mariana, disse em texto publicado na Folha que Isabel Cristina teve formação religiosa desde a infância, quando aprendeu a se dedicar aos pobres. Discreta, estudou num colégio católico e, além de inteligente, era querida pelos pro-



fessores, de acordo com ele. "Não raro, Isabel Cristina ajudava doentes e idosos, dançava, com carinho, alimento na boca [...] Terminado o ensino médio, com apoio dos pais, seguiu para Juiz de Fora. Foi nessa cidade que, após os primeiros meses de estudo, sofreu o assassinato por ter

com coragem resistido [...] Ainda hoje, há muitas pessoas que podem testemunhar sobre sua vida e que apresentam o pedido para que a autoridade eclesial examine oficialmente suas virtudes e a coragem com que enfrentou o martírio." O processo incluiu depo-

mentos colhidos pelo Tribunal Eclesiástico nomeado pela arquidiocese que foram enviados a Roma. "O martírio veio ratificar as atitudes mais profundas de Isabel, que levaram às últimas consequências seu anseio de amar e respeitar a Deus, evitando ofendê-lo", escreveu dom Luciano.

A ancestralidade dos moradores faz com que, até hoje, preservem elementos da cultura africana, como o congado e a festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Segundo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Berilo é um dos municípios mais carentes de Minas Gerais, com PIB (Produto Interno Bruto) per capita de R\$ 8,6 mil, contra R\$ 35,9 mil na média brasileira. É também a cidade do estado com a maior quantidade de comunidades quilombolas: 31, das 1.043 existentes em Minas Gerais.

A situação precária de trabalho a que se submetem os moradores de Vila Santo Isidoro não é uma exclusividade daquele lugar. De acordo com Rosana Avelar, pesquisadora do Cedefes (Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva), uma ONG mineira que estuda os movimentos sociais, essa realidade é comum sobretudo em comunidades do Vale do Jequitinhonha e do norte de Minas.

"Muitos quilombolas, na falta de oportunidade de gerar renda no local ou na região em que vivem, se submetem a trabalhos em grandes lavouras e propriedades em São Paulo e Goiás", explicou. Um estudo conduzido por pesquisadores da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) procurou estabelecer a relação entre municípios com comunidades quilombolas e cidades com presença de trabalhadores resgatados em condição análoga à escravidão.

Cruzando dados do Ministério Público do Trabalho, do IBGE e da Fundação Cultural Palmares, os pesquisadores Bernardo Freitas Gonçalves e Diego Rodrigues Macedo chegaram à conclusão de que metade dos municípios estudados que tinham comunidades quilombolas possuíam também pessoas resgatadas em situação análoga à escravidão. Já nas cidades estudadas sem a presença de quilombolas, esse índice caía para 25%. De acordo com Alpiniano do Prado Lopes, procurador-chefe do Ministério Público do Trabalho em Goiás, "a maioria esmagadora" das mais de 200 pessoas resgatadas em condição análoga à escravidão naquele estado, neste ano, era negra ou parda.

"Realmente estamos vivendo uma segunda escravidão, tão grave como a primeira", disse ele. "Hoje não temos os grilhões, mas em compensação as pessoas são consideradas descartáveis. No tempo da escravidão os senhores preservavam a vida dos cativos pelo interesse patrimonial, hoje nem isso."

cotidiano

Escolas ocupam prédios de faculdades ociosos devido ao ensino a distância

Em São Paulo, Escola da Vila foi instalada na São Judas e cursinho Intergraus, na Anhembi Morumbi

Laura Mattos

SÃO PAULO Crianças e adolescentes na faculdade? Com o crescimento do ensino superior a distância, especialmente após a pandemia, prédios de faculdades estão cada vez mais ociosos, e um novo movimento deve se ampliar na educação brasileira nos próximos anos: o de escolas da educação básica ocupando espaços antes de universitários.

Uma das escolas mais renomadas de São Paulo, voltada à classe A, a Escola da Vila, testou esse modelo em 2022.

Em uma parte de um prédio da Universidade São Judas que estava ociosa, no Butantã, passou a funcionar uma nova unidade da escola, destinada a alunos do 7º ano do fundamental ao 3º ano do médio — desde então, a sede mais antiga, a 700 metros do local, ficou dedicada ao ensino infantil e ao fundamental até o 6º ano.

Uma reforma adaptou o espaço, que passou a ter quadra de areia, sala de música e refeitório, além de uma entrada separada da dos universitários.

A mudança da Escola da Vila é parte de um acordo entre dois dos maiores grupos de investimento em educação privada do país.

De um lado está a Bahema Educação, que detém escolas de educação básica — entre as mais conhecidas de São Paulo, estão, além da Escola da Vila, a Viva (Vila Olímpia) e o Colégio Ibs (Brazilian International School, em Moema).

Na outra ponta, está a Anima Educação, que controla instituições de ensino superior — além da Universidade São Judas, fazem parte do grupo, entre outras, a Anhembi Morumbi e a operação brasileira do instituto de alta gastronomia francês Le Cordon Bleu, que se popularizou no programa de TV "Masterchef".

O contrato entre os grupos foi fechado em junho de 2021, quando boa parte das faculdades ainda operava a distância e já ficava claro para o mercado que a pandemia iria consolidar o modelo remoto ou híbrido no ensino superior privado — de custos bem mais baixos.

Na educação básica, por sua vez, as escolas particulares já haviam retornado o ensino presencial, que se estabeleceu como insubstituível.

No acordo, a Bahema comprou três escolas da Anima de Santa Catarina que já operavam em prédios ociosos de faculdades do grupo. As Escolas Internacionais, uma de Blumenau e outra de Florianópolis, funcionam em espaços da Unisociesc (Universidade Sociedade Educacional de Santa Catarina). Já o Colégio Tupy, em Joinville, em um prédio da Unisul (Universidade do Sul de Santa Catarina).

A negociação previu a sublocação de espaços ociosos nos campi da Anima para a abertura de novas unidades de escolas da Bahema. Pelo menos



Nova unidade da Escola da Vila em espaço da Universidade São Judas. Mariana Xavier / Folhapress

cinco devem ser alugados até 2025, de acordo com o contrato, mas o plano é ir além.

Em São Paulo, além da Escola da Vila no prédio da São Judas, o Intergraus, cursinho preparatório para o vestibular adquirido em janeiro deste ano pela Bahema, passou a funcionar, em março, em um prédio antes dedicado a cursos executivos e de pós-graduação da Universidade Anhembi Morumbi, na Vila Olímpia (zona sul).

Em entrevista à Folha, Gabriel Ralston Corrêa Rubeiro, presidente da Bahema, afirmou que a busca por imóveis é um dos maiores desafios da educação básica, especialmente em uma cidade como São Paulo. A instalação de uma escola em um prédio ocioso de uma faculdade, ainda que exija reformas, é naturalmente mais fácil do que em um outro tipo de imóvel.

O isolamento entre o ambiente universitário e o escolar é necessário, Rubeiro ressalta, assim como adaptações que levem as características de cada escola para aquele espaço, inclusive cores e toda a identidade visual.

A maior expansão desse modelo deverá se dar com Escola Mais, rede da Bahema voltada à classe C. Para esses colégios, o prédio tem ainda mais importância, uma vez que o uso dos espaços deve ser otimizado de forma a

manter a mensalidade em um valor acessível — atualmente são R\$ 840 por mês para aulas das 7h30 às 15h30.

Inaugurada em 2018 com uma unidade na Penha, a Escola Mais cresceu com a pandemia e a crise econômica, atraindo famílias que antes tinham condições de pagar colégios mais caros. Hoje são sete unidades em São Paulo, e a oitava será inaugurada em 2023 em um prédio histórico do bairro do Ipiranga onde antes funcionava a Faculdade São Marcos.

Em Joinville, o Colégio Tupy, que opera no prédio da Unisul, foi reformado e se tornou a primeira unidade da Escola Mais fora de São Paulo.

Estamos olhando espaços ociosos de universidades para expandir a rede para outras cidades paulistas e para outros estados

José Aliperti
sócio-fundador e CEO da Escola Mais, em um evento voltado a acionistas e investidores, em novembro

primeiro mês de aulas. Quem não lembra a senha poderá solicitar a recuperação por meio de uma página da Secretaria Municipal de Educação.

Os responsáveis pelo estudante precisam ter o CPF cadastrado no sistema da escola, que é alimentado pela base de dados da secretaria.

Os kits de material escolar

"Estamos olhando espaços ociosos de universidades para expandir a rede para outras cidades paulistas e para outros estados", disse José Aliperti, sócio-fundador e CEO da Escola Mais, em um evento da Bahema voltado a acionistas e investidores, em novembro.

Já no caso das escolas do grupo voltadas à classe A com pedagogias mais contemporâneas, que têm uma identificação mais forte com as regiões em que estão instaladas, prédios ociosos de faculdades podem servir para a inauguração de novas unidades, como aconteceu com a Escola da Vila.

A Bahema também aposta nesse modelo de sublocação para as escolas bilíngues, um mercado em expansão.

Entre 2011 e 2021, o número de ingressantes em cursos de graduação EAD (ensino a distância) aumentou 474%, enquanto o dos que se matricularam nos presenciais caiu 23,5%, de acordo com dados do Censo da Educação Superior.

Enquanto em 2011, os ingressantes em EAD foram 18,4% do total, em 2021 representaram 62,8%.

No caso das instituições privadas, o número de novos alunos em ensino a distância já havia superado o dos ingressantes em presencial em 2019, e a pandemia reforçou essa

tendência. Em 2021, nas faculdades particulares, 70,5% dos novos alunos se matricularam em cursos remotos.

O Brasil tem 2.774 instituições de educação superior, sendo que quase 88% delas são privadas e apenas 12%, públicas. Em relação ao número de vagas, a rede particular é responsável por 96,4% do total.

Além disso, a ociosidade também foi consequência de uma portaria de 2019, assinada pelo então ministro Abraham Weintraub, que liberou cursos de graduação que oficialmente são presenciais a oferecerem até 40% da carga horária de forma remota, com exceção de medicina.

Com as mudanças, as universidades têm reduzido os custos, inclusive por meio do engajamento intenso do quadro de professores.

O que também se reduz nesse cenário é a qualidade do ensino. Se, dentre os cursos presenciais, 6,1% obtiveram a nota máxima (5) na última prova do Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes), aplicada em novembro de 2021, no caso dos remotos somente 2,3% conseguiram esse resultado.

Além disso, quase metade (47,8%) dos cursos a distância tiveram um desempenho abaixo do mínimo exigido pelo MEC (tiraram notas 1 e 2), enquanto, no caso dos presenciais, foram 30,9%.

ra os uniformes e cerca de 300 endereços para os materiais.

O uniforme é oferecido aos alunos da educação infantil, com quatro anos ou mais, até o ensino fundamental 2. O valor de R\$ 573,53 é dividido em R\$ 481,59 para roupas e R\$ 91,94 para calçado.

Os valores ficarão disponíveis entre esta segunda e outubro do ano que vem. É a primeira vez que a administração municipal libera os créditos de forma antecipada. No ano passado, os valores foram disponibilizados em fevereiro.

MORTES

coluna.obituário@grupofolha.com.br

Jornalista franca e direta, fazia ponte entre as pessoas

MARIA JOSÉ LEITÃO DE OLIVEIRA GIMENEZ
(1950-2022)

Francisco Lima Neto

SÃO PAULO Aproximar e fazer ponte entre pessoas diferentes era uma das principais características da jornalista Maria José Leitão de Oliveira Gimenez, mais conhecida como Mazé Leitão.

Em duas passagens, totalizou mais de 35 anos de trabalho no jornal Correio Popular, em Campinas (a 93 km de São Paulo), onde coordenava o fluxo de anúncios — e colecionava amigos e admiradores.

Depois da aposentadoria, voltou a morar em Presidente Epitácio (SP), onde cresceu e morou grande parte da vida, e manteve a família e um grande grupo de amigos, com quem se reunia diariamente.

Mazé era muito direta e sincera e tinha a amabilidade e o bom humor na mesma medida de sua franqueza.

"Ela tinha uma grande habilidade de aproximar as pessoas, fazia pontes. Ela sempre foi bastante direta, sincera, e muito engraçada, agradável. Impactava as pessoas tanto no pessoal quanto no profissional", diz a filha Thais Gimenez.

Mazé passou tantos anos em uma só empresa, aliás, a única em que trabalhou em Campinas, porque amava o ofício.

"Numa das últimas conversas que a gente teve, ela me disse que adorava o que fazia e adorava as pessoas com as quais ela trabalhava. Ela sempre foi workaholic. O trabalho era muito importante para ela, a realizava completamente", conta a filha.

A jornalista se aposentou em 2017. Ao voltar para Presidente Epitácio, sua cidade do coração, da qual ela adorava o calor, passou a aproveitar um pouco mais a vida, com a casa diariamente preenchida pela família e os amigos.

Com eles jogava baralho, jantava e passeava. Um de seus hobbies era assistir a filmes de bang bang, seu gênero preferido.

"Ficam as coisas boas e muita saudade. Eu não consigo saber de uma pessoa que não gostasse da minha mãe. Por mais assertiva, por mais profissional, por mais direta que fosse, não tem uma pessoa que não gostasse dela. Ela sempre foi muito querida, ajudava muito os outros e impactava muito as pessoas", diz Thais.

Mazé morreu aos 72 anos, no último dia 20 de novembro, na capital paulista, onde tratava um câncer de estômago. Era divorciada há pouco mais de dez anos e deixou, além de Thais, o filho Rodolfo Gabriel Leitão de Oliveira Gimenez.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e centra. 156; prefeitura.sp.gov.br/serviciofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex., 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo te.efone (11) 3224 3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Prefeitura de SP antecipa crédito para compra de material e uniforme escolar nesta segunda

SÃO PAULO A Prefeitura de São Paulo antecipou a liberação de crédito para compra de uniforme e material escolar de estudantes da rede municipal para esta segunda-feira (12).

O valor do benefício para uniforme é de R\$ 573,53, e, para os kits de material, os valores vão de R\$ 41,26, para estudantes do ensino infantil

(berçário I e II), a R\$ 201,28, para alunos de ensino fundamental.

Novamente a solicitação do benefício será feita pelo aplicativo Kit Escolar DUEPAY, disponível para celulares com sistemas Android e iOS. No início deste ano, o aplicativo apresentou instabilidade e gerou transtornos durante o

primeiro mês de aulas. Quem não lembra a senha poderá solicitar a recuperação por meio de uma página da Secretaria Municipal de Educação.

Os responsáveis pelo estudante precisam ter o CPF cadastrado no sistema da escola, que é alimentado pela base de dados da secretaria.

Os kits de material escolar

saúde



Nelson Hamerschlak, hematologista, no 9º Congresso Todos Juntos Contra o Câncer, em setembro. Marcelo Chello - 37.set.2022/FotoPress

Terapia celular inovadora leva à remissão de leucemia

Tratamento ainda é experimental, mas parte de técnica já é aprovada no Brasil

Cláudia Collucci

SÃO PAULO Uma menina de 13 anos do Reino Unido conseguiu ter a remissão de um câncer de sangue incurável por meio uma terapia celular inovadora, ainda em fase experimental, que usa células imunes geneticamente modificadas de um doador voluntário saudável.

O anúncio foi feito neste domingo (11) por médicos britânicos durante reunião anual da Sociedade Americana de Hematologia, em Nova Orleans, nos Estados Unidos.

Alyssa já tinha sido tratada sem sucesso com todos os tratamentos disponíveis para a leucemia linfóide aguda do tipo T. Não lhe restava outra opção senão os cuidados paliativos quando foi inscrita em um teste clínico de um novo tratamento no Great Ormond Street Hospital for Children (Gosh) de Londres.

Esse tipo de leucemia atinge até 20% das crianças e 40% dos adultos com câncer de sangue. A doença afeta as células do sistema imunológico, os linfócitos B e T, que protegem contra os vírus.

"Quando há recidiva e a pessoa já foi tratada com quimioterapia e transplante de medula óssea, o prognóstico é catastrófico", explica o hematologista Nelson Hamerschlak, do Hospital Albert Einstein (SP), que estava na reunião.

A nova terapia, desenvolvida por pesquisadores do hospital e da University College de Londres, utilizou células de um doador voluntário, que foram modificadas e aplicadas na paciente para que encontros e destruíssem as células cancerígenas.

"Também foram usadas manipulações genéticas para que as células não fossem rejeitadas e para manter a persistência delas [dentro do organismo]", explica Hamerschlak.

O tratamento parte de uma tecnologia conhecida como CAR T, que utiliza as células T, que atuam na defesa do organismo. Elas são retiradas do sangue do paciente e alteradas geneticamente para que se encaixem na superfície das partículas cancerosas e possam atacá-las. O material é multiplicado em laboratório e reinsertado no paciente.

O inovador da nova técnica

é ter conseguido um bom resultado com células modificadas de um doador.

"O tratamento limpa a medula da pessoa para que ela possa receber um transplante de medula normal e ter de volta a imunidade", explica o hematologista e oncologista pediátrico Cláudio Galvão de Castro Junior, que atua no Hospital São Camilo e no Instituto Hemomed.

Cerca de um mês depois de

receber as células modificadas, Alyssa apresentou remissão da doença e recebeu um segundo transplante de medula óssea, com suas próprias células, para restaurar seu sistema imunológico. Hoje, seis meses após o transplante, ela está bem em casa, recuperando-se do transplante.

A terapia ainda é experimental, só testada em crianças e adolescentes até 16 anos, mas o anúncio foi comemorado mundialmente.

"É revolucionário. Primeiro por ser CAR-T de doador, segundo por tratar a leucemia aguda tipo T [com recidiva], que não era tratada antes", afirma Castro Junior.

Para ele, o tratamento vai mudar a história dos pacientes. "Essas leucemias T recidivam mais e, quando isso acontece, os resultados são muito ruins. Consigo lembrar da carinha de cada paciente que perdi nessas situações. Se eu consigo mudar isso com CAR-T de prateleira [tecnologia que já existe], será uma revolução", diz.

A terapia de células CAR-T considera as características moleculares de cada ti

Projetamos e desenvolvemos o tratamento do laboratório à clínica, em uma abordagem exclusiva da bancada à beira do leito

Waseem Qasim
pesquisador e professor de terapia celular e gênica

po de câncer para desenhar uma resposta específica contra a doença. Já está disponível comercialmente no Brasil para tratamento da leucemia linfóide aguda tipo B, por exemplo, mas esbarra no alto custo.

Uma limitação da técnica atual é o tempo de espera entre a coleta, a manipulação e a infusão das células no paciente, explica Castro Junior. Muitos pacientes não sobrevivem até o fim desse processo. Outra questão é que, pelo fato de o doador ser o doente, nem sempre se consegue a quantidade adequada de células para o tratamento.

O próximo passo da nova tecnologia será verificar se as células transplantadas vão persistir no organismo. Ou seja, mesmo que Alyssa tenha tido a remissão da doença, essas células transplantadas podem morrer e o câncer voltar.

A menina teve diagnóstico da leucemia linfóide aguda T em maio de 2021, após um longo período de episódios que a família pensava serem resfriados, cansaço geral.

Após o insucesso das terapias convencionais, ela foi a primeira paciente a ser inscrita no ensaio clínico da nova terapia e, em maio de 2022, foi internada para receber células modificadas do doador.

Segundo os pesquisadores, múltiplas alterações adicionais de DNA foram necessárias para gerar bancos de células "universais" para o novo estudo ainda em andamento.

Tratamentos anteriores, por exemplo, contavam com técnicas que alteravam os genes por meio de cortes feitos por "tesouras" moleculares. A nova abordagem atua sem causar quebras no DNA, permitindo mais edições, com menos riscos de efeitos indesejados nos cromossomos.

Os mesmos pesquisadores ajudaram a desenvolver o uso de células T modificadas para tratar a leucemia de células B em 2015. Essas células T produzidas para atacar as células cancerígenas acabaram, no entanto, se matando durante o processo de fabricação, o que os levou a buscar outras soluções.

A técnica também está sendo investigada para tentar corrigir alterações nocivas no código de DNA para várias condições hereditárias.

"Projetamos e desenvolvemos o tratamento do laboratório à clínica e agora o estamos testando em crianças de todo o Reino Unido, em uma abordagem exclusiva da bancada à beira do leito. Tecnologias de ponta no laboratório com resultados reais no hospital. Isso abre caminho para novos tratamentos e melhores futuros para crianças doentes", disse Waseem Qasim, professor de terapia celular e gênica na University College London, em comunicado.

Câncer por cigarro eletrônico ocorre mais cedo, diz estudo

Gabriela Cupani

AGÊNCIA EINSTEIN O uso de cigarros eletrônicos aumenta as chances de câncer e, além disso, o diagnóstico ocorre quase 20 anos antes do que nos fumantes convencionais. É o que sugere um estudo retrospectivo conduzido por universidades americanas a partir de informações de 154.856 pacientes coletadas de 2015 a 2018.

A pesquisa inédita, publicada no periódico "World Journal of Oncology", cruzou dados sobre o histórico de câncer e de consumo do vape (nome em inglês utilizado para o dispositivo). Com o cigarro eletrônico, o diagnóstico de câncer aconteceu em média aos 45 anos, contra 63 nos fumantes tradicionais.

Os adeptos do novo modelo também apresentaram tumores diferentes dos que costumam ser associados ao tabaco: os mais comuns foram câncer cervical, leucemia, câncer de pele e de tireoide.

Por serem relativamente novos, os dados sobre o impacto na saúde do cigarro eletrônico a longo prazo ainda são limitados. "Mas já se sabe que não são inofensivos e que também podem causar doenças como asma e enfisema pulmonar, assim como o cigarro convencional", diz a pneumologista Luiza Helena Degani Costa, do Hospital Israelita Albert Einstein.

O uso do dispositivo também pode gerar lesões agudas no pulmão e está associado a alterações nos vasos sanguíneos, o que aumenta o risco de doenças cardiovasculares.

"Há tempos já sabemos que existem substâncias cancerígenas no vapor dos cigarros eletrônicos, substâncias que são inaladas pelo usuário. Embora esse estudo americano tenha uma série de limitações metodológicas, existe, portanto, um racional biológico para os resultados encontrados. Estamos só começando a conhecer a história natural da doença".

Os cigarros eletrônicos foram anunciados como alternativa segura e ganharam popularidade. Segundo os autores, este é o primeiro grande estudo populacional a apontar possível associação entre uso dos eletrônicos e câncer em humanos.

Uma vacina contra a dengue

Imunizante aprovado traz esperança, mas medidas de controle devem continuar

Marcia Castro

Professora de demografia e chefe do Departamento de Saúde Global e População da Escola de Saúde Pública de Harvard

A dengue, transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, foi reintroduzida no Brasil no início da década de 80. Digo reintroduzida uma vez que o mosquito havia sido eliminado no Brasil em 1955 e em grande parte das Américas nos anos 60. Isso aconteceu após campanhas intensas de controle com apoio da Fundação Rockefeller.

Ao longo dos anos, a dengue vem se expandindo geograficamente e surtos epidêmicos a cada dois ou três anos têm piorado em inten-

sidade. Cerca de 76% dos casos de dengue reportados no Brasil desde o ano 2000 ocorreram a partir de 2010.

Essa expansão geográfica da dengue não acontece apenas no território brasileiro. Atualmente, cerca de metade da população mundial em mais de 125 países vive sob o risco de uma infecção por dengue. Essa expansão foi impulsionada pelos padrões de urbanização e globalização.

As mudanças climáticas agravarão ainda mais a situação caso medidas de adap-

tação local não sejam adotadas e o aquecimento global não seja reduzido.

Os padrões de crescimento urbano no Brasil propiciam condições ideais para o *Aedes*. Segundo dados do Maphiomas, de 1985 a 2021 as áreas urbanizadas triplicaram no Brasil, com expansão ainda maior de favelas, em especial em áreas de risco.

A falta de acesso regular a água obriga a população a usar recipientes, nem sempre cobertos, o que gera criadouros de mosquito. Áreas sem co-

leta de lixo regular também se tornam focos para o *Aedes*, ambos problemas de falta de infraestrutura urbana.

Neste ano, o Brasil enfrentou outra epidemia de dengue. Já são quase 1,4 milhão de casos e 975 mortes. Como não há antivirais específicos para a dengue, medidas se concentram em controle do mosquito e campanhas educacionais, medidas estas que não têm sido suficientes.

O desenvolvimento de uma vacina contra a dengue mudaria esse cenário. Dengua

xia, da farmacêutica Sanoofi, foi a primeira vacina a ser aprovada em vários países, incluindo o Brasil.

Entretanto, ela apresentou risco de efeitos adversos graves quando administrada em crianças não previamente infectadas. No Brasil, a Dengvaxia foi utilizada apenas em alguns municípios do Paraná em 2016.

Na quinta (8) a vacina Qdenga, desenvolvida pela farmacêutica Takeda, foi aprovada para uso na União Europeia. Atualmente está sendo avaliada para uso nos EUA e no Brasil.

Qdenga é recomendada para pessoas com quatro ou mais anos de idade, administrada em duas doses com intervalo de três meses. Os ensaios clínicos, feitos em oito países, incluindo o Brasil, indicaram, após quatro anos e meio, que a vacina preveniu

84% das internações e 61% dos casos sintomáticos

A eventual aprovação da vacina no país e sua disponibilização no sistema de saúde não substitui as medidas de controle do mosquito, uma vez que chikungunya e zika também são transmitidas pelo *Aedes*. Neste ano, já foram reportados 9.200 casos de zika, 42% no estado do Rio Grande do Norte, e cerca de 170 mil casos de chikungunya, 31% no Ceará.

Uma futura campanha de vacinação contra a dengue deve ser acompanhada por ações educacionais para que a população não abandone medidas de prevenção de criadouros de mosquito.

Acima de tudo, a vacina não substitui a necessidade de melhoria de infraestrutura urbana. Condições de moradia dignas são uma questão de direitos humanos.

saúde

Vacinação-modelo reduziu mortes por Covid

Em Serrana (SP), alvo de estudo sobre efeitos da imunização em massa, maioria das infecções por variantes foi leve

Luciana Constantino

AGÊNCIA FAPESP Pesquisa realizada em Serrana (a 313 km de São Paulo), cidade-modelo de imunização contra a Covid-19 no Brasil, comprovou que a vacinação em massa reduziu as taxas de morte e casos graves da doença mesmo durante a circulação das variantes gama e delta, consideradas preocupantes pela disseminação mais rápida do que as linhagens anteriores.

Com base na análise evolutiva do Sars-CoV-2 (filogenética), os cientistas mostraram que a dinâmica de substituição do vírus na cidade foi semelhante ao restante do país. Começou com as linhagens ancestrais (B.1.1.28 e B.1.1.33) e passou para gama, delta e, mais recentemente, ômicron. Em Serrana, no entanto, a

pesquisa revelou que a maioria dos casos para as três variantes foi leve — 88,9%, 98,1%, 99,1%, respectivamente — graças à imunização com Coronavac, que havia atingido 80% da população-alvo à época.

Os pesquisadores fizeram análises em 4.375 genomas obtidos entre junho de 2020 e abril de 2022. Ao todo, foram identificadas 52 sublinhagens de Sars-CoV-2 na cidade.

A pesquisa foi publicada na revista científica *Viruses* e é parte do Projeto S, estudo clínico inédito de efetividade da vacinação em Serrana realizado pelo Instituto Butantan com o apoio da Fapesp. Contou com pesquisadores do Butantan, do Hemocentro de Ribeirão Preto (SP) e do Centro de Terapia Celular (CTC), um Centro de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepid) da

Fapesp ligado ao Hemocentro e ao Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP).

A cidade foi usada como modelo para os estudos, onde, pela primeira vez no Brasil, foi aplicada a vacina Coronavac em massa em adultos maiores de 18 anos antes mesmo do início da vacinação oficial no país. Foi desenvolvido um

programa de sequenciamento em larga escala destinado a investigar em tempo real todas as amostras positivas de Sars-CoV-2 obtidas na cidade.

"O sequenciamento de última geração, que permite monitoramento genético de muitas infecções virais, está cada vez mais acessível e é amplamente utilizado para detectar as variações genéticas virais. A detecção de novos agentes

ou variantes virais auxilia na tomada de decisões sanitárias com a finalidade de evitar futuras pandemias ou epidemias", disse Svetoslav Nanev Slavov, pesquisador do Butantan e primeiro autor do artigo.

Dos 4.375 genomas analisados na pesquisa, foram identificados 1.653 casos com a variante delta (37,8%), 1.053 de gama (24,1%), 1.513 de ômicron (34,6%), 75 de zeta (1,7%) e 81 referentes a outras linhagens (1,9%). Embora houvesse participantes de todas as idades, a maioria tinha entre 21 e 50 anos.

Os pesquisadores apontam que a aplicação da vacina esteve relacionada à redução da morbidade e mortalidade, especialmente durante as ondas de gama e delta. Compararam com a cidade de São José do Rio Preto (SP), a cerca de 200

km de Serrana, onde durante a onda da variante gama houve maior taxa de mortalidade principalmente entre jovens não vacinados.

Os efeitos benéficos da vacinação foram observados em outros estudos, nos quais indivíduos totalmente vacinados eram menos propensos a adquirir infecções sintomáticas ou assintomáticas, mostrando eficácia na redução das taxas de infecção, casos graves e mortalidade relacionados ao Sars-CoV-2.

"O estudo mostrou os efeitos benéficos da vacinação que, quando aplicada ampla e precocemente, pode reduzir de forma significativa as taxas de mortalidade e morbidade", completou Simone Kashima, pesquisadora do Hemocentro de Ribeirão Preto e autora correspondente do artigo.

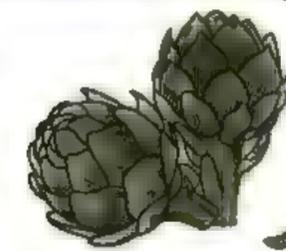


Quando aplicada ampla e precocemente, [a vacinação] pode reduzir de forma significativa as taxas de mortalidade e morbidade

Simone Kashima

pesquisadora do Hemocentro de Ribeirão Preto

Entenda as ervas do coquetel amazônico



Ingrediente

Alcachofra

Indicação

Colerético/colagogo (facilita a digestão de gorduras)

Não te contam na rede

Poderia ser usado para auxiliar no controle do colesterol, mas dificilmente na forma de chá este benefício seria observado. Pode apresentar efeito diurético e laxativo

Contraindicação

Consumidores que fazem uso de diuréticos por terem pressão alta ou doenças no coração não devem utilizar sem supervisão. Também não deve ser usado junto com anticoagulantes nem por quem tenha litíase biliar (pedra na vesícula biliar), obstrução de ductos biliares, colangites, hepatopatias (doenças no fígado). O uso prolongado também é contraindicado

O que diz a ciência

Esta planta é estudada no emagrecimento, mas em animais não existem evidências científicas que sustentem sua contribuição em humanos



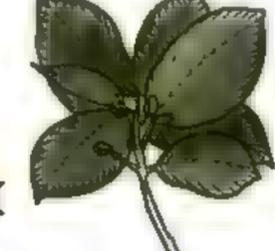
Banchá

Coadjuvante no emagrecimento

É uma variação de chá obtido a partir de folhas rasteiras e mais velhas da planta medicinal *Camellia sinensis* que dá origem também ao chá-verde, porém, para a produção deste último, utilizam-se folhas mais novas e tenras

É contraindicada em úlceras gástricas e duodenais, hipertensão arterial, arritmia, hipertireoidismo, anemias severas, insônia. Pode causar aumento da diurese (urina). Não deve ser usado concomitantemente com medicamentos como fluoxetina, paroxetina, sertralina, varfarina entre outros. O uso prolongado também é contraindicado

Não existem evidências científicas que sustentem sua contribuição em humanos



Cáscara-Sagrada

Laxativo

Pode causar câmbrias, desconforto no trato gastrointestinal, cólicas e dores abdominais, formação de fezes aquosas. O abuso deste laxante a longo prazo pode desencadear desequilíbrio eletrolítico (hipocalcemia e hipocalcemia), acidose metabólica, má-absorção de nutrientes, albuminúria e hematuria. E a ingestão crônica e em altas doses poderá desencadear quadro de hepatite tóxica

Não deve ser utilizado de forma contínua por mais de 1 a 2 semanas. É contraindicado em casos de obstrução intestinal e estenose, atonia, doenças inflamatórias do cólon (colite ulcerosa, síndrome do intestino irritável, doença de Crohn), apendicite, desidratação grave, constipação intestinal crônica, nefrite. Deve-se evitar uso concomitante com digitálicos, antiarrítmicos, diuréticos, adrenocorticosteróides, nifedipina e indometacina e outros anti-inflamatórios não hormonais

Não existem estudos que sustentem sua indicação no emagrecimento



Centelha Asiática

Insuficiência venosa dos membros inferiores

Pode interagir com dexametasona, fenilbutazona

Em altas doses, pode desencadear cefaleia, vertigem, hipotensão arterial e estados narcóticos leves a moderados e pode interferir no tratamento do diabetes e do colesterol aumentado

Não há estudos que sustentem sua indicação no emagrecimento



Sene

Insuficiência venosa dos membros inferiores

Outro efeito relatado em literatura é o "dedo em baqueta de tambor", que é um alargamento das pontas dos dedos das mãos ou dos pés, entortando a base da unha. É reversível após a descontinuação do uso

Em altas doses, pode desencadear cefaleia, vertigem, hipotensão arterial e estados narcóticos leves a moderados, interferindo no tratamento do diabetes e do colesterol aumentado

Não há estudos que sustentem sua indicação no emagrecimento

Fonte: Associação Brasileira de Nutrição (ASBRAN)

Cresce busca de coquetel amazônico para emagrecer

EQUILÍBRIO

Danielle Castro

RIBEIRÃO PRETO (SP) O coquetel amazônico é uma infusão com cinco ervas típicas da região Norte do Brasil e tem tido picos de crescimento nas tendências de emagrecimento e em buscadores como Google. Na internet, há inúmeros anúncios de fórmulas prontas e receitas, mas o composto basicamente é descrito como a mistura de alcachofra, banchá, cáscara-sagrada, centelha-asiática e sene.

Especialistas, entretanto, alertam que 3 dos 5 compostos da mistura são laxativos e que a sensação de emagrecimento é menos real do que parece. "Não é uma combinação de plantas medicinais que contribuirão com o emagrecimento. Ela pode causar uma falsa sensação de perda

de peso, pelo aumento no número de evacuações e perda de líquidos, mas não há diminuição de tecido gorduroso, ou seja, não é emagrecedora", afirma a nutricionista Sula de Camargo, habilitada em fitoterapia e aromaterapia.

Consultora técnica da Associação Brasileira de Nutrição, Camargo reforçou que todas as plantas do coquetel são contraindicadas para gestantes, lactantes e crianças, sendo necessário cautela para o uso em idosos. "Estas plantas medicinais são úteis em outros contextos de saúde, em outras doses e formas de preparo. Quanto às interações, não temos estudos com estas plantas associadas."

A nutricionista Vanessa Losano, supervisora de saúde na rede Vitat, que divulga a receita em seu site, diz que o coquetel amazônico surgiu em uma instituição do Norte co-

mo tratamento para obesidade baseado em propriedades emagrecedoras de plantas nativas da flora da região, sendo parte de um tratamento mais amplo.

"A procura por ele é alta, pois, além de o nome remeter a coisas naturais, acredita-se de fato que ele auxilia no emagrecimento, e sabemos que hoje o sobrepeso e a obesidade crescem nas mais diversas faixas de renda", afirma Losano.



[A combinação de ervas] pode causar uma falsa sensação de perda de peso, pela perda de líquidos, mas não há diminuição de tecido gorduroso, ou seja, não é emagrecedora

Sula de Camargo

nutricionista

Pelo forte caráter laxativo, a supervisora indica o coquetel amazônico apenas como auxílio para aqueles que têm prisão de ventre — e sempre com acompanhamento profissional. "O emagrecimento varia muito de pessoa para pessoa, de como é a rotina do dia. Nenhum chá, coquetel ou alimento sozinho emagrece. O coquetel é apenas mais um auxiliar no processo", diz.

Outro alerta é para o equívoco comum de achar que,

por ser natural, pode-se fazer o uso à vontade e indiscriminado do coquetel amazônico. "Devido à combinação de ervas e ao alto poder laxativo, o ideal é consumir uma xícara ao dia [50 ml] e se hidratar bastante ao longo do dia. E quem tem problemas nos rins e fígado, por exemplo, não deve consumir", destaca.

Maria Edna de Melo, presidente do Departamento de Obesidade da SBEM (Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia), lembra ainda que nem sempre as fórmulas prontas contêm de fato o que está descrito na embalagem. "Esse tipo de produto, diferentemente dos medicamentos, não tem controle de qualidade. Não se sabe se outras substâncias foram colocadas. Se toma o produto e fica sem apetite, por exemplo, vai ter um inibidor, nenhuma dessas ervas leva a is-

so", diz a médica.

Melo afirma que o efeito deriva mesmo da inserção de algum medicamento e que estas soluções não levam à perda de peso, muito menos com segurança. Mesmo as ervas "in natura", se mal identificadas ou manipuladas em dosagens aleatórias, podem causar mais dano que benefício, ela diz. "Fitoterápicos de efeito laxativo provocam aumento do número de evacuações e até diarreia, podem precipitar desidratação e problemas renais ou hepáticos."

Desse modo, fórmulas mágicas nunca devem ser a referência para quem quer emagrecer. "A SBEM vê com muita preocupação [o uso destes chás da moda], visto os casos de insuficiência hepática que acompanhamos no começo do ano, nos quais foram precisos transplantes. Uma profissional de saúde morreu com o chá de 50 ervas", lembra.

Um levantamento conduzido em 2021 pela SBEM com 3.621 pessoas, sendo 89% delas mulheres, revelou que 93,6% dos entrevistados já tinham tentado perder peso. Destas, 31% admitiram ter tentado por conta própria, 55,7% recorreram a serviços privados e apenas 12,9% usaram o SUS. Entre as técnicas utilizadas para emagrecer, a mais comum foi dieta mais exercícios (65%), seguida de apenas dieta (15%). Outros 10% usaram medicamentos e, ao todo, cerca de 9% recorreram a chás, shakes, fitoterápicos e internet.

"Obesidade é uma doença e atinge níveis populacionais epidêmicos. As pessoas tentam emagrecer por meio de dieta e atividade física, que é o que todo mundo diz para fazer, mas não é tão fácil", afirma a médica. Para ela, a maioria buscou ajuda no setor privado porque, apesar de a obesidade impactar o serviço público, não há estrutura para atender a demanda.

Outro fator que se reflete no mau hábito de buscar na internet receitas milagrosas para emagrecer é a pressão da sociedade. "Não é só a gordofobia com a obesidade, tem uma estigmatização até de quem está normal, mas ganhou peso. Existe tratamento ético, com medicação, orientação nutricional, mudança de estilo de vida, mas o preconceito faz com que as pessoas busquem resolver sozinhas, escondidas."

Os anúncios ativados por voz e preferências de pesquisa ampliam o risco, enviando sugestões de emagrecedores de todo tipo. "A recomendação é conversar com seu médico mais próximo, alguém que te trate de forma respeitosa, e que, diante da dificuldade de perder peso, o encaminhe para outro profissional com maior capacidade de atendimento", orienta Melo.

ambiente

Indígenas denunciam em Montreal impacto da mineração na Amazônia

Empresa Belo Sun diz se esforçar para danos mínimos; Canadá afirma buscar ações de conservação

Ana Carolina Amaral

MONTREAL (CANADÁ) A mineradora canadense Belo Sun, que pretende instalar a maior mina de ouro a céu aberto do Brasil na região da Volta Grande do Xingu (PA), é alvo de denúncias de indígenas brasileiros que participam da COP15 da biodiversidade da ONU, sediada pelo Canadá.

Em anúncios à imprensa, o ministro do Meio Ambiente do Canadá, Steven Guilbeault, tem afirmado que a COP15 é uma oportunidade para o país mostrar sua liderança na adoção de ações pela conservação da biodiversidade. Mas, para as lideranças da Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) e a ONG Amazon Watch, a conferência é uma oportunidade para mostrar o oposto.

"Empresas que destroem a Amazônia encontram abrigo e apoio político aqui no Canadá", afirmou o líder indígena Dinamam Tuxá, representante da Apib, na última sexta-feira (9), em um evento paralelo à COP15, promovido pela Amazon Watch.

Em sua página oficial, a Belo Sun diz estar comprometida com as comunidades dos locais onde atua e que busca "manter o impacto ambiental no mínimo".

A Amazon Watch trouxe a Montreal um relatório sobre os impactos do projeto de mineração da Belo Sun, com a intenção de convencer investidores a não financiar o projeto Volta Grande — cuja licença prévia do licenciamento ambiental foi suspensa pela Justiça em maio por falta de consulta a comunidades impactadas pela obra.



Liderança indígena Dinamam Tuxá na COP15 da biodiversidade. Andrej Ivanov. 8. dez. 2022/APP

Entre os impactos levantados pela Amazon Watch, estão a emissão de carbono ligada ao desmatamento e a contaminação causada por rejeitos tóxicos da mineração de ouro.

"Como o modelo da Belo Sun é de cava aberta e prevê, em 18 anos, explorar 205 milhões de ouro [cerca de 5.800 quilos], isso deve emitir cerca de 3 milhões de toneladas de carbono. É um retrocesso para a conservação da biodiversidade, para o clima, os direitos humanos e a autonomia dos povos indígenas", afirma Gabriela Sarmet, assessora de campanhas da Amazon Watch para o Brasil.

"Pelo menos 1.700 km² de floresta amazônica ficam

ameaçadas pelo projeto. O desmate pode ser até 12 vezes maior do que a área de exploração mineral", completa Sarmet, destacando que os rejeitos tóxicos devem contaminar pelo menos 41 quilômetros do rio Xingu e, nos cenários mais drásticos, chegar ao rio Amazonas e ao oceano Atlântico.

O projeto deve ser instalado a menos de 50 quilômetros da barragem principal da usina hidrelétrica de Belo Monte, cujo desvio do rio Xingu afetou as comunidades indígenas da região.

"Nós estávamos lidando com os problemas de Belo Monte e não vimos que Belo Sun já estava aqui fazendo estudo e, quando vimos, já ti

nham licença prévia, já estavam emitindo a licença de instalação, e não fomos consultados de nada. Conseguimos impedir", afirmou a líder indígena Bel Juruna, cuja aldeia está a mais de cem quilômetros da usina de Belo Monte.

"Estamos em um trecho de vazão reduzida do rio Xingu, com a água controlada por comportas. Fecham e abrem quando querem. Isso trouxe impactos profundos para nossa vida e a nossa cultura", afirma.

"É impossível imaginar uma mineradora desse porte nessa mesma região. Vai ser o extermínio total do meu povo. Falo pelo meu povo, pelos peixes, pelas árvores", completou.

Para Joan Kuyek, pesquisadora e fundadora da Mining Watch Canada, "esse comportamento predatório é endêmico da mineração canadense e o Brasil é um dos seus principais focos".

"As leis, regulações e o sistema tributário do país é desenhado pelas mineradoras e em prol delas", afirmou. "Nossa maior indústria é a do investimento, em Toronto, com 75% das mineradoras sendo juniores que buscam ser adquiridas pelas gigantes".

Embora seja uma empresa júnior, a Belo Sun é controlada pela gigante canadense Forbes & Manhattan, fundada pelo empresário Stan Bharti, que, por sua vez, também atua como operador financeiro da Belo Sun e da Potássio do Brasil.

Ao longo dos últimos quatro anos, Bharti se reuniu diversas vezes com o vice-presidente Hamilton Mourão para tratar sobre os dois projetos. "Bolsonaro não atuou sozi-

Bolsonaro não atuou sozinho contra a Amazônia, ele encontrou abrigo em grandes corporações que financiaram a campanha dele e fizeram incidência no Congresso

Dinamam Tuxá
representante da Apib
(Articulação dos Povos Indígenas do Brasil)

Cápsula da missão Artemis pousa no mar após viagem à Lua

CIÊNCIA

APP A cápsula espacial Orion, da Nasa, pousou com segurança no oceano Pacífico neste domingo (11), concluindo a missão Artemis 1, que, em pouco mais de 25 dias, circulou a Lua com o objetivo de levar os humanos de volta à superfície do satélite da Terra em alguns anos. O pouso no mar ocorreu em frente à ilha de Guadalupe, no México, por volta das 14h40 no horário de Brasília.

"Este dia marca um grande feito para a Nasa, os EUA, nossos parceiros internacionais e toda a humanidade", disse o diretor da agência espacial americana, Bill Nelson.

A cápsula, que não tinha um astronauta a bordo para esse voo de teste, reentrou na atmosfera terrestre a uma velocidade de 40 mil km/h, super-



Cápsula Orion cai no oceano Pacífico em frente à ilha de Guadalupe, no México. Mario Tama/APP

tando um calor de 2.800°C, a metade da temperatura da superfície do Sol. O principal objetivo da missão consistia em testar o escudo térmico da Orion, o maior já construído (com 5 metros de diâmetro).

A descida vertiginosa da nave foi freada primeiro pela atmosfera e depois por ao menos 11 paraquedas até alcançar uma velocidade de aproximadamente 30 km/h ao tocar a água. "Tivemos um pouso no mar absolutamente perfeito", disse Melissa Jones, encarregada das operações de recuperação da Nasa.

Pouco depois, helicópteros sobrevoaram a nave, que não apresentou danos aparentes. Na sequência, mergulhadores instalariam cabos na cápsula para erguê-la até o USS Portland, um navio de transporte anfíbio. Depois o USS Portland seguiria para San Diego,

na Califórnia, onde a cápsula seria desembarcada.

O sucesso desta missão é considerado crucial para a Nasa, que investiu dezenas de bilhões de dólares no programa Artemis de retorno à Lua. O objetivo é preparar uma futura viagem a Marte. Um primeiro teste foi realizado em 2014, mas a cápsula não saiu da órbita da Terra e, portanto, entrou na atmosfera mais lentamente (32 mil km/h).

Recuperar a cápsula permitirá à Nasa coletar dados cruciais para futuras missões. A Orion fornecerá informações sobre o estado da espaçonave após o voo, sobre as acelerações e vibrações sofridas a bordo e sobre o desempenho de um colete colocado em um manequim dentro da cápsula para testar a proteção que um humano teria contra a radiação durante a viagem espacial.

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados

11 3224-4000

FORMAS DE PAGAMENTO: Cartão de crédito, Débito em conta, boleto bancário ou pagamento à vista

<p>EMPREGADOS PROCURADOS</p> <p>EMPREGOS</p> <p>PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA</p> <p>LIQUELADORA</p> <p>11/3224-4000</p>	<p>EMPREGADOS PROCURADOS</p> <p>BANCO DE TALENTOS (PDI)</p> <p>PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA</p> <p>LIQUELADORA</p> <p>11/3224-4000</p>	<p>NEGÓCIOS</p> <p>CLÍNICAS E MASSAGENS</p> <p>ANY MASSAGENS BRUNHA</p> <p>Te: 11 3224-4000</p>	<p>ACOMPANHANTES</p> <p>CASA DAS AMIGAS</p> <p>Sheila cores carinhosa</p> <p>Marisol mignonzinha</p> <p>Ellen mulata</p> <p>Adm. passiva massagem.</p> <p>Venha relaxar com a gente!</p> <p>Av. Contem - Vila Indiana</p> <p>F: 2894-9281</p>	<p>IMÓVEIS</p> <p>GENIUS/THINK</p> <p>TELEFONE 11 3224-4000</p>	<p>PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA</p> <p>11/3224-4000</p>	<p>ADVOCACIA</p> <p>Auxílio - Busca</p> <p>Perícia Negada</p> <p>Acórdão de trabalho</p> <p>Apresentador</p> <p>Resposta para ideias e definições</p> <p>Paralelo por morte</p> <p>11- 95001-9143</p> <p>2362-0162 - 2361-5366</p> <p>2366-8842 - 2362-3214</p>
--	---	---	---	---	---	---

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA - PRESENCIAL E ONLINE

1. LEILÃO: 26 de dezembro de 2022, às 15h00min. 2. LEILÃO: 28 de dezembro de 2022, às 15h00min. (Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo)

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA

11/3224-4000

CLASSIFICADOS FOLHA

11/3224-4000

Harry e Meghan falam como se vivessem na favela

É preciso ter um deserto no lugar do cérebro para perder um minuto com as divagações de documentário da Netflix

João Pereira Coutinho

Escritor, doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa.

Todo mundo tem palavras duras sobre o populismo. Mas poucos se atrevem a dizer que o populismo nasce de uma traição das elites.

Essa traição acontece quando as elites políticas, culturais ou midiáticas deixam de olhar para os seus semelhantes como parte de uma experiência comum e decidem que metade da população não merece ser escutada ou ajudada em seus medos, preocupações ou anseios.

O líder populista gosta de fazer uma distinção maniqueísta entre "nós" — o povo, os puros — e "eles" — a elite, os impuros. Mas o líder populista apenas inverte a mesma lógica que as elites também cultivaram. Ambos são o espelho de ambos.

Pensei nisso quando assistia, incrédulo, ao documentário "Harry & Meghan", na Netflix. O documentário é entediante porque os dois personagens são entediantes. É preci-



Harry e Meghan no documentário da Netflix. Divulgação

so ter um deserto no lugar do cérebro para perder um minuto com as divagações de Harry Windsor e Meghan Markle.

Exceto, claro, se o fizermos por razões antropológicas — antigamente, se você ocupasse um lugar de riqueza e privilégio na escala social, teria pelo menos algum pudor em falar publicamente das suas dores e traumas.

Os milionários Harry e Meghan não têm pudor algum. Primeiro, recebem as câmeras na sua mansão da Califórnia. Depois, falam das suas vidas como se vivessem na favela, sujeitos às humilhações, violências e indignidades dos mais pobres.

Mesmo a cartada racista que Meghan Markle se vitimiza não vem acompanhada por um momento de autocritica — "Eu, pelo menos, tenho riqueza e poder para me proteger desses preconceitos. Mas como será com os negros marginalizados? Terei sequer o direito de me comparar a eles?" Ponto prévio: ninguém de

bom senso nega que fazer parte da monarquia britânica é estar sujeito a um escrutínio insano. E também ninguém nega que os tabloides do país são exemplos de vulgaridade e xenofobia.

Mas esses incômodos têm solução — fazer uma vênua e desaparecer da paisagem.

Harry e Meghan optaram por esse caminho. Mas depois, sem as câmeras por perto, foram eles próprios a chamá-las para um espetáculo contínuo de exposição íntima.

Ou é masoquismo, ou é orçamento. Em qualquer dos casos, há aqui um grau de alienação que apenas reproduz, em versão extrema, a alienação das novas elites perante o destino dos menos afortunados.

Na Revolução Francesa, ficou célebre o comentário apócrifo de Maria Antonieta sobre o povo faminto — "Se não têm pão, que comam brioques."

Harry e Meghan não precisam dizer isso. Eles comem brioques ao mesmo tempo que reclamam da dieta.



MEXICANOS COMEMORAM A APARIÇÃO DA VIRGEM DE GUADALUPE A JUAN DIEGO, EM 12 DE DEZEMBRO DE 1531

Peregrinos fazem fila para entrar na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe na Cidade do México no início da manhã deste domingo (11), véspera do dia da padroeira. Nicolas Asfour/AFIP

MENSAGEIRO SIDERAL

Salvador Nogueira

folha.com/mensageirosideral

Japão lança da Flórida sua primeira missão comercial à Lua

A nova era de exploração lunar, inaugurada com toda pompa e circunstância com a missão Artemis 1, da Nasa, ganhou na madrugada deste domingo (11) um ingrediente a mais: a empresa japonesa ispace lançou ao espaço o veículo robótico Hakuto-R, com o qual espera se tornar a primeira companhia privada do planeta a pousar na Lua.

O lançamento partiu da plataforma 40 da Estação da Força Espacial de Cabo Canaveral. A decolagem do foguete Falcon 9, da SpaceX, se deu às 4h38, e iniciou uma longa jornada para o módulo de pouso nipônico, nesta missão batizada singelamente de M1. O plano envolve meses de operação em espaço profundo em uma trajetória de baixa energia até que ele entre na esfera de influência gravitacional lunar, e a tentativa de pouso, se tudo der certo até lá, pode vir em abril do ano que vem.

A ispace surgiu em 2008, com o objetivo de disputar

o Prêmio X Lunar Google, que pagaria US\$ 20 milhões a quem enviasse uma espaçonave capaz de viajar 500 metros pela superfície da Lua. A iniciativa financiada pela gigante da internet acabou terminando em 2018 sem que qualquer empresa conquistasse a premiação, mas a companhia japonesa chegou a receber recompensas por avanços parciais e seguiu trabalhando. A espaçonave em si teve sua montagem concluída em julho, seguida por testes térmicos e de vibração em solo.

Além de levar várias cargas úteis, o módulo deve transportar também o pequeno rover Rachid, rover robótico lunar desenvolvido pelo Centro Espacial Mohammed bin Rashid, dos Emirados Árabes Unidos. Será a primeira missão lunar deste país, que em 2021 chegou a Marte com seu primeiro orbitador, Hope. Também está embarcado um pequeno veículo da Jaxa, a agência espacial japonesa.

Será, se bem sucedida, a primeira missão comercial à Lua. Aliás, quase tivemos a primeira em 2019, quando a empresa SpaceIL, de Israel, lançou o pequeno módulo de pouso Beresheet. Era outro grupo na disputa pelo Prêmio X Lunar Google, que realizou com sucesso a jornada até a Lua e falhou durante a tentativa de pouso, impactando contra a

[...]

O que não é mais dúvida é que teremos muitas missões comerciais à Lua nos próximos anos. A própria Nasa decidiu adotar esse modelo, contratando 'carretos lunares'

superfície. Não é fácil descer suavemente por lá, e o módulo Hakuto-R ainda terá um grande desafio pela frente.

O que não é mais dúvida é que teremos muitas missões comerciais à Lua nos próximos anos. A própria Nasa decidiu adotar esse modelo, contratando "carretos lunares" — veículos comerciais capazes de levar cargas úteis à superfície da Lua para a agência operados por empresas espaciais — em vez de desenvolvendo seus próprios módulos de descida.

O programa, chamado CLPS (Commercial Lunar Payload Services), já fechou diversos contratos com várias empresas, duas das quais, Astrobotics e Intuitive Machines, devem realizar sua primeira tentativa de voo em 2023. A ideia é que a Nasa seja a principal cliente dessas companhias, mas não a única, viabilizando toda sorte de empreendimento na Lua, de experimentos científicos a iniciativas de publicidade.

ACERVO FOLHA

Há 100 anos 12. dez. 1922

Senador propõe anistia a militares da revolta do Forte de Copacabana

O senador Lauro Sodré apresentou na sessão desta terça-feira (12) um projeto para que seja concedida a anistia aos militares que continuavam presos por causa do envolvimento na rebelião de julho.

Naquela ocasião, uma sedição eclodiu no Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, em um movimento contrário ao governo do então presiden-

te Epitácio Pessoa. O atual presidente, Arthur Bernardes, que tomou posse em 15 de novembro, já ordenou a libertação de três jornalistas que estavam presos devido ao episódio da revolta militar, mas que não haviam sido denunciados pelo procurador criminal da República.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br



ilustrada

Além do
arrasta-pé

Este mês comemora 20 anos de carreira que começou com os Aviões do Forró, grupo que revolucionou não só o gênero, mas a indústria musical brasileira

Igor Marques

RECIFE Há 20 anos, Xand Avião se encontrava com Solange Almeida no estúdio Mega Som, em Fortaleza, para gravar os vocais do primeiro disco dos Aviões do Forró.

Não tinha ideia de que, nos anos seguintes, com o grupo, do qual era líder, iria fazer 50 shows por mês e sete turnês internacionais, além de lançar 14 CDs e seis DVDs vendidos aos milhares na pirataria.

Embora não tenha aparecido nas listas de melhores do

ano, o disco "Volume 1 - As Lamparinhas" abriu as portas para uma série de transformações estéticas e mercadológicas na música brasileira.

O álbum tinha como principal elemento estético a metalurgia, como ficou conhecido o trio de metais composto por trombone, saxofone e trompete, além do suringue do baixo e das levadas de bateria.

Numa era em que o streaming não existia, a banda incentivava a pirataria e, sem uma gravadora, os artistas atuavam como empresários,

algo revolucionário à época.

O produtor Natinho da Cunha, que esteve à frente dos três primeiros discos dos Aviões do Forró, é um dos responsáveis por moldar a musicalidade do grupo. "Em 1990, quando lancei a Forró Maior, criei uma batidazinha que ninguém usava mais. Ai levei essa ideia para o estúdio com os Aviões e ficou legal."

Essa batida, que virou a assinatura do grupo, combinava as duas principais vertentes rítmicas do forró eletrônico. Eram elas o romântis-



AVIÕES DO FORRÓ

Os Aviões do Forró, que levaram o gênero para além do arrasta-pé, criou um circuito às margens do mercado da música, com a distribuição gratuita de CDs em bares e festas e o incentivo da pirataria para autopromoção

mo de nomes como Mastruz com Leite e Calcinha Preta e o vanerão à nordestina, com dois passos para a esquerda e dois para a direita, de bandas como Gaviões do Forró.

O baterista Riquelme, que se juntou ao grupo meses depois do primeiro disco, também foi decisivo. Foi ele que criou o "burugudu" de Xand — uma onomatopeia para som da bateria — e ressignificou os tons, a caixa e o chimbal.

Xand considera que o som do grupo encontrou um mercado inexplorado. "A febre

era o forró romântico. Noda de Cajú, Magníficos, Calcinha Preta. Era muito bom, mas para namorar e dançar agarrado. A gente preencheu a lacuna do forró animado, para curtir no churrasco, a qualquer hora, e não só para dançar"

Para chegar aos ouvidos do público, o grupo movimentou um circuito de economia criativa às margens do mercado.

O produtor Savyo Maia diz que tinha 40 funcionários para uma frota de duas carretas, dois ônibus e um jato.

Continua na pag. C2

O cantor Xand Avião em show em São Miguel, no Rio Grande do Norte. *Luiz Pezando/Divulgação*

ilustrada



O cantor Xand Avião em show em Caruaru, em Pernambuco. Lucas Paes/Divulgação

Além do arrasta-pé

Continuação da pág. C1

Eles distribuíam gratuitamente CDs em bares e festas de cidades estratégicas para o forró e disponibilizavam a gravação das apresentações para download. Os pirateiros queimavam discos e os vendiam ao público, que, sem saber, divulgava não só o repertório atualizado da banda, mas os anúncios que os vocalistas diziam no palco, o que fazia dos shows grandes espaços publicitários.

Este ciclo contava ainda com olheiros que a banda recrutava, com objetivo de caçar músicas que faziam sucesso onde eles se apresentavam para incluir no repertório.

Assim, os Aviões do Forró consolidaram um modelo de negócio incomum. Fazer dois shows no mesmo dia em cida-

des diferentes, por exemplo, era sinônimo de dor de cabeça antes de o grupo profissionalizar a logística das "dobradas", como a prática é conhecida nos bastidores da música.

As inovações garantiram uma carreira meteórica e duradoura ao grupo, mas seus integrantes se separaram em 2018. Desde então, Xand e Solange só dividiram o palco uma vez, na Farofa da Gkay.

O reencontro viralizou, e os fãs especularam que haveria uma reaproximação dos vocalistas, que brigaram na Justiça após o fim da banda. Isso, no entanto, parece improvável.

Xand, que herdou os direitos da marca, segue em carreira solo e ocupa o topo das paradas musicais. Já Solange, mais afastada da indústria da música, afirmou à reportagem

que quer desvincular sua imagem do grupo, motivo pelo qual não quis dar entrevista.

É um movimento oposto aos reencontros que encheram os palcos de nostalgia nos últimos anos, do pop, com Sandy & Junior e Rouge, ao sertanejo, com os Amigos, grupo formado por Chitãozinho & Xororó, Leonardo e Zezé Di Camargo & Luciano.

Fica, no entanto, o legado de um grupo que não só se mantém presente na memória afetiva e nos ouvidos de boa parte dos brasileiros — seja com suas canções, seja com sua musicalidade, que moldou gerações de cantores de forró —, mas também influenciou, com uma estratégia de produção inovadora, os principais astros da música contemporânea do país.

JUDITH LAUAND

ARARAQUARA, SP, 1922 – SÃO PAULO, SP, 2022



Judith Lauand pintando em seu apartamento, dic. de 2010, coleção particular. Foto: Gu Mahalem

O MASP presta homenagem à artista Judith Lauand, que faleceu na cidade de São Paulo em 9/12/2022. A artista teve papel central na arte brasileira, sobretudo no contexto do movimento concretista surgido na segunda metade do século 20. O MASP apresenta, até 2/4/2023, *Judith Lauand: desvio concreto*, a maior exposição já dedicada à obra de Lauand, que neste ano completou 100 anos de vida e mais de sete décadas de produção.

MASP
MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

MINHA ESPLANADA

Parte significativa dos brasileiros é favorável à ocupação dos ministérios do governo eleito de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) por mulheres e pessoas negras, mostra uma pesquisa encomendada pelo programa + Representatividade, do Instituto Update

DEMANDA Ao todo, 41% dos que responderam à sondagem dizem concordar ou concordar muito com a afirmação de que o petista deve nomear mulheres para metade das pastas disponíveis, mesmo que não sejam conhecidas ou tenham passagem pela política.

DEMANDA 2 E 39% dizem concordar ou concordar muito que o presidente eleito nomeie pessoas negras para ocupar metade dos ministérios, mesmo que não sejam conhecidas ou tenham passagem pela política. O levantamento foi conduzido pela empresa de opinião pública Netquest, que ouviu 2.526 pessoas entre 22 de novembro e 5 de dezembro.

PROMESSA Na semana passada, ao tornar públicos os nomes de seus primeiros ministros, Lula disse em entrevista coletiva que haveria mais mulheres e negros.

FOTOGRAFIA A declaração foi dada como uma justificativa para o fato de que os primeiros ministros são todos homens. "Vai ter outros ministros. E vocês vão ver que a gente vai colocar muita gente pra participar. Vai ter mulher, homem, negros, índios, vamos tentar montar um governo que seja a cara da sociedade brasileira, em sua total plenitude. Não se preocupem com isso", disse o petista.

ESTATUETA O presidente da Câmara Municipal de SP, Milton Leite (União Brasil), será agraciado com o prêmio Transparência e Fiscalização Pública, oferecido pela Câmara dos Deputados, na próxima quarta-feira (14). A iniciativa homenageia a criação do programa Câmara Viva, exibido aos sábados na TV Cultura. "Ele ensina o passo a passo para que o cidadão se informe e participe das audiências públicas", diz nota da Câmara.

ESTATUETA 2 Na ocasião, a honraria também será concedida ao ministro Alexandre de Moraes, por sua atuação no Supremo Tribunal Federal (STF) e como presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ao Movimento Brasil Livre (MBL), à ONG Fiquem Sabendo e à Associação Nacional das Associações de Fiscais de Tributos Estaduais.

AVISO A Câmara dos Deputados aprovou a tramitação em regime de urgência de um projeto do deputado federal José Guimarães (PT-CE), vice-presidente nacional do PT, contra discriminações de gênero, raça, orientação sexual, religião ou origem nacional. O parlamentar pede que estabelecimentos públicos e privados sejam obrigados a fixar placas que destaquem que ações do tipo são vedadas por lei.

AVISO 2 "[A medida] possui não apenas um efeito pedagógico, no sentido de fazer com que as pessoas se apropriem de seus direitos, como também um efeito dissuasório em possíveis violadores", diz Guimarães.

FALA QUE EU TE ESCUTO



Fotos Ronny Santos / Folhapress



A governadora eleita de Pernambuco, Raquel Lyra (PSDB) **II**, participou de um evento promovido pelo **MOVIMENTO** pelo Insuper voltado a parlamentares eleitos que reuniu empresários e lideranças políticas na Vila Olímpia, em São Paulo, na semana passada. O ex-juiz e senador eleito Sergio Moro (União Brasil-PR) **II** e o apresentador Luciano Huck **II** estiveram lá

APOIO Uma parceria entre a Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo vai promover a qualificação de trabalhadores que realizam abordagem social com pessoas em situação de rua. Na ocasião, serão abordados temas como drogas e dependência química. O evento ocorrerá nesta segunda (12).

METEORO A Globo construiu em seus estúdios no Rio de Janeiro três cenários — um cinema, um bar e um avião — para as gravações do Som Brasil em homenagem aos 15 anos de carreira de Luan Santana. Produzido pela equipe do Conversa com Bial, a atração será exibida no dia 26 e terá um formato mais voltado para a dramaturgia.

METEORO 2 Nas entrevistas no avião, por exemplo, Pedro Bial e o cantor vão aparecer caracterizados como pilotos. Já no bar, o jornalista será o barman, e Luan, o cliente.

NÃO MORREU No especial, Luan cantará "Can't Help Falling in Love", sucesso de Elvis Presley. "É o meu grande ídolo", diz.

MÃOS DADAS A médica e apresentadora Thelma Assis será nomeada a nova embaixadora da ONG global Plan. A organização atua em mais de 70 países em defesa da proteção dos direitos de crianças e adolescentes, em especial de meninas. Thelmunha, como é chamada, deverá usar seu alcance nas redes sociais para promover o trabalho da Plan.

MÃOS DADAS 2 "Sabemos que a luta pela igualdade é um trabalho gradativo e que está longe de acabar. Infelizmente, ainda vemos a injustiça e a falta de oportunidades sendo estampadas diariamente nos noticiários", diz a médica.



A pianista Vera Cláudia Ferrari ao lado de Regina Duarte no palco do auditorio do hotel Quebra Noz, em Campos do Jordão, no interior de SP; atriz ficou três anos sem fazer teatro *Divulgação*

Regina Duarte volta após 'namoro' com Bolsonaro

Atriz retorna aos palcos com fábulas cheias de moralismo de Monteiro Lobato, autor acusado de racismo e de quem ela é fã

Marina Consiglio

CAMPOS DO JORDÃO (SP) Foi entre as montanhas e a arquitetura europeia de Campos do Jordão, cidade no interior de São Paulo, que Regina Duarte escolheu voltar aos palcos. A chamada "Suíça brasileira" recebeu a atriz para um espetáculo após um hiato de três anos permeado por uma breve participação fracassada no governo do presidente Jair Bolsonaro, do Partido Liberal.

Em seu retorno, a atriz leu textos de Monteiro Lobato. O universo infantil do "Sítio do Picapau Amarelo" até apareceu, mas Regina deu preferência às fábulas do autor, sempre arrematadas com os mesmos valores morais que ela exaltou ao final da apresentação em conversa com o público.

Batizada de "Monteiro Lobato por Regina Duarte", a

apresentação deste sábado marcou a estreia da Série Arte 360, promovida pelo hotel de luxo Quebra Noz, a cerca de 180 quilômetros da capital paulista. Houve ainda um repeteço neste domingo.

Na noite de estreia, parecia que todo mundo se conhecia. O público aguardava o início do espetáculo espalhado pelas cadeiras e poltronas de design assinado no lobby, enquanto garçons uniformizados distribuíam taças de espumante e pedaços de pizza. Havia até uma lareira acesa, embora seja dezembro e o verão esteja prestes a chegar ao Brasil.

A apresentação começou com cerca de meia hora de atraso. Cadeiras de madeira foram enfileiradas para acomodar a plateia, formada por cerca de cem pessoas, no auditório do hotel. A pianista Vera Cláudia Ferrari recepcionou

o público com "Lua Branca", de Chiquinha Gonzaga.

Logo Regina subiu ao palco e, bem humorada, comentou sobre o nervosismo das estreias. Mas a plateia estava tranquila, mesmo com o atraso e a acomodação improvisada. No palco, a atriz comandou uma leitura dramática dos textos de Lobato.

Embora o autor seja conhecido pelo universo lúdico do "Sítio do Picapau", Regina optou por colocar todos os atores alinhados no palco com roupas pretas sisudas para fazer a leitura. Para completar o clima solene, intervenções sonoras foram feitas ao piano.

Sua trupe tinha os atores Matheus Braga, Igor Kovalsky, Luísa Levenstein e Christiane Fogaça. Gabriela Duarte, sua filha, e Manuela Goldflus, sua neta, fizeram ainda participações especiais.

Emília, Visconde de Sabugosa, Dona Benta e Pedrinho apareceram, assim como Saci e Tia Nastácia, mas o que Regina preferiu mostrar mesmo foram as fábulas do escritor, sempre pontuadas por uma lição de moral entre piscadelas e caretas dos atores.

"O Pulo do Gato", por exemplo, trazia uma conversa entre Pedrinho e Dona Benta sobre gatos e onças. No final, Pedrinho pergunta se é verdade que "os políticos espertos usam o pulo do gato". A avó responde dizendo que "os políticos maestros são os gatos da humanidade, dão toda sorte de pulos e sabem muito bem essa história de cair de pé". A plateia irrompeu em gargalhadas.

Ao final da apresentação, houve ainda um bate-papo. Regina contou que a proposta para a peça surgiu após uma visita ao Quebra Noz no final

de outubro, quando sua filha participou do Festival de Primavera de Campos do Jordão.

"Perguntaram se eu tinha alguma coisa preparada para trazer, porque estavam inaugurando essa sala cultural, e fiquei muito interessada", disse. Ela queria trazer "O Urso", de Anton Tchekhov, mas acabou esbarrando em Lobato, um autor da região que completaria 140 anos em 2022.

"Estava tão apaixonada pelos textos dele que decidi que faria neste ano mesmo", diz, explicando o clima de improviso. "Vocês se sentiram como se estivessem em um teatro — e não em um auditório de palestras?", perguntou ao público, que riu e respondeu com um enfático "não".

Durante o bate-papo, Regina ainda elogiou Lobato, dizendo que "ele valoriza a família", e reclamou que "ten-

taram censurá-lo". O escritor teve obras reeditadas para suprimir os trechos racistas. O governo de Jair Bolsonaro criticou a atitude, encabeçada pela bisneta do autor.

A reportagem, a atriz definiu a volta aos palcos como "uma festa". Seu plano é levar a peça para outros lugares. "Monteiro Lobato precisa ser revisitado. Ele tem um valor que foi muito menosprezado por puro preconceito."

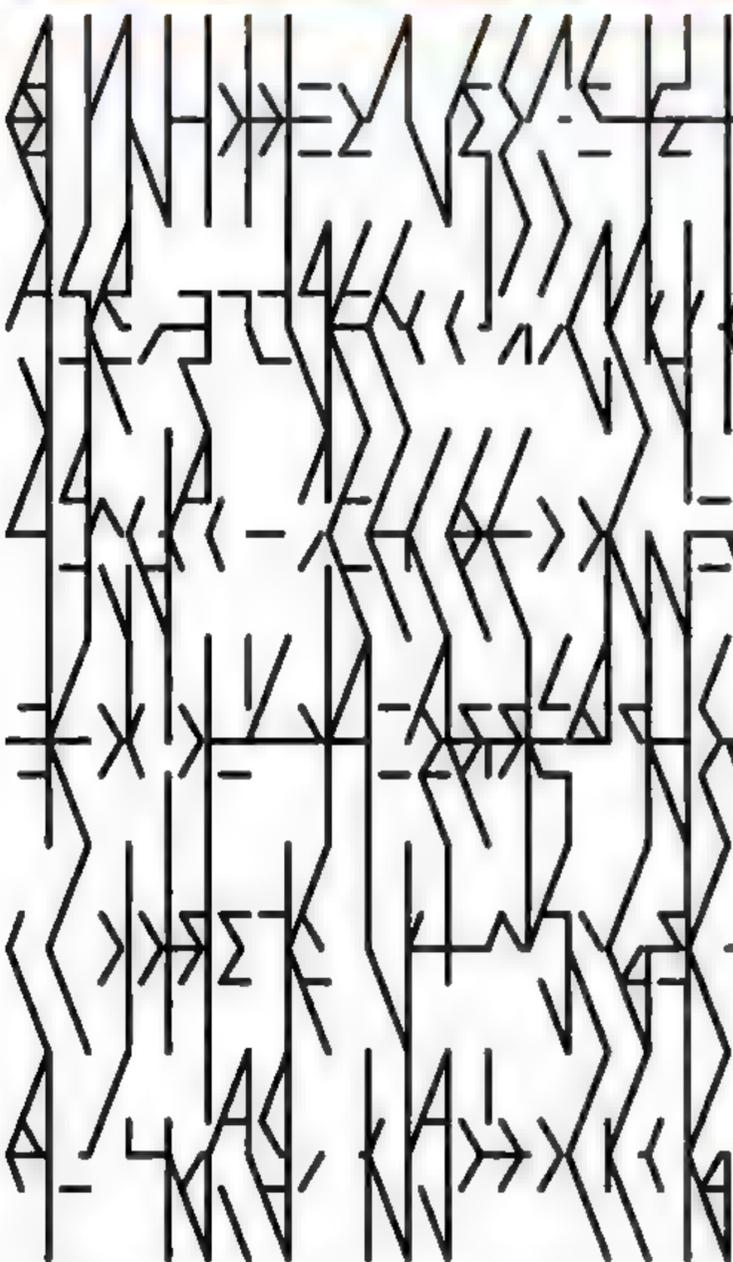
O retorno aos palcos acontece após um período de aproximação da atriz com Bolsonaro e seu rompimento com a Globo. Ela encerrou o contrato de 50 anos com a emissora para assumir a Secretaria Especial de Cultura, onde ficou por menos de três meses, após um intenso processo de irritura e sob a promessa de que chefiaria a Cinemateca Brasileira, o que não ocorreu.



JÃO ENCERRA A TURNÊ 'PIRATA' EM SÃO PAULO

Uma das maiores revelações da música neste ano, o cantor, que faz sucesso com um pop 'sofrendência' e diz se inspirar em Cazuza, reuniu 50 mil pessoas no vale do Anhangabaú, no centro da capital paulista, no fim da tarde deste domingo; a apresentação, gratuita, arrematou sua turnê, que reuniu 250 mil fãs pelo país com um faturamento de R\$ 30 milhões *Bruno Santos/Folhapress*

ilustrada



ENTRE QUATRO

André Parente e Pedro Varela
Galeria Jaqueline Martins e Di Cesario Mota Junior, 443, Vila Buarque, São Paulo. Ter. a sex., das 10h às 19h; sáb., das 12h às 17h. Até 21.fev.2023. Livre. Grátis

Heitor Ramalho
Aruê 397 - r. Cruzeiro, 802, Barra Funda, São Paulo. Qui., das 11h às 18h; sex e sáb., das 15h às 19h. Até sáb (17). Livre. Grátis

Manoela Medeiros
Galeria Nara Roesler - av. Jardim Europa, 655, São Paulo. Seg. a sáb., das 10h às 18h. Até 21.jan.2023. Livre. Grátis



No topo, criação de Heitor Ramalho; acima, à esq., desenhos de obras de André Parente e Pedro Varela e, à dir., trabalho de Manoela Medeiros que está na galeria Nara Roesler. Fotos: Divulgação

Artistas levam caos imobiliário e ruínas a galerias

Heitor Ramalho, Manoela Medeiros, André Parente e Pedro Varela dão novos sentidos aos materiais de construção

Gustavo Zeltel

SÃO PAULO Enquanto terminava a faculdade, Heitor Ramalho, de 22 anos, descolou um emprego. Seria fotógrafo de uma corretora de imóveis online, as que anunciam apartamentos parecidos com cativeiros — nenhuma mobília, iluminação precária, sujeira para todo lado, banheiros velhos e paredes descascadas.

Naquele instante, ele já atinava para a gentrificação em São Caetano do Sul, cidade onde nasceu, no ABC paulista. O fenômeno ocorre a partir da transformação da paisagem urbana, que valoriza os imóveis e expulsa as famílias de baixa renda de um determinado bairro. Também percebeu que as imagens, armazenadas no celular usado pa-

ra o seu trabalho, teriam um grande potencial artístico.

Nasceu desta forma a obra "39 Cômodos", que integra a mostra "Futuro Lançamento", agora na galeria Ateliê 397.

São 39 fotos de apartamentos vazios que expõem a homogeneização imobiliária diante das infinitas possibilidades de decoração, de acordo com o gosto do locatário.

É, em última instância, a padronização da vida na cidade, afinal, a conquista de um lar é moldada a partir da personalidade do proprietário — e vice-versa, em um relacionamento que é determinista.

Com a série, o artista instiga a ironia entre os preços exorbitantes e a precariedade dos imóveis anunciados nas imobiliárias virtuais. Certo cinismo está presente nas demais

obras que estão em exposição.

Logo na entrada da galeria, o espectador se depara com "Anúncio". Um cavalete onde se estamparia alguma propaganda do tipo "compro ouro" ou "realize o sonho da casa própria" é preenchida pela imagem de um céu azul com nuvens branquíssimas.

Mais uma vez, Ramalho faz uma crítica à artificialidade vista na vida na cidade ao empregar ali uma foto retirada de um banco de imagens. O céu, ou a paisagem como um todo, se converteria em produto, estando também à venda.

As construções, no entanto, se desintegram na malha urbana, tanto para destruir o espaço anterior quanto para erguer uma arranha-céu que seja todo moderno.

A instalação "Montantes" é a

resposta ao paradoxo destruição versus construção. O artista empilha britas, emulando um canteiro de obras. No topo de cada montinho, pinta as pedras com um spray dourado, atribuindo um sentido de valor econômico à obra.

Na mostra "O Carnaval da Substância", na galeria Nara Roesler, a artista Manoela Medeiros também encontra a arte nas ruínas. O sentido da desconstrução é, porém, mais vivaz, como o próprio nome da mostra sugere. Não há uma crítica aberta ou uma interpelação no debate urbano, mas o resgate dos materiais arquitetônicos para representar o todo — o lar.

Nas esculturas da série "Still Life", por exemplo, existe uma dimensão intimista e lúdica. As cores desbotadas remetem

à intimidade familiar, ao mesmo tempo que as formas dos materiais se tornam brinquedos, respeitando a disposição que é proposta pela artista.

Uma das esculturas tem dois retângulos de concreto pigmentado sustentando alguns tijolinhos. Medeiros ressalta, desta maneira, os componentes que erguem as nossas casas e, em silêncio, dão um formato à vida cotidiana.

Na segunda sala, o espectador se depara com telas escavadas, emulando paredes descascadas pelo tempo. Nesse processo de arruinamento, as mesmas cores claras voltam a aparecer num deslumbramento de supostas aparências antigas das telas.

De modo mais sintético e conceitual, os artistas André Parente e Pedro Varela cri-

am novas possibilidades para o fragmentário, com barras de madeira que são tombadas sobre o chão, em formas ortogonais e diagonais.

A exposição "Duas Águas", na galeria Jaqueline Martins, na Vila Buarque, um bairro de São Paulo, propõe um diálogo entre as esculturas e a própria arquitetura do prédio em que as peças estão montadas.

O encontro de algumas das toras constituem a letra "A", indicando como o material que constitui a galeria pode ganhar outros sentidos.

Em "Duas Águas", o que é mais importante é a ideia de decomposição. Uma das barras se liga diretamente ao teto da galeria e logo encontra outros pares formando a peça escultórica — é o valor da parte diante do todo.

Superfantástico crush

E se Álvares de Azevedo, em vez de poeta romântico, tivesse sido menudo?

Bia Braune

Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Amanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

Tinha para mim que era uma pauta necessária. E que, dentro dos preceitos do jornalismo, eu poderia tocá-la com dignidade, fazendo jus ao meu diploma e a este espaço que ocupo na grande imprensa. Assim, passei a mão no WhatsApp e chamei o Tob do Balão Mágico para tomar um café.

"Ah, é? E você pretende apurar o que com ele? De que planeta veio o Fofão? A lenda urbana da prima da Simony sufocada por uma bala Soft?"

Pronto, adeus Prêmio Pulitzer. Existem mil motivos para uma pessoa adulta querer conhecer seu ídolo de infância. Ele ter sido membro do grupo pirralho que foi uma febre nos anos 1980, por exemplo.

Astro de comercial do Cubo Mágico. Garoto-propaganda do Biotônico Fontoura. Ou crush absoluto de uma menininha que, platônica e catatônica, assistia a clipes e especiais diante de uma TV de tubo. Não que essa menininha te-

nha sido eu, imagina. O objetivo daquele encontro seria meramente factual. Profissional. Saber por onde andava Vimeron, seu nome de verdade. Hoje artista plástico e...

"Aretha também vai?". Não, Aretha não era do Balão Mágico, mas estrela dos musicais infantis da Globo. "Ah, tá. Então por que você não chama pelo menos um ex-paquito?"

Desde que anunciei o propósito daquele café, uma comissão formada por inconvenientes e superfantásticos amigos resolveu ir junto.

Advogadas, médicas, designers, libados cidadãos à beira da meia idade e da titeagem, dando palpites sobre o que começou a ganhar proporções de um atacadão de ícones mirins.

"A guria do comercial de Tang não pode faltar". "Nem Pat Beijo, porque Mara era muito mainstream". "O elenco de 'Fantasia', incluindo Carla Perez". "Tiazinha".

"A guria do comercial de Tang não pode faltar". "Nem Pat Beijo, porque Mara era muito mainstream". "O elenco de 'Fantasia', incluindo Carla Perez". "Tiazinha".

Peraí, qual a classificação etária da infância de vocês? "Pode Nivea Maria em 'A Moreninha'? Você não especificou a época". "O B do KLB". "Christiane Pelajo na GloboNews". "A punta da Angélica".

Eu só tinha Tob à mão. E na minha lista de paixonetes reserva, apenas o Ray do Menu-do e o poeta Álvares de Azevedo, já na adolescência. Um feat, aliás, perfeito. Refrões como "não se reprima" caem fei-to uma luva a românticos tislcos que cospem versos de amor.

No grande dia, recebi um teste positivo para Covid. Melou o encontro, errr, documental. "O coronavírus não sabe brincar", disseram. "Nem curte Balão Mágico". Pois é. "Isso teria acontecido se o café fosse com Juninho Bill do Trem da Alegria?". Jamais saberemos.



DOM: Ricardo Araújo Pereira | SEG: Bia Braune | TER: Manuela Cantuária | QUA: Gregorio Duvivier | QUA: Flávia Boggio | SEX: Renato Terra | SÁB: José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Flordelis ganha mais uma série documental no sob demanda

Flordelis - Em Nome da Mãe
HBO Max e Discovery+, 12 anos
Assunto de uma docussérie recém-lançada pelo Globoplay, os crimes da ex-deputada Flordelis dos Santos de Souza também são abordados por esta produção dirigida por Suemay Oram. A pastora é mostrada em momentos de intimidade, antes de seu julgamento e condenação. Também há depoimentos de parentes, amigos, policiais e testemunhas. O Warner Channel exibe o primeiro dos quatro episódios às 23h. O Space faz o mesmo na terça (13), também às 23h, e o TNT Séries no sábado (17), às 22h.

Cabeça Quenta
Netflix, 14 anos
Nesta série turca, o mundo é assolado por uma pandemia de loucura propagada pela fala. A única pessoa imune é um linguista, que é perseguido.

Febra do Ouro: Corredoras do Alasca
Discovery, 20h30, e Discovery+, 10 anos
Estreia da quinta temporada do reality documental que segue um grupo de garimpeiros nos rios do mais gelido e selvagem estado americano.

Roda Viva
Cultura, 22h, livro
Primeira artista transgênero a ganhar um Grammy Latino, pelo álbum "Índigo Borboleta Anil", a cantora, compositora e atriz paulista Liniker é a entrevistada desta semana.

Alerta de Emergência
Telecinê Premium, 22h, 16 anos
A polícia descobre que há um terrorista a bordo de um avião rumo ao Havaí e monta uma força-tarefa para forçar o pouso da aeronave. O ator Song Kang ho, de "Parasita", estrela este thriller sul-coreano que é inédito no Brasil.

Aquaman
Globo, 22h25, 12 anos
Jason Momoa, das séries "See" e "Game of Thrones", encarna o herdeiro do trono do reino de Atlântida, e Nicole Kidman faz sua mãe, a rainha Atlanna.

Reforma Surpresa Especial de Natal
Lifetime, 22h40, livro
O designer de interiores Henrique Freneda recebe Amanda Françoze, Ana Paula Tabaliba, Ellen Rocche e Sônia Lima nos quatro episódios do programa com dicas de decoração natalina, exibidos ao longo da programação do canal.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê **Laerte**



Dalquiri **Caco Galhardo**



Níquel Náusea **Fernando Gonsales**



A Vida Como Ela Yeah **Adão Iturrusgarai**



Não Há Nada Acontecendo **André Dahmer**



Viver Dói **Fabiane Langona**



Péssimas Influências **Estela May**



SUDOKU

texto.art.br/hsp

FÁCIL

	1			8	7	3			
					8				
8	9		3		2	5			
	2	8	9		7				
		5		7	4	3			
	4	3		1		5			6
		1							
5	7		3						9

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid.

OLYMPIOS

OLYMPIOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	2	3	4	5	6	7	8	9	
2	3	4	5	6	7	8	9		
3	4	5	6	7	8	9			
4	5	6	7	8	9				
5	6	7	8	9					
6	7	8	9						
7	8	9							
8	9								
9									

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Uma parte da panela / Sistema Brasileiro de Televisão 2. A atriz Pera (1943-2015) 3. Aparelho com que se dirigem embarcações ou aviões / Objeto resultante do trabalho de um artista 4. O fruto com o qual se prepara o caribé 5. (Quim.) O cálcio / Que não tem fim 6. As peças que reforçam a roda da bicicleta 7. Prefixo: falta, privação / Um equipamento revelador de obstáculos 8. Que não é permitido / O símbolo químico do astatino, elemento radiativo 9. Mineral usado como pedra preciosa de algum valor 10. Áspera como o vinagre / Glauber Rocha, cineasta de "Terra em Transe" 11. Alçar, suspender 12. A atriz Holtz de "Eu, a Vó e a Boi" / Porção de líquido que se toma de uma vez 13. (Quim.) Césio / Traje para a noite.

VERTICAIS

1. Fechado com determinada mistura de substância resinosa, inviolável / (Sigla) Acidente Vascular Cerebral 2. Um parasito intestinal / Relativo ao país encravado no Himalaia, entre a Índia e a China 3. Órgão capaz de secretar leite / Competar anos 4. Reza / Perdoar, desculpar 5. Interjeição que expressa pesar / Que chegou depois da hora (fem.) 6. Dividido (um terreno) em pequenas áreas, geralmente para construção / Papa espessa de fubá cozido 7. A região mais fria da Rússia; ocupa quase 60% de seu território / Posição mais alta 8. Lugar com bancão e bancos altos, de onde se servem bebidas / Uma parenta que só o casamento concede / Homem belo, elegante, que namora muito 9. Em seguida a / Que fica ao nível do chão.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									

HORIZONTAIS: 1. Tampa; 2. Marília; 3. Leme; 4. Aba; 5. Pera; 6. Top; 7. Bar; 8. Bar; 9. Após; 10. Opala; 11. Cezar; 12. Alvarado; 13. Rato; 14. Rato; 15. Rato; 16. Rato; 17. Rato; 18. Rato; 19. Rato; 20. Rato; 21. Rato; 22. Rato; 23. Rato; 24. Rato; 25. Rato; 26. Rato; 27. Rato; 28. Rato; 29. Rato; 30. Rato; 31. Rato; 32. Rato; 33. Rato; 34. Rato; 35. Rato; 36. Rato; 37. Rato; 38. Rato; 39. Rato; 40. Rato; 41. Rato; 42. Rato; 43. Rato; 44. Rato; 45. Rato; 46. Rato; 47. Rato; 48. Rato; 49. Rato; 50. Rato; 51. Rato; 52. Rato; 53. Rato; 54. Rato; 55. Rato; 56. Rato; 57. Rato; 58. Rato; 59. Rato; 60. Rato; 61. Rato; 62. Rato; 63. Rato; 64. Rato; 65. Rato; 66. Rato; 67. Rato; 68. Rato; 69. Rato; 70. Rato; 71. Rato; 72. Rato; 73. Rato; 74. Rato; 75. Rato; 76. Rato; 77. Rato; 78. Rato; 79. Rato; 80. Rato; 81. Rato; 82. Rato; 83. Rato; 84. Rato; 85. Rato; 86. Rato; 87. Rato; 88. Rato; 89. Rato; 90. Rato; 91. Rato; 92. Rato; 93. Rato; 94. Rato; 95. Rato; 96. Rato; 97. Rato; 98. Rato; 99. Rato; 100. Rato; 101. Rato; 102. Rato; 103. Rato; 104. Rato; 105. Rato; 106. Rato; 107. Rato; 108. Rato; 109. Rato; 110. Rato; 111. Rato; 112. Rato; 113. Rato; 114. Rato; 115. Rato; 116. Rato; 117. Rato; 118. Rato; 119. Rato; 120. Rato; 121. Rato; 122. Rato; 123. Rato; 124. Rato; 125. Rato; 126. Rato; 127. Rato; 128. Rato; 129. Rato; 130. Rato; 131. Rato; 132. Rato; 133. Rato; 134. Rato; 135. Rato; 136. Rato; 137. Rato; 138. Rato; 139. Rato; 140. Rato; 141. Rato; 142. Rato; 143. Rato; 144. Rato; 145. Rato; 146. Rato; 147. Rato; 148. Rato; 149. Rato; 150. Rato; 151. Rato; 152. Rato; 153. Rato; 154. Rato; 155. Rato; 156. Rato; 157. Rato; 158. Rato; 159. Rato; 160. Rato; 161. Rato; 162. Rato; 163. Rato; 164. Rato; 165. Rato; 166. Rato; 167. Rato; 168. Rato; 169. Rato; 170. Rato; 171. Rato; 172. Rato; 173. Rato; 174. Rato; 175. Rato; 176. Rato; 177. Rato; 178. Rato; 179. Rato; 180. Rato; 181. Rato; 182. Rato; 183. Rato; 184. Rato; 185. Rato; 186. Rato; 187. Rato; 188. Rato; 189. Rato; 190. Rato; 191. Rato; 192. Rato; 193. Rato; 194. Rato; 195. Rato; 196. Rato; 197. Rato; 198. Rato; 199. Rato; 200. Rato; 201. Rato; 202. Rato; 203. Rato; 204. Rato; 205. Rato; 206. Rato; 207. Rato; 208. Rato; 209. Rato; 210. Rato; 211. Rato; 212. Rato; 213. Rato; 214. Rato; 215. Rato; 216. Rato; 217. Rato; 218. Rato; 219. Rato; 220. Rato; 221. Rato; 222. Rato; 223. Rato; 224. Rato; 225. Rato; 226. Rato; 227. Rato; 228. Rato; 229. Rato; 230. Rato; 231. Rato; 232. Rato; 233. Rato; 234. Rato; 235. Rato; 236. Rato; 237. Rato; 238. Rato; 239. Rato; 240. Rato; 241. Rato; 242. Rato; 243. Rato; 244. Rato; 245. Rato; 246. Rato; 247. Rato; 248. Rato; 249. Rato; 250. Rato; 251. Rato; 252. Rato; 253. Rato; 254. Rato; 255. Rato; 256. Rato; 257. Rato; 258. Rato; 259. Rato; 260. Rato; 261. Rato; 262. Rato; 263. Rato; 264. Rato; 265. Rato; 266. Rato; 267. Rato; 268. Rato; 269. Rato; 270. Rato; 271. Rato; 272. Rato; 273. Rato; 274. Rato; 275. Rato; 276. Rato; 277. Rato; 278. Rato; 279. Rato; 280. Rato; 281. Rato; 282. Rato; 283. Rato; 284. Rato; 285. Rato; 286. Rato; 287. Rato; 288. Rato; 289. Rato; 290. Rato; 291. Rato; 292. Rato; 293. Rato; 294. Rato; 295. Rato; 296. Rato; 297. Rato; 298. Rato; 299. Rato; 300. Rato; 301. Rato; 302. Rato; 303. Rato; 304. Rato; 305. Rato; 306. Rato; 307. Rato; 308. Rato; 309. Rato; 310. Rato; 311. Rato; 312. Rato; 313. Rato; 314. Rato; 315. Rato; 316. Rato; 317. Rato; 318. Rato; 319. Rato; 320. Rato; 321. Rato; 322. Rato; 323. Rato; 324. Rato; 325. Rato; 326. Rato; 327. Rato; 328. Rato; 329. Rato; 330. Rato; 331. Rato; 332. Rato; 333. Rato; 334. Rato; 335. Rato; 336. Rato; 337. Rato; 338. Rato; 339. Rato; 340. Rato; 341. Rato; 342. Rato; 343. Rato; 344. Rato; 345. Rato; 346. Rato; 347. Rato; 348. Rato; 349. Rato; 350. Rato; 351. Rato; 352. Rato; 353. Rato; 354. Rato; 355. Rato; 356. Rato; 357. Rato; 358. Rato; 359. Rato; 360. Rato; 361. Rato; 362. Rato; 363. Rato; 364. Rato; 365. Rato; 366. Rato; 367. Rato; 368. Rato; 369. Rato; 370. Rato; 371. Rato; 372. Rato; 373. Rato; 374. Rato; 375. Rato; 376. Rato; 377. Rato; 378. Rato; 379. Rato; 380. Rato; 381. Rato; 382. Rato; 383. Rato; 384. Rato; 385. Rato; 386. Rato; 387. Rato; 388. Rato; 389. Rato; 390. Rato; 391. Rato; 392. Rato; 393. Rato; 394. Rato; 395. Rato; 396. Rato; 397. Rato; 398. Rato; 399. Rato; 400. Rato; 401. Rato; 402. Rato; 403. Rato; 404. Rato; 405. Rato; 406. Rato; 407. Rato; 408. Rato; 409. Rato; 410. Rato; 411. Rato; 412. Rato; 413. Rato; 414. Rato; 415. Rato; 416. Rato; 417. Rato; 418. Rato; 419. Rato; 420. Rato; 421. Rato; 422. Rato; 423. Rato; 424. Rato; 425. Rato; 426. Rato; 427. Rato; 428. Rato; 429. Rato; 430. Rato; 431. Rato; 432. Rato; 433. Rato; 434. Rato; 435. Rato; 436. Rato; 437. Rato; 438. Rato; 439. Rato; 440. Rato; 441. Rato; 442. Rato; 443. Rato; 444. Rato; 445. Rato; 446. Rato; 447. Rato; 448. Rato; 449. Rato; 450. Rato; 451. Rato; 452. Rato; 453. Rato; 454. Rato; 455. Rato; 456. Rato; 457. Rato; 458. Rato; 459. Rato; 460. Rato; 461. Rato; 462. Rato; 463. Rato; 464. Rato; 465. Rato; 466. Rato; 467. Rato; 468. Rato; 469. Rato; 470. Rato; 471. Rato; 472. Rato; 473. Rato; 474. Rato; 475. Rato; 476. Rato; 477. Rato; 478. Rato; 479. Rato; 480. Rato; 481. Rato; 482. Rato; 483. Rato; 484. Rato; 485. Rato; 486. Rato; 487. Rato; 488. Rato; 489. Rato; 490. Rato; 491. Rato; 492. Rato; 493. Rato; 494. Rato; 495. Rato; 496. Rato; 497. Rato; 498. Rato; 499. Rato; 500. Rato; 501. Rato; 502. Rato; 503. Rato; 504. Rato; 505. Rato; 506. Rato; 507. Rato; 508. Rato; 509. Rato; 510. Rato; 511. Rato; 512. Rato; 513. Rato; 514. Rato; 515. Rato; 516. Rato; 517. Rato; 518. Rato; 519. Rato; 520. Rato; 521. Rato; 522. Rato; 523. Rato; 524. Rato; 525. Rato; 526. Rato; 527. Rato; 528. Rato; 529. Rato; 530. Rato; 531. Rato; 532. Rato; 533. Rato; 534. Rato; 535. Rato; 536. Rato; 537. Rato; 538. Rato; 539. Rato; 540. Rato; 541. Rato; 542. Rato; 543. Rato; 544. Rato; 545. Rato; 546. Rato; 547. Rato; 548. Rato; 549. Rato; 550. Rato; 551. Rato; 552. Rato; 553. Rato; 554. Rato; 555. Rato; 556. Rato; 557. Rato; 558. Rato; 559. Rato; 560. Rato; 561. Rato; 562. Rato; 563. Rato; 564. Rato; 565. Rato; 566. Rato; 567. Rato; 568. Rato; 569. Rato; 570. Rato; 571. Rato; 572. Rato; 573. Rato; 574. Rato; 575. Rato; 576. Rato; 577. Rato; 578. Rato; 579. Rato; 580. Rato; 581. Rato; 582. Rato; 583. Rato; 584. Rato; 585. Rato; 586. Rato; 587. Rato; 588. Rato; 589. Rato; 590. Rato; 591. Rato; 592. Rato; 593. Rato; 594. Rato; 595. Rato; 596. Rato; 597. Rato; 598. Rato; 599. Rato; 600. Rato; 601. Rato; 602. Rato; 603. Rato; 604. Rato; 605. Rato; 606. Rato; 607. Rato; 608. Rato; 609. Rato; 610. Rato; 611. Rato; 612. Rato; 613. Rato; 614. Rato; 615. Rato; 616. Rato; 617. Rato; 618. Rato; 619. Rato; 620. Rato; 621. Rato; 622. Rato; 623. Rato; 624. Rato; 625. Rato; 626. Rato; 627. Rato; 628. Rato; 629. Rato; 630. Rato; 631. Rato; 632. Rato; 633. Rato; 634. Rato; 635. Rato; 636. Rato; 637. Rato; 638. Rato; 639. Rato; 640. Rato; 641. Rato; 642. Rato; 643. Rato; 644. Rato; 645. Rato; 646. Rato; 647. Rato; 648. Rato; 649. Rato; 650. Rato; 651. Rato; 652. Rato; 653. Rato; 654. Rato; 655. Rato; 656. Rato; 657. Rato; 658. Rato; 659. Rato; 660. Rato; 661. Rato; 662. Rato; 663. Rato; 664. Rato; 665. Rato; 666. Rato; 667. Rato; 668. Rato; 669. Rato; 670. Rato; 671. Rato; 672. Rato; 673. Rato; 674. Rato; 675. Rato; 676. Rato; 677. Rato; 678. Rato; 679. Rato; 680. Rato; 681. Rato; 682. Rato; 683. Rato; 684. Rato; 685. Rato; 686. Rato; 687. Rato; 688. Rato; 689. Rato; 690. Rato; 691. Rato; 692. Rato; 693. Rato; 694. Rato; 695. Rato; 696. Rato; 697. Rato; 698. Rato; 699. Rato; 700. Rato; 701. Rato; 702. Rato; 703. Rato; 704. Rato; 705. Rato; 706. Rato; 707. Rato; 708. Rato; 709. Rato; 710. Rato; 711. Rato; 712. Rato; 713. Rato; 714. Rato; 715. Rato; 716. Rato; 717. Rato; 718. Rato; 719. Rato; 720. Rato; 721. Rato; 722. Rato; 723. Rato; 724. Rato; 725. Rato; 726. Rato; 727. Rato; 728. Rato; 729. Rato; 730. Rato; 731. Rato; 732. Rato; 733. Rato; 734. Rato; 735. Rato; 736. Rato; 737. Rato; 738. Rato; 739. Rato; 740. Rato; 741. Rato; 742. Rato; 743. Rato; 744. Rato; 745. Rato; 746. Rato; 747. Rato; 748. Rato; 749. Rato; 750. Rato; 751. Rato; 752. Rato; 753. Rato; 754. Rato; 755. Rato; 756. Rato; 757. Rato; 758. Rato; 759. Rato; 760. Rato; 761. Rato; 762. Rato; 763. Rato; 764. Rato; 765. Rato; 766. Rato; 767. Rato; 768. Rato; 769. Rato; 770. Rato; 771. Rato; 772. Rato; 773. Rato; 774. Rato; 775. Rato; 776. Rato; 777. Rato; 778. Rato; 779. Rato; 780. Rato; 781. Rato; 782. Rato; 783. Rato; 784. Rato; 785. Rato; 786. Rato; 787. Rato; 788. Rato

ilustrada



Ricardo Cammarota

Por que existe o mal?

Esta reflexão é um xeque-mate no cristianismo

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em Filosofia pela USP

Por que o mal existe? Essa pergunta abre espaço para muitas respostas, muitas delas contraditórias. Podemos, de cara, dizer que é uma daquelas perguntas que revelam o mal-estar da metafísica, como dizia Fernando Pessoa, porque, a rigor não existe o "mal", mas apenas fenômenos que agradam a uns e desagradam a ou-

tros, ou mesmo que desagradam a todos. Esses, como vulcões, epidemias, maremotos e terremotos, são males naturais, logo não são mal nenhum. A natureza nem o universo são morais. Ambos não visam causar mal a ninguém. Daí dizermos que a natureza e o universo são cegos moralmente. Em filosofia dizemos: a

natureza nem o universo tem qualquer intenção de causar mal a ninguém. Outra forma de responder a esta questão é dizer que não existe mal nenhum a não ser "shit happens", ou coisas ruins acontecem, porque as coisas do mundo estão submetidas à contingência —sorte ou azar. Muitas vezes ações

humanas não intencionais causam mal aos outros, como erros técnicos, de gestão, ignorância, irresponsabilidade, enfim, a cadeia de causas possíveis para eventos indesejáveis —eventos maus— é infinita, e não temos tempo para o infinito aqui. Entretanto, pouco importa como respondamos ne-

gativamente à existência do mal, continuamos a sofrer-lo de maneira irrevogável. Alguns separam o mal natural —que não é mal em si— do mal moral —causado pelos homens. Este seria, para muitos, o espaço possível de nossa ação contra o mal. O outro, o natural, enfrentamos com a boa técnica, a boa ciência, a boa gestão e a boa política —a mais rara das quatro. Passamos a vida a enfrentar males diversos, dos morais aos naturais, e acabamos por perder a batalha para o mal natural mais temível de todos, que é a morte. O problema seria, portanto, postular a existência de um "mal em si", entidade metafísica ou intencional, que visaria causar sofrimento, destruição, injustiças e similares ao homem e a todas as criaturas que povoam o universo. A pura e simples indiferença do universo e da natureza para com o nosso sofrimento já é vivida como um mal para nós, como dizia o escritor Albert Camus. As religiões em geral fazem do mal um princípio metafísico. Demônios, espíritos sem luz, "más energias". O espiritismo, a mais tosca das religiões, entende o mal como algo a ser resolvido a prestação, como boletos pagos em cada encarnação. O cristianismo tem um problema mais grave do que as demais religiões para responder à questão "por que o mal existe?". Você sabe por quê? Porque o cristianismo inventou que Deus é amor, que Deus é bom e todo poderoso, e aí ferrou tudo. Foi obrigado a criar um princípio outro —Satanás—, meio incontrolável,

que fica detonado tudo por aí. O problema persiste porque daí a questão muda para "por que Deus, que é amor, bom e todo poderoso, deixa o demônio bordar?" Ninguém sabe responder a esta pergunta de forma satisfatória. Muitos teólogos cristãos e pessoas comuns dizem a causa do mal é o livre arbítrio. Deus nos criou livres e escolhemos mal. Infelizmente —mesmo com toda a simpatia que nutro por grande parte da teologia, que é uma forma de filosofia religiosa bastante sofisticada em muitos casos—, devo dizer que essa resposta não fica de pé. Como diz o jovem filósofo nítida Ivan Karamazov, personagem dos "Irmãos Karamazov" de Dostojévski, não há resposta que perdoe a Deus pelo sofrimento de uma criança inocente. Se ele existe, ele é cruel ou um fraco. Espíritos, com sua lógica positivista de bolso, dirão que a criança escolheu sofrer antes de encarnar para pagar algum boleto moral de encarnações passadas. Enfim, o argumento a partir do mal, como se diz em filosofia, é um xeque-mate no cristianismo. Deixa-o de joelhos. Ateus praticantes gozam com este argumento. Inteligentinhos respondem que o mal é relativo. Não fosse eles a nos dizer, nunca imaginariamos tal sofisticado diagnóstico. Muito obrigado! Quando abrimos a porta do relativismo para uma reflexão como esta sobre o mal, convidamos o nihilismo para jantar. E deste, todos tem medo. Até mesmo os ateus Toddynhos e os relativistas.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamilia Ribeiro | SÁB. Mano Sérgio Conti

teatro

Elogio da Loucura
Até 17/12, Quinta a sábado, 21h30.

Gesto
Até 15/12, Quarta e quinta, 20h. Consolação

O que nos mantém vivos?
Até 17/12, Quinta a sábado, 20h. Consolação

Desfazenda - Me Enterrem Fora Desse Lugar
Até 15/12, Quinta a sábado, 20h. Domingo, 18h. Avenida Paulista

dança

Devotees
Até 16/12, Sábado, 20h. Bom Retiro

AMAZONIAS
Até 12/02/2023, Sábado, 19h. Domingo, 18h. Sesc Pinheiros

UMA LEITURA DOS BUZIOS
Até 12/02/2023, Quinta e sábado, 21h. Vila Mariana

Cinco Copas e Milhões em Ação
Até 12/12, Segunda, 18h. Florência de Abreu

Flávio de Carvalho Experimental
Até 29/1/23, Terça a sexta, 10h a 21h. Pompeia

30ª Mostra de Arte da Juventude - Itinerância
Até 30/3/23, Terça a sexta, 10h a 21h. Sábado, 10h a 20h. Domingo, 10h a 18h. Consolação

Tui Show (Taji em duplas)
Até 15/12, Terça e Quinta, 19h. Avenida Paulista

Simone Souza e Robertinho Silva
Até 12/12, Segunda, 20h. Carmo

Navidad Nuestra
Até 12/12, Segunda, 13h. Carmo

Que Ronda que Meslancha?
Até 13/12, Terça, 19h. Consolação

Ari Berger Trío
Até 15/12, Quinta, 20h. Mogi das Cruzes

Ary Barroso-Heja - Além da Aquarela
Até 16/12, Sábado, 24 de Maio

André Nehmari & Rafael Casário
Até 16/12, Sábado, 20h. Pinheiros

RAPadura XC
Até 15/12, Sábado, 20h. Guarulhos

Sempre um Papo
Até 14/12, Quarta, 19h30. Vila Mariana

Ouvindo Oswald
Até 15/12, Quinta, 21h. Ipiranga

23ª Retrospectiva da Cinema Brasileiro
Até 11/1/23, Segunda a domingo. CineSesc

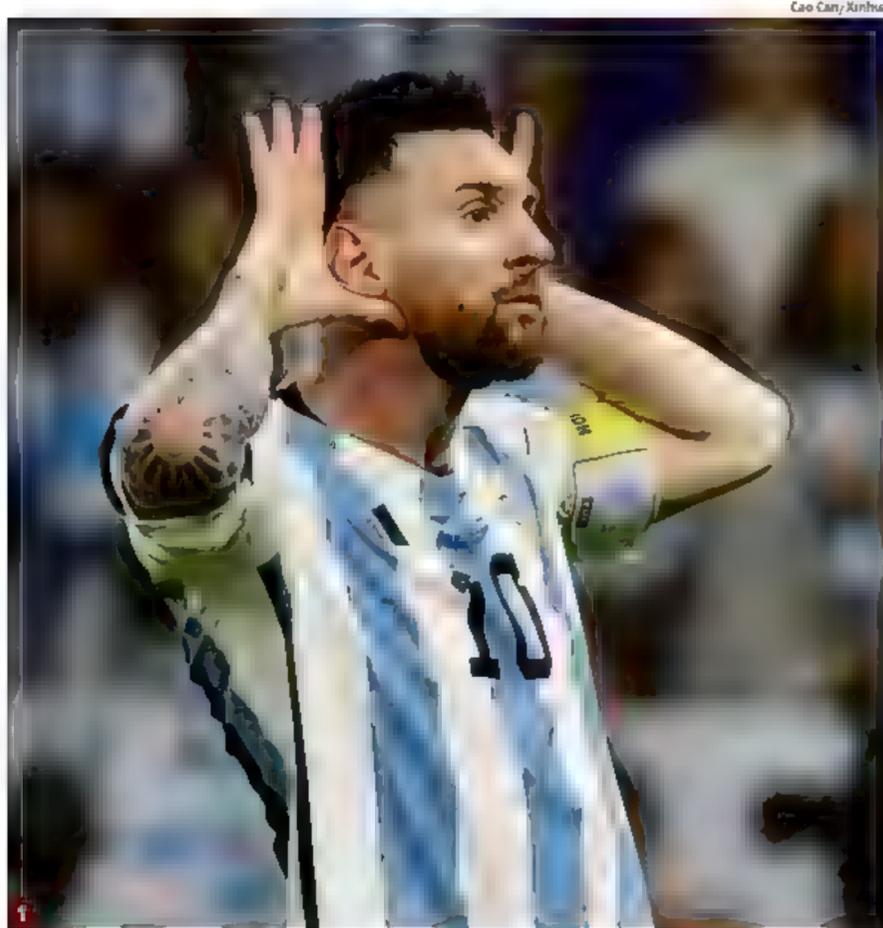
A Hora da Estrela (35 mm)
Até 12/12, Segunda, 20h30.

Casa de Antiguidades
Até 13/12, Terça, 19h.

Bob Cupe - Nós Não Gostamos de Gente
Até 14/12, Quarta, 20h30.

Reportagens, entrevistas e artigos inéditos, sempre trazendo uma reflexão sobre o mundo atual a partir da ação cultural do Sesc São Paulo. A edição de dezembro está disponível em unidades e em sescsp.org.br/revista

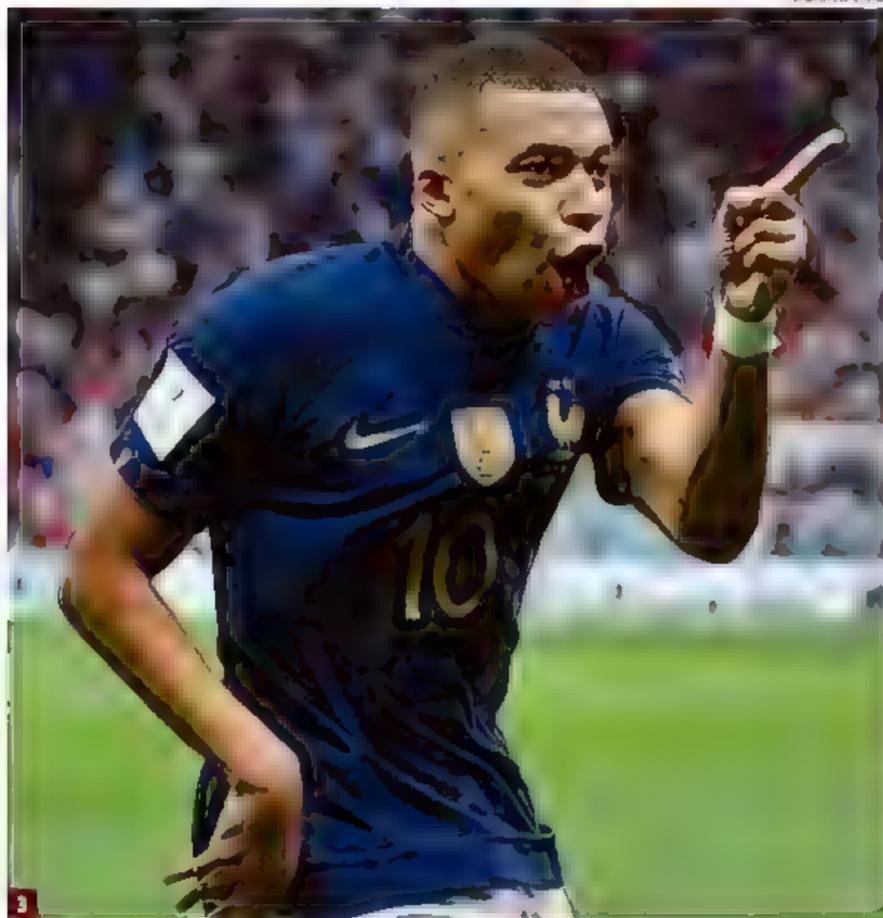
Consulte a Classificação Indicativa das atividades em SESCSP.ORG.BR



Cao Cany Xinhua



Dylan Martinez, Reuters



Matthew Childs



Evil Kudryavsev, AFP

1 O argentino Lionel Messi, 2 O croata Modric, 3 O francês Mbappé e 4 O marroquino Jawad El Yamiq, em ação durante as disputas das quartas de final na Copa do Mundo no Qatar

Clube dos 4

Argentina e Marrocos desafiam França e Croácia nas semifinais por final diferente de 2018

Bruno Lee e Marcos Guedes

SÃO PAULO Sobraram quatro seleções na Copa, duas das quais decidiram a última edição do torneio. Na tentativa de retornar ao confronto final, a França, defensora do título, e a Croácia, atual vice-campeã, terão pela frente, respectivamente, Marrocos e Argentina. O primeiro duelo ocorrerá na terça-feira (13), no estádio Lusail. Responsável pela eliminação do Brasil, de Neymar, a Croácia buscará frustrar a Argentina, de Messi. Em 2018, embora as circunstâncias fossem diferentes, mostrou ser capaz. A partida de quarta (14), no estádio Al Bayt, em Al Khor, terá pela primeira vez uma seleção africana nas semifinais. O time de Marrocos, que já eliminou Espanha e Portugal e levou só um gol até aqui, apostará na defesa por nova zebra.

ARGENTINA X CROÁCIA
Estádio Lusail, em Lusail
Terça-feira (13), 16h

Argentinos e croatas precisarão dos pênaltis para avançar às semifinais da Copa. Para os primeiros, o martírio da prorrogação e dos pênaltis foi desnecessário. Para os segundos, quase uma praxe. No caminho para a decisão da Copa da Rússia, a Croácia disputou o tempo extra nas oitavas, nas quartas e nas semifinais de 2018. No Qatar, superaram Japão e Brasil nos pênaltis — contra a seleção verde-amarela, buscaram o empate aos 12 minutos da segunda etapa adicional. Já a Argentina venceu a Holanda por dois gols até os 38 minutos do segundo tempo, quando foi vazada pela primeira vez. Teve a rede balançada de novo aos 56 (não é um erro de digitação, e sim tempo

extra da arbitragem) e, mantida a igualdade na prorrogação, levou a melhor nos tiros da marca penal. “Estamos aliviados, mas não era um jogo para pênaltis, não era nem para ir à prorrogação”, afirmou Messi, craque da formação alviceleste, que obviamente terá atenção especial da Croácia. Mas não marcação individual. “Sabemos como ele corre, como gosta de ter a bola nos pés, e a chave para a gente será ter disciplina. Precisamos marcá-lo, mas não homem a homem. Como não fizemos homem a homem da última vez”, afirmou o treinador da Croácia, Zlatko Dalić. A referência é ao confronto realizado na Copa de 2018, na fase de grupos, com vitória croata por 3 a 0 — um dos gols foi de Modric, em jogo que a Croácia acertou só cinco chutes na direção do gol.

“ Sabemos como ele corre, como gosta de ter a bola nos pés, e a chave para a gente será ter disciplina. Precisamos marcá-lo, mas não homem a homem. Como não fizemos homem a homem da última vez **”**

Zlatko Dalić
treinador da Croácia, sobre como pretende lidar com Messi nas semifinais

A Argentina realizava uma competição caótica, (não) comandada pelo técnico Jorge Sampaoli, e o craque sul-americano foi frustrado. “É só ver a expressão corporal dele”, disse Dalić, há quatro anos. Agora, sob direção de Lionel Scaloni, a equipe Argentina é muito mais bem organizada. Messi está mais velho, é verdade, com 35 anos. Entretanto, em seu último Mundial, continua sendo quem conduz a formação alviceleste. Do outro lado, estará um time que se recusa a desistir. E que gosta de ter a bola nos pés. Se a Croácia marcar nesta terça, a jogada muito provavelmente terá passado por um dos três — ou pelos três — homens de seu meio-campo. O brilhante Modric, 37, que também faz sua última Copa do Mundo, é auxiliado pelos competentes e dedicados Kovacic, 28, e Brozovic, 30.

FRANÇA X MARROCOS
Estádio Al Bayt, em Al Khor
Quarta-feira (14), 16h

É difícil negar o favoritismo da França, campeã em 1998 e 2018, contra Marrocos, a primeira nação africana nas semifinais da Copa. Mas convém não duvidar do time de Walid Regragui, que exibiu ser capaz de se defender em alto nível. Marrocos levou só um gol em cinco jogos. Foi na primeira fase, na vitória por 2 a 1 sobre o Canadá. E foi gol contra, do zagueiro Aguerd, 26. O arqueira Bono, 31, que faz torneio excepcional, não foi batido por nenhum rival. A Espanha teve 76,8% de posse de bola contra Marrocos. Trocou 1.019 passes. Mas acertou um chute no gol em 120 minutos e, após empate por 0 a 0, perdeu nos pênaltis. Por 3 a 0 — nem ali Bono foi vazado. *Continua na pág. 2*

COPA 2022

Clube dos 4

Continuação da pág. 1

A eficiência se repetiu contra Portugal, triunfo por 1 a 0 em cabeceio histórico de En-Nesyri, 25, já que o atleta alcançou altura de 2,75 m — superou até o voo de Cristiano Ronaldo, em gol contra o Sassuolo em 2021, em que chegou a 2,57 m. O atacante marroquino até foi apelidado pelo Fifa de Skywalker.

Mas o desafio de Marrocos promete ser maior diante da França, que conta com o veloz Mbappé, 23, e o artilheiro Giroud, 36, em ótima fase.

Foi Giroud quem decidiu a vitória por 2 a 1 sobre a Inglaterra, nas quartas. Um jogo em que os atuais campeões voltaram a demonstrar força, apesar dos múltiplos desfalques sofridos na preparação e na própria competição.

O principal foi Benzema, eleito melhor do mundo pela revista France Football em 2022. Mas o substituto Giroud, que passou em branco na conquista da Copa em 2018, já balançou a rede quatro vezes na atual edição. Mbappé celebrou cinco vezes.

Agora, a meta é superar Bono. "Marrocos tem mostrado recursos e qualidade. Merece muito respeito", disse o carnês 9, preocupado com a chance de o rival acrescentar uma zebra à lista deste Mundial. "Precisamos dar tudo de nós contra um rival duro."

Messi e Deschamps podem se tornar recordistas no Mundial

SÃO PAULO Com três semanas de disputa, 60 dos 64 jogos disputados e somente quatro seleções na luta pela Taça Fifa, alguns recordes foram batidos na Copa do Qatar.

Há outros que ainda podem ser iguais ou superados neste Mundial até domingo (18). A Copa 2022 já se notabilizou por ser a primeira no Oriente Médio e a primeira a ter mulheres na arbitragem, além de registrar a maior decepção futebolística de um país-sede: perdeu todos os seus jogos no torneio.

Mais partidas - jogador

Recorde que está bem perto de ser batido envolve Messi, o principal craque da Argentina. Com sua seleção em busca do tri, a "Pulga" (apelido do carnês 10) poderá jogar mais dois jogos: um é a semifinal; o outro, a final ou a disputa do terceiro lugar. Messi tem hoje 24 partidas em Copas (este é o seu quinto torneio). O recordista é o alemão Lothar Matthäus (campeão mundial em 1990), com 25 jogos.

Ou seja, se Messi atuar mais duas vezes, o que é factível, ele será aos 35 anos o jogador com mais jogos em Mundiais.

Técnico bicampeão

O italiano Vittorio Pozzo (1886-1968), com a seleção de seu país, é o único treinador a conquistar duas Copas, na Itália-1934 e na França-1938. Agora, o francês Didier Deschamps, 54, tem a oportunidade de se igualar a Pozzo, já que dirigiu os Bleus (Azuis) no Mundial de 2018. Deschamps tem também no currículo um título de Copa como jogador. Era o capitão francês na conquista de 1998.

Copa artilheira

Encerradas as partidas das quartas de final, a Copa do Qatar soma 157 gols.

No atual formato (32 seleções), vigente desde 1998, as edições com mais bolas na rede foram as da França-1998 e do Brasil-2014: 171 gols cada uma. A marca só irá cair caso os semifinalistas não sejam "econômicos" nos jogos que lhes restam.

Disputas de pênaltis

A Copa do Qatar já teve quatro vagas decididas nas cobranças de penalidades, em Croácia x Japão, Marrocos x Espanha, Croácia x Brasil e Argentina x Holanda. Esse número é o mesmo dos Mundiais de Itália-1990, Alemanha-2006, Brasil-2014 e Rússia-2018. Com mais uma disputa de pênaltis, o atual torneio será o recordista isolado.

Empates sem gols

O Mundial qatariense igualou, com o 0 a 0 entre Espanha e Marrocos nas oitavas de final, o maior número de partidas sem abertura de contagem em uma edição de Copa, sete. Antes, quatro Mundiais tiveram sete empates sem gols, Espanha-1982, Alemanha-2006, África do Sul-2010 e Brasil-2014.

Artilheiro histórico

Este é um recorde improvável de ser atingido, porém, a hipótese não pode ser descartada. Klose lidera a lista dos jogadores que mais gols fizeram em Copas. O alemão tem 16. Messi soma dez pela Argentina, e Mbappé, nove pela França. Será que dá?

Gols em cinco Copas

O português Cristiano Ronaldo, ao marcar de pênalti contra Gana, tornou-se o único jogador a fazer pelo menos um gol em cinco edições de Copa. Ele está à frente de Pelé, Messi e dos alemães Seeler e Klose, que balançaram as redes em quatro edições.

Mais partidas - seleção

Brasil e Alemanha começaram a Copa, cada um, com 109 partidas em Mundiais. Como o Brasil foi mais longe, até as quartas (os alemães ficaram na fase de grupos), o país se isolou no topo do ranking, com 114 jogos.



Goleiro marroquino Bono disputa bola com português Bruno Fernandes. Juan Mabromata/APP

Só Marrocos fez gol em Marrocos na Copa até agora

Seleção africana imita a Itália campeã de 2006 e chega à semifinal com apenas um gol sofrido; e este foi contra

Alex Sabino

DOMA (QATAR) O único time que fez gol em Marrocos foi Marrocos. A surpresa da Copa no Qatar está na semifinal após sua defesa ter sido superada apenas uma vez. Isso aconteceu na vitória da seleção por 2 a 1 sobre o Canadá, na fase de grupos. O zagueiro Nayef Aguerd anotou contra.

A primeira equipe do continente africano a chegar tão longe no Mundial enfrentou Croácia, Bélgica, Espanha e Portugal sem ser vazada.

"Não se trata de nenhuma mágica. Nós sabemos que não teremos muita posse de bola e temos de nos adaptar a isso", explicou o técnico Walid Regragui, no cargo há três meses.

Isso significa que Marrocos se fecha em sistema de marcação rígido e faz jogo direto e vertical quando recupera a bola. A receita não é nova, mas, no Mundial deste ano, tem sido mortal para o time que nesta quarta (14) terá o maior desafio de todos: a França.

Os europeus possuem os dois principais goleadores da competição. Kylian Mbappé fez cinco gols até agora. Olivier Giroud, quatro. O último deles, decretou a vitória sobre a Inglaterra, neste sábado (10), nas quartas de final.

Com a solidez defensiva, Marrocos iguala a campanha da Itália de 2006. A seleção europeia também chegou às semifinais com apenas um gol

contra sofrido. Este foi do lateral Zaccardo, contra os EUA, na fase de grupos. Em sinal de bom presságio para os marroquinos, a Azzurra foi campeã.

Neste século, a Alemanha de 2002 e Portugal de 2006 atingiram esta fase do torneio com a defesa superada uma vez. Mas, nesses casos, o autor do gol foi do time rival.

Antes de Marrocos, outras três seleções africanas haviam chegado às quartas de final. Camarões (1990), Senegal (2002) e Gana (2010) tiveram a chance de avançar, mas falharam em momentos decisivos. Ao derrotar Portugal, a equi-

Estamos quase lá; diz Benzema, em mensagem à França

O vencedor da Bola de Ouro neste ano, Karim Benzema, que deixou a Copa por lesão, publicou neste domingo (11) mensagem de apoio à seleção da França, que busca o terceiro título mundial. "Vamos lá, pessoal! Mais dois jogos, estamos quase lá... Estamos com vocês", disse Benzema no Instagram e no Twitter. O atacante do Real Madrid ainda não tinha falado sobre o Mundial após ter deixado a seleção. Benzema continua na lista da França no Qatar, o que lhe permite receber medalha se os franceses forem campeões.

pe de Regragui acabou com a carreira de Cristiano Ronaldo em Copas. O português, 37, se despediu da competição.

A capacidade defensiva de Marrocos vai além do Mundial. O gol contra de Aguerd foi o único sofrido pela seleção nos últimos dez jogos. A sequência começou com um 2 a 0 sobre a Libéria nas eliminatórias para a Copa Africana de Nações. Atravessou amargos contra Jamaica, Chile, Paraguai e Geórgia antes de chegar ao Qatar.

"Nós hoje temos uma nova geração e, para mim, a mentalidade tem de mudar junto com o time. Todos os aspectos negativos, isso é o velho Marrocos. Nós mudamos. Nosso país mudou", disse o técnico.

Por "aspectos negativos" ele se refere às rixas no elenco no passado, especialmente entre os marroquinos e os que nasceram em outros países e defendiam a seleção por ascendência. "Já tivemos muitos problemas com isso. Entre os rapazes que nasceram no Marrocos e os que nasceram na Europa. Mas hoje em dia mostramos ao mundo que todos os marroquinos são marroquinos."

Sem essa integração, é fácil perceber que não haveria êxito na Copa. O próprio Regragui é parisiense, filho de marroquinos. A maior arma ofensiva do time é Achraf Hakimi, nascido em Madri, na Espanha. Seu companheiro de ataque Hakim Ziyech é holandês, como o lateral Noussair Mazraoui.

Seleção africana pode ser a com pior ranking na final

Sandro Macedo

SÃO PAULO Definidos os dois confrontos da semifinal na Copa do Mundo do Qatar: na terça, 3º x 12º; no dia seguinte o 4º encara o 22º; ou seja Argentina x Croácia no primeiro dia e França x Marrocos no segundo.

Como aconteceu na Copa de 2018, duas seleções fora do top 10 do último ranking Fifa divulgado antes do Mundial conseguiram furar a lista de favoritos e garantir vaga na semifinal. Na Rússia foram Inglaterra (12º) e Croácia (20º). A mesma Croácia volta agora à semi, oito posições acima; e Marrocos é a pior das quatro classificadas, com seu 22º lugar.

Se passarem pela França, os marroquinos vão à decisão com o pior ranking já registrado para um finalista, batendo a marca justamente da Croácia de 2018.

Desde a criação do ranking, no fim de 1992, esta não é a colocação mais distante do topo de um semifinalista. O recorde ainda pertence à Coreia do Sul, 40º na Copa em que foi anfitriã, ao lado do Japão, em 2002. Aliás, os coreanos perderam na disputa do 3º lugar para a Turquia, 22ª na Fifa.

Outra pior que Marrocos foi a Bulgária, 29º do ranking quando terminou em quarto lugar na Copa de 1994, nos Estados Unidos.

Encarar uma poderosa equipe do top 10, como a França, não é novidade para a equipe do norte da África no torneio no Qatar. Pelo contrário, no caminho percorrido até aqui, ninguém teve que enfrentar (e deixar para trás) tantos top 10.

Na primeira fase, a vitória contra a Bélgica (segundo no ranking) por 2 a 0 foi fundamental para dar aos marroquinos a liderança no Grupo F. Os outros rivais na primeira fase foram a Croácia (empate sem gols) e o Canadá (venceram por 2 a 1 o 41º colocado da lista).

Nas oitavas de final vieram os espanhóis, em sétimo. Após o empate por 0 a 0 nos 120 minutos, Marrocos marcou 3 a 0 nos pênaltis e despachou a seleção de Luis Enrique.

Depois, Portugal, mais um top 10 (atualmente, em nono), entrou no caminho dos africanos nas quartas de final. A vitória foi nos 90 minutos, com gol de En-Nesyri. O resultado transformou Marrocos na primeira seleção do continente africano a passar para as semifinais.

Na outra ponta, a Argentina, seleção com melhor ranking na semifinal, só pegou um top 10 até aqui: a Holanda, que é oitava colocada e foi eliminada nas oitavas, nos pênaltis, após empate em 2 a 2.

Franceses e croatas já passaram por dois top 10 na jornada até a semifinal. Os atuais campeões tiveram pela frente a Dinamarca (10º), na primeira fase, e, na última partida, a Inglaterra (5º). Enquanto isso, Modric e cia. jogaram contra a Bélgica (2ª) na primeira fase, e despacharam o Brasil, líder do ranking, nas oitavas de final.

Aliás, a maldição do primeiro colocado do ranking Fifa continua matando mais do que Jason. O Brasil foi a última vítima. Nunca uma equipe à frente da lista conseguiu sair com o título. Quem chegou mais perto foi o próprio Brasil, em 1998, quando liderava a lista e foi até a final, quando perdeu para a França (18º)



FIFA EXIBE BOLA DOS ÚLTIMOS 4 JOGOS DA COPA A última fase do Mundial terá a bola Al Hilal ("O sonho"), nas cores branca e vermelho-bordô que lembram a bandeira do Qatar, substituindo a Al Rihla ("A Jornada"), que tinha bordas azuis, informou a Fifa neste domingo (11). Nick Gunn/APP

Argentina encampa o nós contra o mundo, no melhor estilo Maradona

'Que mirás, bobo?', de Messi a holandês, resume sentimento da seleção ao ser acusada de soberba

Alex Sabino

DOHA (QATAR) "Que mirás, bobo?" Em questão de minutos, a pergunta em tom de desafio de Messi para Wout Weghorst correu o mundo, virou meme nas redes sociais e motivou discussão entre torcedores.

Tratou-se de um chamado às armas. Classificado para a semifinal da Copa do Mundo, a frase do camisa 10 para o atacante rival, este "tá olhando o que, bobão?", virou um emblema da seleção que adotou a ideia de que, agora, são eles contra o mundo. Como Diego Maradona faria.

"Festejei na cara deles porque havia um jogador da Holanda que a cada pênalti vinha e dizia coisas a um dos nossos jogadores", disse o zagueiro Nicolás Otamendi após a Argentina derrotar a Holanda nos pênaltis na última sexta-feira (9) pelas quartas de final.

Da mesma forma que o vídeo de Messi intimando Weghorst, a foto de jogadores argentinos, com Otamendi à frente, zombando dos rivais quando acabou a partida, viralizou. "A imagem foi tirada de contexto e foi uma resposta nossa ao que aconteceu", definiu o defensor.

No jogo mais emocionante e cheio de reviravoltas do Mundial do Qatar, a Argentina tinha vantagem de dois gols, levou empate no 55º minuto do segundo tempo e venceu nos tiros da marca penal. O confronto também teve provocações, troca de empurrões e chute proposital em direção aos atletas do banco holandês.

Publicações europeias criticaram o comportamento dos atletas sul-americanos, acusando-os de "soberba" e de não saberem se comportar com dignidade na vitória.

Para os jogadores argentinos que tiveram contato com a imprensa, é um julgamento injusto. "O árbitro deu tudo para eles", disse o goleiro Emiliano Martínez, herói da disputa de pênaltis com duas defesas.

O principal artífice das provocações holandesas foi o lateral Denzel Dumfries. A declaração do técnico Louis van Gaal de que a Holanda teria vantagem se o confronto fosse para os penais, também irritou bastante a alviceleste. Martínez foi tomar satisfação quando acabou o jogo e



Jogadores de Argentina e Holanda discutem na partida válida pela quartas de final da Copa, no estádio Lusail. Pan Yulong/Xinhua

xingou o treinador.

O ar desafiador encanta os milhares de torcedores da Argentina que estão no Qatar para a Copa do Mundo. No caminho de saída do estádio de Lusail e na fila do metrô, eles cantavam e gritavam os nomes de Lionel Messi, Emiliano Martínez e Nicolás Otamendi. Os que mais saíram em defesa do comportamento da equipe em campo.

"Senti-me ofendido por Van Gaal e seus comentários prévios à partida. Alguns jogadores deles falaram demais", reclamou Messi. Ele também ironizou o fato de o técnico holandês ser considerado um representante do futebol bonito e ter passado o segundo tempo com seu ataque lançando balões para a área em busca de cabeçadas.

Atrair inimizade e hostilidades para ganhar força interior é antiga tática maradoniana. O zagueiro Oscar Ruggeri lembra que, quando a seleção eliminou a Jugoslávia nas quartas de final de 1990, Maradona avisou-lhe para prestar atenção na confusão que

“

Festejei na cara deles porque havia um jogador da Holanda que a cada pênalti vinha e dizia coisas a um dos nossos jogadores

Nicolás Otamendi
zagueiro da Argentina

MATA-MATA

Jogos no horário de Brasília



aprontaria em seguida.

Na entrevista que aconteceu em seguida, a primeira antes da semifinal contra a Itália, dona da casa, o camisa 10 pediu para o hino argentino não ser vaiado. "O norte nunca considerou os napolitanos italianos de verdade e agora querem o apoio deles para a seleção da Itália", cutucou.

Maradona era ídolo, dono e senhor de Napoli. Ele não perdeu a chance de também lembrar que, quando sua equipe jogava em Turim, Milão e Verona, as torcidas locais penduravam faixas dizendo que napolitanos deveriam "se lavar".

O hino da Argentina não foi hostilizado e os sul-americanos se classificaram nos pênaltis.

A seleção de 2022 está fechada em si mesmo e entre os seus apoiadores porque terá pela frente a Croácia, sua alga na fase de grupos de 2018, na Rússia. A derrota por 3 a 0 quase elimina de maneira precoce a equipe.

Em caso de vitória nesta terça, há o confronto em potencial com a França na decisão.

Um Messi x Mbappé que seria um duelo de gerações.

Lionel assume cada vez mais o papel do irascível capitão argentino. Algo que jamais teve vontade de encarnar no passado, mas onde agora se sente à vontade. Mais do que isso, identifica-se com o torcedor do país ao fazer isso.

Alguns deles, na saída de Lusail reviam o passe mágico do camisa 10 para Molina fazer o primeiro gol contra os holandeses. Mas também assistiam às confusões do jogo, o "que mirás, bobo?" e o atacante comemorando seu gol olhando para Van Gaal, em ar de desafio, com as mãos espalmadas atrás das orelhas. Foi um gesto de pura simbologia.

Era Messi respondendo ao treinador que no passado disse que ele sozinho não ganhava títulos e ironizava o título de "melhor jogador do mundo" que haviam dado ao argentino. O gesto do argentino remetia a Topo Giglio, personagem de desenho infantil de orelhas grandes.

Juan Román Riquelme o fez em um Boca Juniors e River Plate, em 2001, ao marcar um gol e comemorar em frente ao mandatário do clube e futuro presidente da Argentina, Mauricio Macri. Era uma briga pela renovação de contrato, mas entrou para a história.

Mas há a parte de Van Gaal nesta confusão. O holandês não deu a Riquelme muitas chances em 2002, quando ambos estavam no Barcelona.

"Quando você tem a bola, é o melhor do nosso time. Mas, quando não tem, é como se jogássemos com um a menos", desesperou-se o treinador, ao acreditar que a genialidade de Riquelme, um dos maiores de sua geração, não era o bastante se não houvesse entrega tática na marcação.

Di María também detesta Van Gaal pelo tempo que passaram juntos no Manchester United, entre 2015 e 2016.

A arbitragem na Copa também fez esquentar o clima e ampliar o sentimento de todos contra a Argentina.

"O árbitro queria que eles [a Holanda] empatassem. Ganhamos apenas porque tivemos paixão e coração. Como Espanha foi eliminada, queremos nos eliminar também", acusou Emiliano Martínez, referindo-se à nacionalidade do árbitro Mateo Lahoz, que apitou as quartas de final.

No sábado (10), após ser eliminado por Marrocos, o lusobrasileiro Pepe disparou em tom de teoria conspiratória. "De 8 ou 9 árbitros que tivemos aqui hoje no jogo, 5 são argentinos. Posso estar muito errado, mas tenho muita experiência disso. Posso dizer que eles vão dar o título para a Argentina."

Derrota do Brasil faz torcida esconder amarelo, remarcar a passagem e debandar do país-sede

Victoria Damasceno

DOHA (QATAR) O fim da Copa do Mundo para o Brasil casou uma debandada de turistas brasileiros no Qatar. Com a derrota da seleção para a Croácia, os torcedores que tinham passagens compradas para depois da final remarcaram os voos e estão deixando o país-sede mais cedo.

No Aeroporto Internacional Hamad, em Doha, brasileiros aguardavam embarque rumo à São Paulo neste domingo (11). Ao contrário dos voos na ida, tomados por gritos de hexa, cantos e fantasias, desta vez, o tom era mais sóbrio.

Se não fosse possível ouvir-lho falando em português, mal se saberia que eram brasileiros. Mesmo as camisetas verde e amarelas não eram o item do dia para a maioria.

Mariana Neme, 42, tinha planos iniciais de voltar para casa, em Brasília, logo após o jogo contra a Croácia. Confiante no triunfo da seleção, porém, postergou a passagem

para assistir também à semifinal. Mas a vitória não veio.

No dia seguinte à derrota do Brasil, sua primeira tarefa foi remarcar novamente o voo, desta vez para antecipar a volta. Sem a seleção no campeonato, ela não quis mais acompanhar o Mundial. A troca custou R\$ 50.

"Voltando porque o Brasil perdeu, não tem mais Copa, a cidade está morta. Tenho recebido um monte de mensagens dos qatarienses e dos brasileiros que conhecemos aqui que o país está triste", diz, enquanto espera o voo.

Neste domingo, estão programadas oito voos rumo à São Paulo. Os diretos, que duram em média 14 horas, costumam ser mais caros. Muitos turistas fazem escalas em cidades da Europa e África para baratear a viagem.

Quem também remarcou a passagem foi João Moura, 37. O advogado estava no aeroporto para o embarque do pai, que também esperava o avião para a capital paulista.



Torcedores do Brasil após derrota para Croácia. Adrian Dennis/AFP

Moura ficaria até a final, mas, assim que Marquinhos chutou a bola na trave, teve a certeza que queria ir embora.

Seu voo, com escala no Egito, lhe rendeu uma economia

de R\$ 3.000 em comparação com os diretos. No momento da troca, conseguiu remarcar o primeiro trecho sem custos adicionais, e o segundo por cerca de R\$ 383.

"Eu pagaria tranquilamente o triplo disso, para mim é como se fosse zero", diz Moura, que ainda não tinha ingressos para os próximos jogos.

A seleção brasileira também remarcou as passagens assim que o resultado se tornou desfavorável. Os atletas saíram de campo na noite de sexta e embarcaram rumo à Londres, na Inglaterra, no início da tarde do dia seguinte.

O time foi eliminado do Mundial na sexta-feira (9) na disputa de pênaltis contra a Croácia, após empate por 1 a 1 nos 120 minutos —os gols saíram na prorrogação e o empate croata aconteceu a poucos minutos do fim.

Depois da eliminação, o técnico Tite confirmou a saída da seleção brasileira. Tite já havia dito que a Copa do Mundo do Qatar seria seu último campeonato com a seleção e, em entrevista coletiva após a derrota, declarou o "fim do ciclo" —ele também comandou a equipe na Copa de 2018, na Rússia, quando o Brasil foi eliminado na mesma fase das quartas de final, para a Bélgica.

"Derrota dolorida, porém em paz comigo mesmo", pontuou. A CBF deve anunciar em janeiro seu substituto.

Neymar expõe falas com colegas após eliminação na Copa

SÃO PAULO No dia em que chegou ao Brasil, neste domingo (11), Neymar postou no Instagram mensagens que trocou por WhatsApp com Marquinhos, Thiago Silva e Rodrigo, após a derrota no Qatar.

"Decidi expor (sem permissão deles) para verem o quanto queríamos e o quanto estávamos unidos. Essas foram algumas das muitas mensagens que troquei com o grupo. Sentimento de muita tristeza... mas temos que ser mais fortes para seguir em frente e (...), com o apoio de todo torcedor, voltaremos mais fortes."

Para Marquinhos, Neymar postou ser seu fã e afirmou que "um pênalti não vai mudar o que penso de você". O zagueiro respondeu que conta com o camisa 10 no futuro: "[...] vamos precisar um do outro nas próximas batalhas."

Para Rodrigo, Neymar falou para o atacante não desistir nunca e ainda brincou que vai ensinar Rodrigo a bater pênaltis. A Thiago Silva, o camisa 10 disse que "queria muito te dar essa Copa."

copa 2022



Funcionária na sombra em frente a uma das piscinas do acampamento Fan Village Al Khor; hotel de luxo tem tendas montadas no meio do deserto Fotos Gabriela Bilé/Folhapress

Turista dá até R\$ 5.200 por estada no deserto com wi-fi e ar-condicionado

Tendas em Al Khor, cidade que abrigou a abertura da Copa 2022, oferece hospedagem com luxo

Victoria Damasceno e Luciano Trindade

AL KHOR (QATAR) Em Al Khor, o verão é longo, escaldante, abafado e árido. A cidade qatariana chega a ter temperaturas de 43°C. O inverno é mais agradável, embora o clima fique seco e com ventos fortes.

É um cenário perfeito para quem quer experimentar o clima desértico no país da Copa.

A cidade já foi um pequeno e isolado povoado, distante cerca de 50 quilômetros da capital Doha, que desempenhava um importante papel na indústria de petróleo do país antes de passar a ser explorada pelo turismo.

Foi lá que o Equador venceu a seleção da casa na abertura da Copa do Mundo, no estádio Al Bayt, por 2 a 0.

Também é lá um dos locais procurados pelos turistas que viajaram ao país do Mundial 2022 para se hospedarem em barracas que tentam reproduzir tendas beduínas, como a Fan Village Al Khor.

A vila oferece hospedagem em tendas rústicas em uma região desértica, mas perto do golfo. Por isso, apesar do clima de deserto, há algumas praias por perto, entre elas Al Farka e Al Thakhira.

São mais de 200 acomodações que começaram a ser construídas no mês de abril, e levaram seis meses para serem finalizadas. O plano da gerência, entretanto, é que a vila seja permanente e, após o campeonato de futebol, aperfeiçoada. Os valores da obra não foram informados.

O espaço é reservado por meio do site administrado pelo Supremo Comitê de Entrega e Legado e, assim como todos os eventos e locais gerenciados por ele, não comercializa bebidas alcoólicas.

A acomodação, por exemplo, tem uma Fan Zone, mas o espaço não tem cerveja com álcool — assim como o restaurante do local, que oferece culinária internacional.

Os amigos Jasem Yousef, 45, e Mohammad Alqallaf, 37, estão curtindo a acomodação. Eles vieram do Kuwait para assistir aos jogos da Copa do



Funcionária trabalha com carrinho de lençol em tendas de luxo no deserto de Al Khor

“Se quiser um hotel, tem um monte deles em Doha. Aqui são tendas, é uma experiência diferente”

Jasem Yousef
turista do Kuwait



Mundo e optaram pelas tendas para ter uma experiência diferente daquelas oferecidas pelos hotéis da cidade.

A distância não é uma questão. Agendam serviços de carro com duas ou três horas de antecedência quando precisam sair nos horários mais requisitados, como para ir aos estádios das partidas.

Gostam da comida e da limpeza e não tem críticas em relação aos serviços da vila.

“É muito muito bom. Se quiser um hotel, tem um monte deles em Doha. Aqui são tendas, é uma experiência diferente”, afirma Yousef.

A acomodação também conta com áreas dedicadas a crianças, com espaço recreativo para brincarem.

Os chineses Michael Zheng, 38, e Judy Lee, 37, moradores da Austrália, são pais da Jolena e do Henry. Eles vieram ao Qatar para passar quatro dias após programarem a viagem desde o início do ano. A família não havia realizado um passeio do tipo desde o início da pandemia de novo coronavírus, em 2020.

Lee considera único o estilo da acomodação, principalmente por viverem em um local tão diferente. Zheng lembra que a vila não é hotel e, por isso, oferece uma experiência completamente nova para quem vive em ambientes urbanos. “A equipe é muito boa. É muito paciente”, afirma. “E são muito cuidadosos com as crianças”, completa Lee.

Um quarto que comporte uma família de quatro pessoas, com duas crianças, custa, no mínimo, aproximadamente R\$ 3.700 por diária. Quem optar por ter vista para o mar, o preço pode chegar a cerca de R\$ 5.200 por diária.

A suíte oferece uma cama king size e duas camas de solteiro, além de armário, um gaveteiro grande, minibar, televisão smart, cofre, ar-condicionado e wi-fi.

As comodidades, de certa forma, tiram grande parte da experiência de isolamento no deserto.

O ar-condicionado, por exemplo, está presente por toda a parte. Dentro das acomodações, chega a ser tão frio que dá para esquecer que ali é um deserto, principalmente se você ligar a televisão e conectar seus serviços de streaming, algo que, certamente, não seria possível em uma experiência desértica verdadeiramente autêntica.

Nem era a intenção, afinal, o local é apresentado como uma “luxuosa” hospedagem no deserto do Qatar.



Interior de uma das tendas; os quartos têm cama de king size e duas de solteiro, além de ar-condicionado, TV, minibar, cofre e wi-fi

Preocupação brasileira com prêmio de melhor do mundo é estúpida

Paulo Vinicius Coelho

Jornalista, autor de 'Escola Brasileira de Futebol', cobriu seis Copas e oito finais de Champions

Neymar estreou no Santos no dia 7 de março de 2009, aos 17 anos, sob uma pergunta: "Quando ele será o melhor do mundo?" Ficou maior de idade, chamado de menino Ney, foi pai, seguiu chamado de menino Ney, e ouvindo: "Quando o Brasil vai voltar a ter o melhor do mundo?".

Questão estúpida! Quem a repete somos nós, jornalistas. A um questionamento neurótico, uma resposta nervosa: quando o Brasil for campeão de novo, ora! Pode demorar, como se percebe pelo escandaloso fato de só um jogador de clube sul-americano ter feito gol nesta Copa. Dois do Campeonato Croata marcaram, Ljajca e Bruno Petkovic.

Parece que uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas o Brasil nunca foi campeão tendo mais convocados fora do que dentro do país. Em 2002, eram 13 de times brasileiros e 10 na Europa. Em 1994, 11 a 11. A primeira vez da seleção em Copas com um "estranheiro" foi em 1982, Falcão, da Roma, e Dirceu, do Atlético de Madrid.

Só a França foi campeã tendo mais convocados no exterior. Futebol reflete cultura. Um jogador formado no Santos é diferente de alguém cuja formação terminou no Real Madrid. Rodrygo sempre será diferente de Neymar. Para o bem e para o mal.

Hoje, não dá para convocar quem joga o Brasileiro sem um ponto de interrogação na cabeça. Ninguém tem certeza de seu nível, principalmente depois desta Copa, em que Everton Ribeiro e Pedro não aproveitaram os poucos minutos que tiveram. Em que só um jogador da América do Sul fez gol.

Voltamos à observação neurótica. O Brasil não tem o melhor jogador do planeta desde Kaká, em 2007. E que importância tem isso, diante do fato de que a seleção não ganha a Copa do Mundo há mais tempo?

Gustavo Kuerten foi o número um do ranking do tênis por 43 semanas, a última em novembro de 2001. O Brasil foi o primeiro no futebol em 30 de junho de 2002, quando venceu a Alemanha, em Yokohama.

Nunca mais depois disso. Neymar não foi e não será o melhor do mundo, salvo se houver um acidente da natureza de fazê-lo ser maior do que Messi ou Mbappé numa hipotética conquista do Paris Saint-Germain na Liga dos Campeões. Ou se fizer uma Copa do Mundo como a de Messi no Qatar, daqui a quatro anos, aos 34.

Improvável. O que torna a pergunta ainda mais tola. Neymar está na história do futebol por diversos motivos. Ajudou o Santos a recuperar a Libertadores, foi campeão e artilheiro da Liga dos Campeões — o único junto a Messi e Cristiano Ronaldo em 11 anos — e a mais cara transferência de todos os tempos.

A França sofreu para ganhar da Inglaterra, seu jogo mais dolorido, vencido com Mbappé marcado e Griezmann dando o passe para Giroud decidir.

Nenhum francês está, neste momento, perguntando quando seu camisa 10 será eleito o melhor do mundo. A razão não é Benzema ter vencido a Bola de Ouro, da France Football, neste ano. A preocupação é ganhar o terceiro título.

A França é a favorita. Apesar de Messi, o melhor jogador do século 21.

Com Mbappé marcado pela Inglaterra, Griezmann e Giroud decidem



Messi em múltiplas posições para superar a defesa da Holanda



Semifinais dos sonhos; dos outros

Juca Kfourri

Jornalista, autor de "Confissão que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Marrocos está nas semifinais, e como sonhou com a façanha. Enfim, uma seleção africana chega tão longe ao jogar o futebol que poderia jogar, ao fazer da superação anímica o fator preponderante de sua campanha que deixou pelo caminho forças como Bélgica, Espanha e Portugal.

A Croácia, que ficou atrás de Marrocos no grupo, embora tão invicta como os africanos/árabes, também realizou o sonho de voltar às semis como em 2018, graças ao feiticeiro Modric, capaz de estar em todos os lugares do gramado, aos 37 anos, mesmo ao fim de 120 minutos de futebol.

Assim como a Argentina de Lionel Messi, que já esteve numa e faz questão de ir adiante, como foi no Brasil, em 2014.

Respeitar os croatas será o mínimo que farão os argentinos depois do susto contra a Holanda, quando um jogo liquidado virou pesadelo, virou tango, graças à cobrança genial de falta arquitetada pela cabeça inquieta do polêmico Van Gaal, que caiu fora pela segunda vez sem perder jogo algum, como em 2014.

Quiseram os deuses dos estádios que novamente os argentinos fossem os algo-

zes, desta vez nas quartas de final, e não nas semis, como em Itaquera.

Aloysius Paulus Maria van Gaal, conhecido como Louis van Gaal, mas que bem poderia ser chamada, em holandês, de Gek van Gaal, como Loco Bielsa, tem humor estranho, é marrento, contraria a ofensividade e a rotação permanente dos gênios Rinus Michels e Johan Cruyff, e obtém bons resultados, sem levar os holandeses ao título mundial.

Finalmente, está aí a França mais uma vez nas semifinais, o que está ficando monótono para ficar ao feitio de uma certa ideia de França. Sem N'Golo Kanté, sem Paul Pogba, mas com Tchouaméni, sem Karim Benzema, sem Presnel Kimpembe, sem... mas com Kylian Mbappé.

Se Jairzinho foi o Furacão da Copa de 1970, Mbappé é o Tsunami da de 2022.

Sobraram três números 10 para homenagear e fortalecer a torcida do mundo pela recuperação do maior de todos.

Mbappé, Messi e Modric carregam nas costas as notas que os mais exigentes professores da bola a eles conferem com louvor. Que final teremos? Argentina e França

Como não ganhamos?

Luís Curro

Jornalista, responsável pelo blog O Mundo É uma Bola

A Copa do Mundo se aproxima de seu final (faltam quatro jogos) e quatro países continuam na luta pela Taça Fifa. O Brasil não é um deles. Caiu nos pênaltis, diante da Croácia, na sexta-feira (9).

Sempre que a seleção brasileira é eliminada de uma Copa, comentaristas/analistas/jornalistas buscam uma explicação, ou mais de uma, para que isso tenha acontecido. Na cabeça do brasileiro, não estar pelo menos na final é um desastre, uma tragédia, um 7 a 1. Algo inconcebível, difícil de mastigar, engolir e digerir.

Afinal, o Brasil é o mais vitorioso em Copas (5), o único a ter jogado todas as Copas (22), o que mais disputou partidas em Copas (114), o que mais jogos ganhou em Copas (76), o que mais gols fez em Copas (237).

Somos os melhores. Somos o país do futebol. Como não ganhamos?

Não ganhamos porque o futebol não é ciência exata e porque a Copa do Mundo, com seus mata-matas a partir das oitavas de final, equilibra as forças. Invariavelmente, há uma surpresa, ou mais de uma.

Nesta Copa, a do Qatar, a queda do Brasil em jogo eliminatório não foi a única de um favorito. Teve a Espanha, que parou em Marrocos, também nos pênaltis, após em-

polgar com 7 a 0 na estreia diante da Costa Rica. Portugal idem, parou em Marrocos.

A seleção de Tite (que agora não é mais de Tite) chegou a animar ao golear a Coreia do Sul nas oitavas, depois de uma primeira fase não muito auspiciosa (vitórias difíceis sobre Sérvia e Suíça e derrota para Camarões, esta com titulares poupados).

Atuação efêmera, de três dias de duração. Diante dos croatas, a equipe voltou a pecar no quesito que, a meu ver, foi determinante para sair da Copa: a falta de gols.

Óbvio, dirá o leitor: Futebol é bola na rede, né? A questão é que, fazendo adaptação com a frase de Chacrinha, o Velho Guerreiro, "quem não finaliza (bem) se trumbica".

Neste Mundial o Brasil, apesar de criador e finalizador (não se pode acusar a seleção de não buscar o gol incessantemente), teve dificuldade tremenda — exceção ao primeiro tempo do duelo com os sul-coreanos — de "sair para o abraço". Ou, no caso desta seleção, "sair para a dançinha".

Contra a Croácia, as tentativas de gol pulularam. Segundo a Opta (empresa de dados esportivos), o Brasil finalizou 21 vezes. Onze, ou mais da metade, tiveram a direção certa, mas só uma bola entrou.

O goleiro Livakovic destacou-se, como

em luta pelo tricampeonato é a esperança e a aposta do Planeta Bola.

E se der Croácia x Marrocos? Seria um murro nos negócios do futebol, mas, ao mesmo tempo, a possibilidade de revisão dos métodos predominantes nesse esporte mais popular da Terra, em franco processo de gentrificação, como o Qatar demonstra cabalmente.

Sem necessidade de odiar o futebol moderno, o futebol raiz pediu e ganhou passagem nesta Copa do Mundo. Nem Messi, nem Mbappé foram vistos se deliciando com churrascos de ouro, Modric muito menos.

Saïss, o capitão marroquino, prefere enfiar a coxa para continuar em campo, beliscar o calcanhar do adversário se necessário for, enfrentar Cristiano Ronaldo como se fosse Dom Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir. E vencer.

O sonho brasileiro do hexacampeonato ficou pelo caminho, pela quinta vez seguida, ao repetir o hiato havido entre 1970 e 1994.

Menos mal que a vitória mais importante para os brasileiros em 2022 já havia acontecido, em 30 de outubro.

Não é preciso ganhar sempre no futebol, nem é edificante perder sempre, dura realidade para os que não têm mundial.

Quem sabe o hexa venha na próxima, com competência, alegria e, sobretudo, simplicidade, a melhor maneira de ser sério sem ser mal-humorado.

A palhaçada anda demasiada, além da terminologia rebuscada.

Milinkovic-Savic (Sérvia), Sommer (Suíça) e Epassy (Camarões). Porém quem faz do goleiro o nome do jogo é quem ataca. Por mais que o goleiro seja bom, a maioria das bolas que ele defende são as que vão na sua direção (alguns aceitam até essas, tornando-se frangueiros). O goleiro joga quase sempre centralizado. Se a bola vai forte, no canto, dificilmente ele salva.

Livakovic fez uma dezena de defesas, mas nenhuma espetacular, de bola que foi no ângulo. Neymar, Vinicius Jr., Lucas Paqueta, Casemiro (no fim da prorrogação), todos eles finalizaram mal, em cima do camisa 1 croata. O mérito é de quem chutou.

A era Tite termina meio "déjà vu". Na Copa de 2018, na derrota para a Bélgica nessa mesma fase, a de quartas de final, a seleção finalizou 27 vezes, nove delas na direção do gol, e uma única vez a bola entrou. Courtois fez duas últimas defesas, o resto foi incompetência dos brasileiros.

Virá novo técnico, talvez Neymar não esteja mais presente (para mim, estará, pois vai querer superar o número de gols de Pelé pela seleção), alguns jogadores não devem mais ser convocados, e outros, mais jovens, permanecerão ou chegarão.

Será prioridade até a Copa de 2026, quando o Brasil completará 24 anos sem erguer a taça (igualando jejum de 1970 a 1994), além de manter o alto número de chutes (ou cabeçadas) a gol, acertar o pé (ou a cabeça).

Tem como fazer isso? Há de ter, ou na Copa na América do Norte a avaliação será como a de hoje: "Fomos melhores, mas faltaram gols. Perdemos".

TODA MÍDIA

Nelson de Sá

nelson.sa@grupofolha.com.br

No exterior, 'ponto final no talento tóxico' de Neymar e sua dança

Na capa do New York Times de sábado (10), o "fim da dança deles", com foto de jogadores brasileiros prostrados no gramado. No título interno, "Croácia, como de costume, tira a alegria da festa do Brasil". Outros textos, no jornal e pelo mundo, foram menos indulgentes. "Brasil sente a conhecida dor do fracasso", escreveu o colonista do NYT, sublinhando a busca nacional or "alguém para culpar", sobretudo Tite, para quem "já apontam os dedos".

Também na China saíram atrás do culpado, com o portal 163 ouvindo o ex-ídolo e hoje técnico Peng Weiguang apontar a "mentalidade instável" dos jogadores brasileiros e suas "falhas ofensivas".

Outro, o portal Sina, levou ao título que "estar envolvido no 'conflito entre esquerda e direita' é a morte do futebol brasileiro", concentrando-se na crítica ao "núcleo absoluto da seleção", Neymar.

O inglês The Guardian também foi por aí, ressaltando o "talento tóxico de Neymar" e dizendo que a Copa "parece um ponto final" para o jogador. Ele "ainda pode ganhar coisas, mas sua carreira em acordo maior acabou, no lugar que o enriqueceu, mas também roubou seu valor".

Neymar buscou ele próprio puxar pa-

ra si a responsabilidade, inclusive em mídia social, escrevendo no perfil de seu ex-agente Wagner Ribeiro, que havia chamado Tite de enganador: "Não fala merda, Wagner". Foi destaque no tabloide alemão Bild, "Red' keinen Scheiß, Wagner!".

O jogador foi além em nota de tom dramático do domingo, como registrou o inglês Daily Mail, mas então já era tarde. O destaque agora são os semifinalistas, não a seleção eliminada outra vez nas quartas.

Palestina

Outros americanos, como Washington Post e CNN, logo perceberam e noticiaram que "o mundo árabe se une pela causa palestina", após a vitória do Marrocos sobre a Espanha. Mas o NYT relutou.

A primeira galeria de fotos da partida, na home, contrastava com a cobertura ao redor do mundo, que destacava a bandeira palestina. E no relato do jogo, a informação só foi entrar no curto 25º parágrafo, com viés crítico.

Isso foi mudar com o texto "Agitando a bandeira da seleção não oficial da Copa", informando embaixo que se buscava "elevantar a causa palestina nas arquibancadas e no campo". Do jornalista Tariq Pan-

ja, com a foto tornada célebre, da AFP:

"Juntos no gramado, com a multidão de torcedores marroquinos vestidos de vermelho rugindo atrás deles, os jogadores e seus treinadores se aglomeraram e esperaram enquanto uma bandeira era hasteada. Não era a bandeira de Marrocos. Bem no meio da foto do time, estendida para que pudesse ser exibida em toda a sua glória, estava a bandeira palestina. A seleção do Marrocos, em seu momento de triunfo, parou para chamar a atenção para um lugar e uma causa."

No jogo seguinte, contra Portugal, o NYT não tocou mais no assunto. E sites pró-palestinos noticiaram que "policiais a cavalo espancaram e arrastaram palestinos que festejaram vitória do Marrocos no Portão de Damasco, em Jerusalém".

Casimiro venceu

O Financial Times fez um primeiro balanço do "notável experimento" da Fifa com o influenciador de games Casimiro. No YouTube, sua transmissão do jogo contra a Croácia foi maior audiência ao vivo no ano. No Twitch, foi dele a conta mais popular do mundo, no início de dezembro. Vendo "implicações de longo prazo", o FT avalia que, "tendo feito o manual funcionar no Brasil, agora há espaço para lançá-lo noutros mercados ou para outros eventos, como a Copa do Mundo Feminina no ano que vem".

copa 2022



Qatar espera fim do futebol para iniciar Copa de falcões

Marmi Festival é dedicado à ave que é símbolo do país e pode valer R\$ 1,5 mi

Alex Sabino e
Gabriela Biló

DOHA E AL KHOR (QATAR) A 11 quilômetros do estádio Al Bayt — palco da abertura do Mundial 2022 e da partida entre França e Marrocos pelas semifinais, na próxima quarta-feira (14) —, o Qatar faz sua preparação para a próxima copa que sediará.

O movimento no local é intenso. São pessoas com túnicas brancas ou beges. No braço está sempre um pássaro com uma balaclava que lhe cobre os olhos. Ali funciona o hospital de Al Khor para falcões, a ave nacional do Qatar. Durante a temporada de caça, de agosto a abril, a clínica chega a atender 200 animais por dia. O número pode atingir 25 mil por ano.

A preocupação no momento é estar pronto para o Marmi Festival, evento que é realizado anualmente em Doha, geralmente em janeiro, e atrai milhares de pessoas. É uma espécie de Copa do Mundo dos falcões.

“É a competição mais importante que temos. Vem muita gente para assistir, inclusive os turistas e os treinadores de outros países. É gigante”, afirma Niyaz Abbas, 26, funcionário do Birds Central, loja que vende falcões no Falcon Souq, espaço dedicado à exibição e comércio da ave, no centro de Doha.

A Copa do Mundo de futebol atrapalhou a preparação para o Marmi Festival. Os treinos dos animais, que podem ser feitos pelo Falcon Souq, foram cancelados por causa da espera por turistas interessados no futebol. Não que Abbas tenha notado tanta diferença assim. “A quantidade de pessoas é basicamente a mesma”, constata o vendedor, que faz cara de enfado quando visitantes entram na loja não para

comprar, mas para fotografar e perguntar e perguntar se é possível colocar um falcão sobre o braço. O pedido sempre é atendido.

O Marmi Festival se prepara para realizar a sua 14ª edição. É o nome popular do Festival Internacional de Falcões e Caça. O propósito é promover aspectos tradicionais da cultura árabe, da qual o falcão é representativa.

“Ele faz parte de quem somos, da nossa herança. São lembranças que passam de família para família, de um animal tão leal que só atende a voz do seu dono”, afirma o médico Ikdam Alkarkhi, diretor do hospital de falcões de Souq Waqif, muito procurado por visitantes do exterior por se encontrar na região mais turística de Doha.

A clínica mais movimentada fica em Al Khor, nas cercanias de Doha. É para lá que vão os treinadores preocupados com a saúde de seus animais antes do Marmi Festival.

Milhares de falcões são pré-selecionados, e apenas quatro participam das finais de cada categoria. Há classes velocidade (a ave pode voar a até 300 km/h), caça e alcance da visão (ela enxerga com precisão 300 vezes maior do que a do ser humano).

Existe também a disputa com base na beleza, na qual geralmente são inscritos os falcões mais caros, da raça golden white. Raros, eles podem valer até 1 milhão de rials do Qatar (R\$ 1,42 milhão).

“Se você procurar aqui em Souq Waqif, talvez encontre um. Mas o preço vai partir de 200 mil rials [R\$ 285 mil]”, explica Abbas.

Os prêmios para os vencedores são significativos. O primeiro colocado de cada categoria recebe 100 mil rials (R\$ 142 mil). São distribuídos 15 veículos da fabricante Le-



Doha tem lojas 1 e até hospitais 2 especializados dedicados a falcões, onde a ave pode receber medicamentos 3

Fotos Gabriela Biló

“

É a competição mais importante que temos. Vem muita gente para assistir, inclusive os turistas e os treinadores de outros países. É gigante

Niyaz Abbas
funcionário do Birds Central, loja que vende falcões no Falcon Souq

“

Ele faz parte de quem somos, da nossa herança. São lembranças que passam de família para família, de um animal tão leal que só atende a voz do seu dono

Ikdam Alkarkhi
diretor do hospital de falcões de Souq Waqif

xus. Mas a recompensa maior é o ego de ter o melhor falcão, algo importante na cultura qatariana. Espalhada pelo Oriente Médio, é tradição iniciada há mais de 5.000 anos na região onde hoje está o Irã.

Os beduínos introduziram a criação da ave no Qatar, dentro da tradição de caça de carne fresca para alimentar os donos. “O [Marmi] Festival é a representação da importância que esta ave tem para os qatarianos e para a região. Dos amigos que vão para o deserto, fazem fogueira, levantam barracas, soltam o seu falcão para ir atrás de uma caça e depois recebem um pedaço de carne como recompensa. De fato, o falcão é um animal que, quando captura a presa, abre suas asas para que os outros falcões não vejam”, explica Alkarkhi.

A caça com o falcão é considerada o esporte nacional do país. Isso apesar dos cerca de US\$ 200 bilhões (R\$ 1,05 trilhão) gastos pelo governo do Qatar para receber a Copa do Mundo de futebol.

O Marmi Festival tem o apadrinhamento, como tudo nesta nação árabe, do emir Tamim bin Hamad Al Thani. O mesmo que autorizou o investimento para receber o torneio da Fifa. Em todas as lojas que vendem falcões e nos hospitais em que os livros sobre anatomia deste animal estão sobre as mesas, está pendurado na parede quadro com foto do emir de braço esticado, com uma ave sobre ele.

As clínicas são subsidiadas pela família real. Atendem a treinadores locais e aos que viajam de outros países da região. O valor pago é simbólico. O Ministério do Meio Ambiente do Qatar possui um departamento apenas para cuidar de falcões. Os animais que participam de competições ostentam até passaportes para viajar ao exterior.

O que os criadores, vendedores e treinadores de falcão esperam agora é que a Copa do Mundo de futebol termine para que o seu equivalente de falcões comece.

“Para as pessoas da região é algo muito importante”, constata Mohamed Al Quwaru, gerente do hospital para falcões de Al Khor.